

A Imortalidade dos Animais

E. D. Buckner

A.M., M.D., Ph.D.

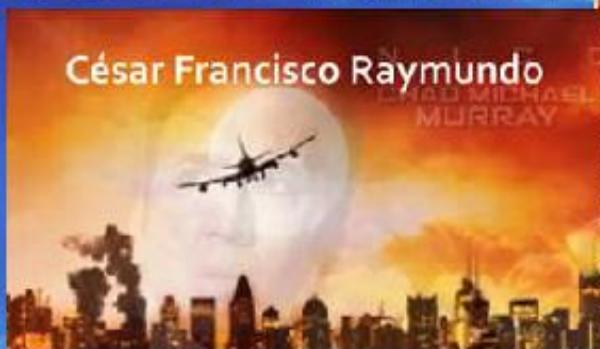
e a relação do homem como
guardião, a partir de uma
hipótese bíblica e filosófica

—Revista Cristã—
Última Chamada

O últimos dias como você nunca ouviu falar!

César Francisco Raymundo

ANDREW MICHAEL
MURRAY



DEIXADOS PARA TRÁS

Separando a Ficção
da Realidade

Revista Cristã
Última Chamada

- ▶ Arrebatamento
- ▶ Fim do mundo
- ▶ Guerras
- ▶ Grande Tribulação
- ▶ Milênio
- ▶ Preterismo
- ▶ Pós-milenismo

www.
revistacrista
.org

A Imortalidade dos Animais

e a relação do homem como
guardião, a partir de uma hipótese
bíblica e filosófica

E. D. Buckner
A.M., M.D., Ph.D.

Tradução e adaptação textual
por César Francisco Raymundo

— Revista Cristã —
Última Chamada

- Julho de 2020 -

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal

Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298

Operação: 013

Conta: 00028081-1

Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

www.revistacrista.org

Contato:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org

A Imortalidade dos Animais

*e a relação do homem como guardião,
a partir de uma hipótese bíblica e filosófica*

Autor: E. D. Buckner

Revista Cristã Última Chamada
- Julho de 2020 –

Capa e tradução: César Francisco Raymundo

Título original em inglês:

The Immortality of Animals

*And the Relation of Man as Guardian, from a Biblical
and Philosophical Hypothesis*

Sobre o Copyright © desta obra:

Copyright, 1903, By George W. Jacobs & Co. Published, June, 1903. Devido ao ano que foi escrito, este livro está em domínio público nos EUA. Esta tradução do livro *The Immortality of Animals And the Relation of Man as Guardian, from a Biblical and Philosophical Hypothesis* (1903) é a primeira a ser realizada em língua portuguesa. Esta tradução está protegida pela LEI Nº 9.610, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998. De acordo com esta Lei de Direitos Autorais, esta tradução é uma obra “inedita - a que não haja sido objeto de publicação;” (Art. 5º, inc. VIII, d); “derivada - a que, constituindo criação intelectual nova, resulta da transformação de obra originária;” (Art. 5º, inc. VIII, g).

Revista Cristã Última Chamada publicada
com a devida autorização e com todos os
direitos reservados no Escritório de Direitos
Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de
Janeiro sob nº 236.908.

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais.
É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.

Editor

César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br

Site: www.revistacrista.org

Julho de 2020

Londrina - Paraná

*Ó Senhor, em cuja banda está a alma de todo ser vivo.
Preservas homens e animais.*

- A Bíblia.

*Eu não entraria na minha lista de amigos,
Embora agraciado com boas maneiras e bom senso,
Ainda querendo sensibilidade, o homem
Que desnecessariamente põe os pés em um verme.*

- Cowpee.

Dedicatória

A Society for the Prevention of Cruelty to Animals, Humane Society, Humane Association, Humane Education Society, Anti-Vivisection Society, Anti-Vivisection League, Humanitarian League, Animal Protective League, Humane Alliance, Kindness to Animals Society, Vegetarian Society, Anti-Cruelty Society, Defenders' League, Audubon Society, Band of Mercy, e a todas as outras Organizações Humanas, cujo objetivo é promover a bondade e impedir a crueldade, este livro é dedicado e esperançosamente pelo...

Autor.

Índice

Prefácio da edição brasileira

- Um grande clássico 10

Guia de revisão de livros do All-Creatures.org

- Livro incrível escrito há mais de 100 anos! - 12

Prefácio 15

Introdução 21

I. A Interpretação da Bíblia

- A Criação - 24

II. O Jardim do Éden

- A queda do homem e os
inferiores animais - 35

III. A era cristã.

- A restauração da Queda. 41

IV. O melhor amigo dos animais
do Novo Testamento.

- Cristo como um professor humano 46

V. A Bíblia ensina a imortalidade dos animais.

- Opiniões de alguns grandes autores 54

VI. Um paraíso prometido aos animais.

- Ordenados a louvar o Criador 65

VII. Teologia natural.

- A filosofia da alma 76

VIII. Fisiologia e teologia natural.	
- O corpo governado por forças imateriais	85
IX. Instâncias da inteligência animal.	
- Poder de raciocínio	91
X. O instinto é imortal.	
- Diferença entre animais educados e sem instrução	102
XI. Analogia anatômica de animais.	
- Psicologia comparada	113
XII. Composição química de animais.	
- Anatomistas cruéis.	121
XIII. Infelicidade dos animais.	
- Eles possuem um senso moral.	132
XIV. Morada futura de animais.	
- Uma pluralidade de mundos	139
XV. O homem como guardião dos animais inferiores.	
- Dever moral de ser gentil	150
XVI. Meios de prevenção da crueldade.	
- Educação necessária	165
XVII. Alguns males importantes.	
- A necessidade de uma futura recompensa	180
Outros e-books sobre a imortalidade dos animais	187
Obras importantes sobre Escatologia	190

Prefácio da edição brasileira

- Um grande clássico -

Elijah D. Buckner (1843-1907) foi um escritor religioso americano conhecido pelo seu livro *The Immortality of Animals* (A Imortalidade dos Animais) escrito em 1903. Este livro é um dos estudos mais acadêmicos sobre a questão das almas e da imortalidade dos animais. Buckner concluiu que a Bíblia, sem sombra de dúvida, reconhece que os animais têm almas vivas iguais às do homem.

Lamentavelmente, a Igreja de Roma, influenciada por Aristóteles, Agostinho e Tomás de Aquino, sustenta que os animais não têm alma, mesmo que essa doutrina contradiga muitas passagens bíblicas. Longe de mim falar contra as obras de Aristóteles, Agostinho e Tomás de Aquino; mas devemos lembrar que sempre em alguma coisa os homens erram. Ninguém tem um sistema de interpretação ou teologia perfeita.

Só para se ter uma ideia, há quem diga que durante o Sínodo de Macon (585 d.C.), a Igreja havia debatido se as mulheres têm ou não almas. Ainda que isto seja verdade, a Igreja acabou por reconhecer as mulheres no mundo ocidental como pessoas em todos os sentidos da palavra - social, política e espiritual. É necessário que os animais ainda recebam o mesmo tipo de consideração moral.

Além das religiões, a preocupação com a existência da “alma” sempre foi alvo do estudo dos filósofos. Havendo uma parte espiritual, imortal, também nos animais, toda a ideia e tratamento que temos em relação a eles mudará completamente, até mesmo sobre o comer ou não carne.

Neste livro, a partir de uma hipótese bíblica e filosófica, Buckner estuda a fundo a questão da imortalidade dos animais. Seguindo semelhante linha de investigação - filosófica e bíblica - eu também escrevi em Março deste ano o e-book *Os animais ressuscitarão para a vida eterna?*

Simplesmente fiquei impressionado como outros cristãos de renome na história também tiveram a mesma percepção bíblica sobre o destino dos animais, entre eles, Hank Hanegraaff, C. S. Lewis, Peter Kreeft e John Wesley. Descobri também, lamentavelmente, que os cristãos brasileiros praticamente não têm literatura alguma sobre o assunto (a menos que possa ser provado o contrário).

Sempre pensando na edificação dos santos de meu país, é que tenho cavado a fundo temas riquíssimos da Palavra de Deus - que muitas vezes são tabu ou ignorados em nossa pátria amada.

A minha esperança é que o leitor brasileiro ou de qualquer país de língua portuguesa seja enriquecido espiritualmente com mais esta obra.

Boa leitura!

César Francisco Raymundo
Editor da
Revista Cristã
Última Chamada

Guia de revisão de livros do All-Creatures.org

- Livro incrível escrito
há mais de 100 anos! -

Acabei de ler este excelente livro chamado *A Imortalidade dos Animais*, de E. D. Buckner, escrito em 1903. Ensinaamentos e explicações impressionantes, profundos, morais e racionais sobre a natureza dos animais e a vida após a morte são encontrados nas páginas deste livro. É uma visão abrangente dos princípios da realidade por uma mente humana madura, amorosa e completa que respeita a vida animal e as semelhanças entre a humanidade e os animais em relação à alma/mente na qual todas as almas vivas são imortais. O homem, a mulher e os animais são todos criados/formados *na* terra e todos têm o mesmo fôlego inspirado por Deus.

Cristo nasceu entre os animais e jejuou 40 dias vivendo entre eles. Ele se referiu a Si mesmo como o Cordeiro de Deus e o Bom Pastor, e uma pomba representava o Espírito Santo. O Novo Testamento é a “Bíblia dos animais”, para os pobres de espírito. Deus fez uma aliança com Noé e com os animais de que Ele nunca mais eliminaria toda a vida com um dilúvio.

Deus disse: “Todo animal é meu”. Há muita Escritura neste livro, mas, com relação aos pensamentos do Sr. Buckner sobre esse assunto, fiquei impressionado com seu brilhante intelecto. Eu continuei: “uau, está certo! Eu nunca pensei nisso, sim!”

Ele explica como os animais são objetos do amor criativo de Deus. Eles não podem pecar e não têm lei moral. Seus sofrimentos, assim como os dos homens, são resultado da Queda; então vinda do homem. Os efeitos da Queda mudaram a natureza de nossa alimentação, saúde e expectativa de vida. Os animais serão recompensados por seus sofrimentos. Existe a justiça de Deus no final para eles.

O Céu é um lugar real para todas as criaturas de Deus. Salomão diz que os animais têm espírito. Deus preserva a humanidade e os animais, dizem os Salmos. Os animais eram sagrados para os antigos egípcios. Existem múmias de animais enterradas ao lado de egípcios humanos.

Aprendemos quais religiões ensinam bondade aos animais e que eles NÃO foram criados apenas para o uso do homem. O pior pecado é a crueldade com os animais e muitos deles são cometidos pelos chamados cristãos. Como o senso comum pode sequer imaginar que um assassino diabólico pode chegar ao Céu, mas um animal sem pecado não? Acho que não.

Vemos como as pessoas usaram e abusaram dos animais para ganho financeiro e avanço científico. Segundo a Bíblia, muitos cristãos devem seguir sua consciência dada por Deus, apoiar grupos de direitos dos animais, arrepender-se, assumir responsabilidade e prestar contas por suas ações contra os animais. Abraham Lincoln era um homem cristão excelente e bondoso que já foi visto resgatando um filhote de passarinho que havia caído de seu ninho e gentilmente o colocou de volta.

Buckner explica a inteligência dos animais. Eles têm melhores valores e habilidades morais do que a maioria das pessoas. A fidelidade e o amor são um dos atributos mais altos e fortes da alma e são os maiores em animais. Os animais, especialmente os animais domesticados, exibem vários atributos, alguns dos quais são amor, ódio, altruísmo, orgulho, ciúme, lealdade, linguagem corporal e verbal, amizade, poder

de raciocínio, memória, previsão de consequências e senso de responsabilidade moral que pertencem ao espírito e não ao corpo. Os animais possuem conhecimento, intelecto, pensamentos, habilidades de sonho, sentimentos físicos e emocionais e livre arbítrio. O instinto também é um atributo muito forte da alma e é superior ao homem. Eles recebem seu conhecimento/instinto diretamente de Deus e são governados pelas mesmas leis físicas e mentais do homem. Muitas pessoas podem dizer honestamente que seus animais de companhia são os que realmente lhes ensinaram o que realmente é o amor. Eu sei que posso dizer isso.

Eles são educados por seus pais e pela experiência; eles constroem casas e têm famílias. A única diferença entre eles e os humanos é o grau de intelecto. Os macacos são um exemplo de um grau superior à média do intelecto.

A comunicação com os animais é uma coisa espiritual, não física. O olho não pode ver sem a presença de uma alma. Todo movimento e som que produzem é resultado de mensagens para o cérebro que nada têm a ver com sua fisiologia. A alma está no cérebro/mente. Matéria - não pode pensar ou falar. Matéria - não pode se mover sem o espírito.

O livro mostra como e por que os animais louvam a Deus de acordo com as Escrituras e de acordo com sua própria natureza. Os animais são o prazer de Deus provando uma vida após a morte. Em vez de limitar a bondade, a misericórdia, o poder e o amor de Deus aos seres humanos, como tantas pessoas fazem hoje em dia, *Buckner* demonstra como Deus estende Seu imenso amor por TODA a Sua criação.

A lógica frágil da teologia para animais sem alma é discutida. Há uma explicação muito reveladora, mas reconfortante, sobre a questão dos sacrifícios de animais no Antigo Testamento.

Há, também, explicações sobre os animais em comparação com a humanidade, incluindo bebês, selvagens, deficientes mentais e pagãos

em relação à colocação de suas almas; quão cruel é ofensiva a Deus; mostra também como o homem é o pior inimigo do animal, tanto para animais selvagens quanto para muitos animais domésticos; e como devemos ensinar as crianças e muito mais. As ternas misericórdias de Deus estão sobre TODAS as Suas obras! (Salmo 145:9) É um livro excelente e altamente recomendado, repleto de conhecimento prático e sabedoria, e acho que todos deveriam ter um em sua estante.¹

* <https://www.all-creatures.org/book/r-theimmortality.html>

Prefácio

A redação deste livro é um dever que foi profundamente impresso em minha mente há muitos anos, e que ficou mais profundamente marcada na razão dos gemidos e gritos do sofrimento da vida animal pela qual fui cercado.

Não tenho ambição de recompensa por oferecer este livro para o mundo além do bem que ele pode realizar, na promoção da bondade e na prevenção da crueldade. Faço muitas afirmações que não faço pausa para explicar, mas que são baseadas em fatos científicos e históricos. Eu tenho as fontes em minha posse para referência quando necessário.

O plano é mostrar que Deus, ao criar todo o Universo, os céus, a terra e todas as coisas nela, governa e controla esse grande cosmos de acordo com uma lei universal de harmonia e bondade.

Se Deus tem o objetivo de criar um outro planeta, e outros animais, Seu cuidado se estende igualmente a todos. Espera-se que o objetivo deste livro não seja mal compreendido e que o espírito de reverência que permeia suas páginas não venha ser esquecido. Eu aceito a Bíblia como uma Revelação Divina, e tomo a descrição mosaica da criação como base dos meus trabalhos.

É verdade que continuo onde a maioria dos teólogos param. Em vez de limitar Deus e o Seu poder, eu os estendo. No entanto, não pretendo ter descoberto algo novo, mas apenas desejo expandir o pensamento de fenômenos modernos. O que é agora conhecido na ciência é o produto de todas as eras. Hoje, adicionamos a nossa pequena fração o que foi transmitido para nós.

Roma tomou emprestado da Grécia, a Grécia do Egito e o Egito, como a China, está perdido nas névoas da antiguidade histórica, e

deveria ter obtido a luz do conhecimento de algumas civilizações ainda mais cedo.

O século XX é o produto dos séculos XIX e XVIII. Nenhum cientista pode compreender todos os fenômenos de um sujeito ao mesmo tempo; as faculdades humanas não são iguais a esse empreendimento. Cada investigador leva os fatos e experiências de outros, e então começa a construir e expandir até que ele também atinja seu limite.

Hoje existem teólogos que param e questionam a bondade de Deus e a Sua vontade de assistir a todas as criaturas com cuidado, ignorando o fato de que Deus prometeu restaurar todos os animais a vida, a paz e a felicidade primitiva.

Em consequência, afundam em uma espécie de fatalismo, que paralisa suas faculdades até que fiquem sem ideias definidas sobre a vastidão e a bondade de Deus.

Dia após dia, ano após ano, entramos em contato com teorias estabelecidas que precisam de correção e, como consequência, a teologia moderna deve se inclinar nessa direção. Às vezes, os homens da educação estão prontos para objetar ou repudiar doutrinas que levam a uma extensão dos atributos mais elevados do Criador, eles parecem se opor a credos e dogmas estabelecidos há muito tempo. Naturalmente, desejam encontrar objeções a qualquer teoria que esteja fora da linha de pensamento usual e, assim, seguir os meios reconhecidos que têm sido empregados com tanta frequência para impedir o avanço das verdades.

A grande maioria das pessoas vagueia, muitas vezes inconscientemente, com velhas ideias já desmascaradas, tendo nenhum desejo de cair na companhia de reformadores. Há incredulidade por ignorância e também por conhecimento. Se os distintos filósofos durante os dias de Copérnico sabiam dos fatos que depois foram totalmente estabelecidos por ele em sua filosofia do sistema solar, eles não riram dele com desprezo e estigmatizaram-no como um herege.

O grande filósofo Galileu foi perseguido e preso e o grande filósofo Bruno foi queimado na fogueira por defender o que hoje são aceitos como fatos astronômicos: que as estrelas fixas são sóis espalhados pelo

espaço, acompanhadas de satélites que tenham a mesma relação com elas assim como nossa Terra faz ao nosso sol, ou nossa lua em relação a nossa Terra. Desde o tempo de Pitágoras até nossos dias atuais, uma hoste de homens dos mais altos intelectuais como resultado de observação científica e pesquisa, defenderam uma pluralidade de mundos. Pelo uso de telescópios poderosos e espectroscópios, os astrônomos são capazes de ver na extensão azul dos céus e investigar muitos satélites que podem ser mundos habitáveis como o nosso, fornecidos pela bondade de nosso Pai Celestial para a futura morada de toda a vida animal. Isso pode parecer visionário, mas acredito que, com o passar dos anos, que Deus inspire os homens com sabedoria a descobrir e ensinar algum propósito humano. Muitas maravilhosas revelações vieram sobre os cientistas do nosso tempo - revelações que os filósofos dos dias de Kepler e Newton nunca pensaram; grandes verdades que confirmaram a autenticidade da revelação de Deus ao homem e relação e deveres do homem para com toda a criação.

Para a grande maioria da sociedade, a vida é apenas o seguimento de alguns instintos, com uma cegueira perfeita quanto às consequências. Por indivíduos e comunidades, os males físicos e morais são pacientemente suportados, o que um verdadeiro conhecimento do sistema da Providência faria com que fosse corrigido instantaneamente.

A filosofia estabelecida neste livro estende os princípios da humanidade a toda a vida animal e mostra a estreita relação do homem com outros animais nos fenômenos físicos e mentais. Defende-se a doutrina de que somos moralmente obrigados a respeitar os sentimentos e direitos dos animais como descendentes do mesmo Criador, assim como fazemos com os nossos associados humanos.

Ao obedecer a essas leis morais, colheremos uma colheita tão certa de benefícios para nós mesmos quanto obedeceremos a qualquer outro código de leis já estabelecido. As várias formas de crueldade arbitrária que até agora prevaleceram ao longo da história do mundo cessarão quando o dia de conhecimento aqui preconizado for introduzido pela luz gloriosa da verdadeira revelação dos propósitos de Deus.

Vendo-o como o Criador de todas as coisas vivas, e vendo que toda a criação é construída sobre um plano de benevolência e justiça, expandimos para emoções mais elevadas, mais generosas e mais santas, pois sentimos que somos apenas parte de um sistema, muito do que ainda não foi revelado.

O lugar que o homem ocupa em comparação com todo o universo da criação de Deus é humilde além de toda declaração de graus. O homem, considerado zologicamente e sem considerar as características distintas que lhe foram atribuídas pela teologia, simplesmente ocupa seu lugar como um animal da classe dos mamíferos, e nada mais.

Acima dele está a criação mais elevada de anjos, arcanjos, querubins e serafins, e de inúmeros mundos dos quais sabemos muito pouco. A teoria da imortalidade dos animais é defendida ao longo deste livro a partir de uma hipótese bíblica e filosófica. Existe uma lei na física que diz que nada se perde, e por isso raciocinamos. Todas as forças e substâncias potenciais da natureza são indestrutíveis e eternas. Matéria e alma - ou mente - são os únicos elementos constitutivos do Universo, e ambos existem da mesma forma no homem e na parte inferior, os animais. O corpo, que é matéria, muda de forma na morte; mas essa potência misteriosa da vida, conhecida como alma ou mente, é imaterial e imortal, e retorna a Deus que a deu.

O homem e os animais inferiores não são imortais pela escolha, mas porque o Criador decretou e o que Ele criou, somente Ele pode aniquilar. Que haverá uma restauração geral de toda a vida animal é a conclusão mais liberal e razoável da teologia moderna. Que Deus fez ampla provisão e revelou evidência suficiente para tal restauração é oferecido de boa-fé. Mas isso não é oferecido como um incentivo para que o homem seja gentil com os animais, pois não faz diferença se eles têm alma ou não, a obrigação permanece a mesma. Não paramos para perguntar se uma mulher ou criança indefesa tem uma alma quando a vemos em sofrimento ou cruelmente tratada, nem devemos fazer a pergunta sobre qualquer outro ser sofredor. Existem pessoas de bom coração que não acreditam na Bíblia e, conseqüentemente, não acreditam que o homem ou os animais inferiores tenham alma; no

entanto, eles reconhecem a lei moral da bondade para todos os seres vivos tanto quanto alguns cristãos e, muitas vezes, até mais.

Se a Igreja fosse mais ativa e liberal em estender o conhecimento dos atributos de bondade e misericórdia de Deus sobre todas as Suas criaturas, ela poderia ter mais amigos e seguidores.

O espírito de caridade foi tão cuidadosamente observado ao longo deste volume que acredito que não há uma frase ou palavra usada que tenderá a diminuir ou refletir sobre a dignidade de qualquer animal ou no seu modo de vida animal.

Nenhuma menção é feita aos animais que atacam um ao outro, pois considero esse estado de depravação à mesma luz que a caça de homens; ou seja, o resultado do pecado original do homem, que causou a queda de todos os seres vivos da paz e felicidade primordiais. Para tornar esse trabalho de natureza permanente, evitei o uso de eventos que pensei que poderiam se tornar banais e desatualizados.

Os argumentos sobre os principais assuntos poderiam ser bastante ampliados, mas o trabalho foi condensado para atender às exigências de um mundo ocupado. Todo o fundamento da questão animal foi considerado em suas várias fases, mas a principal característica do trabalho é a “imortalidade dos animais” e um apelo por seu tratamento amável.

Até onde pude constatar, neste país e na Europa, este é o único trabalho já publicado que trata da imortalidade dos animais a partir de uma hipótese bíblica e filosófica, ou do ponto de vista da teologia revelada e natural. Como há uma demanda crescente por literatura humana, espera-se que este trabalho seja amplamente divulgado pelos amigos da causa. Finalmente, ofereço este livro ao mundo com a oração para que Deus, em Sua infinita bondade e misericórdia, possa colocá-lo no coração da humanidade para ser mais gentil e misericordiosa com todos os seres vivos.

E. D. BUCKNER.

Introdução

Muitos assuntos de importância transcendente estão envoltos em conceitos errôneos herdados e em preconceitos vagos. Eles esperam temperamentos agradáveis, o cuidado e a inteligência peculiar necessária para apresentá-los em suas verdadeiras luzes, temperados a compreensões esgotadas pelos cuidados incessantes da vida ativa. Alguns deles apelam para as mais elevadas concepções e emoções; eles se projetam com tanta força que sobrecarregam a disposição de deixá-los de lado para consideração em uma estação mais conveniente. O Dr. Buckner escolheu um dos mais comoventes deles, confrontando-nos com deveres e responsabilidades, dos quais mal temos consciência, e conseguiu capturar os tons discordantes e organizá-los em uma agradável sinfonia.

Ele nos lembra que nada é aniquilado nos processos da natureza; mesmo na morte, há uma mera difusão ou ruptura na relação de certos elementos químicos dos quais o corpo é composto, para assumir outras funções, a decomposição dissolvendo a habitação efêmera da essência espiritual do homem, convocada em outro lugar, talvez para testemunhar os feitos cometidos na carne, talvez descansar até o dia em que será chamado a retomar seus ofícios em um corpo reabilitado.

A unidade da vida não está mais em polêmica; a ciência foi relutantemente levada a aceitá-la, e a inteligência encontra uma solução pronta de inconsistências cansativas na convicção razoável de que todos os animais têm a mesma origem que o homem; receber a mesma solicitude dos pais na infância; exibir os mesmos atributos mentais em graus variados, consistentes com o chamado; possui paixões semelhantes, de ternura requintada a brutalidade selvagem; executar os

deveres que lhes são atribuídos com integridade louvável, recebendo do homem o infame retorno de ingratidão e traição, enquanto participam ao máximo dos resultados de sua queda. Em resumo, como todos têm a mesma origem e experiências na vida, como todos morrem na mesma morte, todos devem compartilhar o mesmo destino. Se a salvação se aperfeiçoa através do sofrimento; se a felicidade deve ser concedida ao homem em consideração a uma vida bem gasta e em recompensa por seus sofrimentos mundanos, como podem seus companheiros inocentes e confiantes, constantes e verdadeiros, desde a infância até a morte, faltar em alguma recompensa eterna semelhante?

O cientista mais eminente deste país, Agassiz, acreditava plenamente na imortalidade dos animais. Mais de cento e setenta autores ingleses, leigos e clericais, sustentam-no e têm escrito em seu apoio, e a crença está ganhando terreno constantemente. Quem deseja esclarecer o assunto e abordar a leitura do livro do Dr. Buckner com simpatia por todas as criaturas de Deus, não deixará de obter o consolo de que seu espírito precisa de um senso muito maior das responsabilidades do homem em relação a seus semelhantes mais humildes, com um interesse adicional neles e em seu bem-estar.

O Dr. Buckner alega com justiça que os animais nos foram dados como companheiros para contribuir com nossa gratificação e serviço razoável, além disso, mostra que Deus soprou nas narinas deles o sopro da vida como Ele fez em nós; e que as Escrituras transmitem e reiteram a certeza de que possuem, com a humanidade, almas, e serão libertadas do cativeiro da corrupção para uma morada de felicidade futura.

O autor discursa fluentemente sobre esses assuntos e com autoridade, agarrando-se com escrúpulos conscienciosos ao que é reto e agradável, e ilustra seus pontos com precisão e delicadeza. Ele teve o cuidado de evitar a causa da ofensa e em nenhum lugar suas reivindicações são irracionais.

Ele pisa nos campos da filosofia, bem como nos jardins sagrados e perfumados da revelação, e seus métodos de aproveitar a fertilidade deles são lucrativos e convincentes.

Toda a questão é tratada pela autoridade competente e repleta de intenso interesse; o livro deve recomendar-se à atenção universal.

H. O. Haughton,
Editor de The Dawn.

Baltimore, Maryland, 20 de Março de 1903.

I

A Interpretação da Bíblia

- A Criação -

A teologia revelada - definição de palavras - definição bíblica de alma - pertence ao homem e aos animais inferiores - Deus decretou que todas as criaturas que possuem o sopro da vida viverão para sempre.

Se a morte encerra a existência da vida animal ou dá a essa existência um impulso novo e mais vigoroso em outro mundo, é uma questão que passou por várias mudanças em diferentes épocas da história teológica. Mas sábios e filósofos de todas as épocas ensinaram que o homem e os animais inferiores são animados por algum princípio superior à mera matéria e movimento, e que esse princípio chamado alma, ou mente, é independente do corpo e é imaterial e imortal. A palavra alma, em sua significação original, representava os princípios que governam a vida, tanto no homem como nos animais inferiores. É verdade que os modos de explicá-la eram variados. Algumas vezes era considerada a mera harmonia das funções corporais e outras, uma entidade distinta de natureza etérea superior, mas nenhuma distinção essencial foi feita entre a alma do homem e a alma dos animais inferiores até uma data relativamente recente.

As diferenças mentais entre os animais inferiores e o homem sugeriram aos filósofos antigos que deveria haver uma linha traçada em algum lugar. Para encontrar essa distinção, os estoicos, os discípulos de Sócrates, sustentavam que o homem possuía uma alma racional acima daquela da alma animal, que pertencia em comum ao homem e aos animais, mas em nenhum lugar negava o fato dos animais terem

almas. Esse privilégio gracioso de negar o direito dos animais de manter a alma que seu Criador lhes deu vem da nossa teologia moderna e está enraizado nos credos de algumas de nossas igrejas. Mas qualquer distinção feita entre a alma do homem e a alma dos animais foi feita pelo homem e não por Deus.

Ao considerar esse assunto metafísico e psicológico, tentarei tratá-lo como um fenômeno único da natureza que deve ser interrogado por sua evidência, sem qualquer solicitude pelo destino de uma teoria preconcebida e sem perguntar como essa evidência deve ser reconciliada com o derivado de outras fontes. Afirmo que nenhum sentimento ou fato claramente contido nas Escrituras precisa ser recusado ou contradito por causa de sua aparente incongruência com a teologia sistemática. Somente por essa interpretação liberal, é possível que toda a quantidade de conhecimento religioso pretendida a ser transmitida pelas Escrituras seja coletada delas. É um fato deplorável que muitos cristãos estejam tão acostumados a um certo credo e dogma próprio que se apeguem a ele mesmo no sacrifício das grandes leis morais do amor e da misericórdia. Somos muito suscetíveis de esquecer que aqueles que diferem de nós podem ser tão sinceros e honestos em sua crença e tão competentes em formar uma interpretação correta das Escrituras quanto nós. E é preciso admitir que, depois de toda pesquisa científica possível, mal podemos penetrar além do movimento exterior do sistema material; enquanto o vasto mecanismo interior da natureza está oculto e é em si estritamente incompreensível pelo conhecimento humano.

Deve ser garantido que o que quer que esteja relacionado ao infinito; à natureza divina; para o objetivo final do governo divino; aos mundos invisíveis e ao estado futuro, e mesmo ao mecanismo de motivos do grande cosmos, deve se oferecer à compreensão humana de uma forma cercada de mistérios e dificuldades. Se, portanto, resolvermos receber dos Escritos Inspirados nada além do que podemos conciliar com certas noções abstrusas e interpretação parcial de passagens, a consequência é inevitável: obteremos um sistema muito limitado e lamentável de teologia.

É razoável supor que existam tesouros do conhecimento divino ainda latentes sob a superfície dos escritos divinos, aos quais a prática da exposição escolástica há tanto tempo aderida, por todos os lados, impediu o conhecimento e uso do mundo.

Espera-se que, quando o estilo simples e humilde de interpretação indutiva for melhor compreendido e recorrido de forma mais consistente, e quando as imperfeições e incoerências necessárias de todo conhecimento humano das coisas divinas forem plenamente reconhecidas, possamos ver um mundo melhor.

A tentativa vã de criar um modelo em miniatura do universo espiritual e limitar a beneficência de Deus a uma parte fracionária de Sua criação deve ser abandonada, juntamente com todas as outras doutrinas estreitas e absurdas, se a teologia espera acompanhar a filosofia moderna.

Embora o assunto da imortalidade dos animais não seja novo, ainda não conheço nenhuma tentativa de tratá-lo, como já fiz, a partir da hipótese da teologia revelada e natural.

Pela teologia revelada, fomos ensinados a acreditar na imortalidade da alma. A existência, no caso do homem, tem sido considerada pela Igreja desde a sua fundação, indestrutível, e não é meu objetivo me debruçar sobre o que hoje é considerado ortodoxia comum. A Igreja ensina que o homem e os animais inferiores precisam morrer, que todas as almas são imortais e que todos os homens têm almas. Sendo admitido, sou obrigado apenas a provar que os animais inferiores têm almas.

A principal hipótese filosófica que apresento é que a mesma analogia da lógica que pode ser aduzida para demonstrar o fato de que os homens têm alma se aplicará aos animais inferiores. Ao lidar com o assunto, é preciso bem no começo definir o significado de algumas palavras.

A palavra homem, em um sentido teológico, significa todos os descendentes de Adão, incluindo ambos os sexos; e, no sentido zoológico, o homem é um animal, colocado como o tipo mais alto de mamífero. A palavra animal, em um sentido geral, significa todos os seres vivos sob os vários termos de homem, animal, ave, peixe, pássaro

etc., classificados em várias subdivisões. Para deixar clara a distinção, eu uso o termo ambíguo animais inferiores, quando não desejo incluir o homem.

A vida animal é o estado de existência em que os órgãos vitais são capazes de desempenhar suas funções. É o período durante o qual o corpo e a alma estão unidos. Pelas funções dos animais, entende-se o funcionamento dos vários órgãos que constituem ação vital, portanto a vida consiste em uma série constante de ações desde o período do nascimento até o momento da dissolução.

As partes constituintes e essenciais do homem e dos animais inferiores consistem em duas coisas, conhecidas na natureza como matéria e mente, ou corpo e alma. O corpo foi originalmente feito do pó da terra, e a alma é essa energia vital soprada em todos os animais pelo Criador. Essa potência misteriosa da vida dos animais, que é uma coisa separada do corpo, é conhecida sob vários nomes, embora seja comumente reconhecida como mente ou alma, e como aquele princípio imaterial e imortal que forma toda a vida animal.

Existem muitas palavras usadas, em um sentido teológico, para expressar a parte imaterial do homem. As palavras “alma”, “mente”, “espírito”, “fantasma” e “vida eterna” estão entre as mais frequentemente usadas, mas, como todas elas transmitem a mesma ideia, não há consequência em empregá-las. Prefiro usar a palavra “alma”, pois foi a palavra que Deus usou no início da criação para distinguir a parte imortal da parte mortal do corpo.

O dicionário de Webster, que tem sido a autoridade padrão em teologia, bem como em outros ramos da filosofia, por quase um século, período durante o qual passou por várias revisões, corrigidas pelos principais teólogos de todas as igrejas e credos, define a mente como “toda a natureza espiritual; a alma”. E, ao definir a alma, ele a chama de “parte espiritual, racional e imortal do homem, a sede da vida ou vitalidade real”. Na definição de espírito (Do hebraico *Ruach*, Grego *Pneuma*, Latim *Spiritus*), diz que é a “vida ou substância viva considerada independentemente da existência corporal. A parte inteligente, imaterial e imortal do homem; a alma. Uma alma desencarnada, é uma alma depois de deixar o corpo”. Daí a definição da antiga palavra

saxônica, fantasma, como significando “o espírito ou alma”. É claro que a palavra alma é a melhor palavra que pode ser usada para expressar a parte imaterial de um ser vivo.

Todos os outros termos, como mente, vontade, sensação, razão, volição, instinto, etc., são faculdades da alma e subordinados a ela, da mesma maneira que os atributos de Deus fazem parte dEle. Agora temos matéria e alma como os únicos elementos do Universo, e os animais inferiores, assim como o homem, são compostos dessas duas substâncias. A alma tem uma natureza distinta e é uma realidade distinta do corpo; uma substância imaterial e essencialmente diferente da matéria.

Que todos os animais são seres duplos que possuem um organismo duplo, sendo uma estrutura corporal, visível e tangível, a outra incorporada, invisível e intangível, é uma suposição que não pode ser refutada.

O homem e os animais inferiores foram feitos dos mesmos elementos químicos e receberam vida do mesmo Criador. Que existem graus de existência no homem e nos animais é óbvio, mas isso não altera o design do Criador, que colocou tudo sob uma lei comum. Mente e matéria existem de maneira semelhante e embora pode haver uma diferença de grau, não há diferença de espécie. Na proporção em que as funções ou relações são mais ou menos perfeitas, os animais ascendem e descem na escala da existência, mas em nenhum lugar Deus mostra favoritismo devido a essas diferenças.

Pela mesma analogia e lógica que é usada para provar pela Bíblia que os homens têm almas, podemos igualmente provar que os animais inferiores têm almas. No argumento, em ambos os casos, encontramos muitas passagens obscuras e aparentemente contraditórias. Para compreender o significado da Bíblia, devemos levar em consideração a língua original da qual ela é derivada e o provável preconceito causado pelos tradutores.

Ao longo deste trabalho, examinei cuidadosamente as melhores autoridades e não fiz nenhuma declaração que não possa ser totalmente fundamentada. Não se deve esquecer que nossa atual versão em inglês remonta apenas a 1611, e é além dessa data que os estudiosos vão

averiguar o significado original das palavras. O Antigo Testamento foi escrito no idioma hebraico e o Novo Testamento no grego, mas a Bíblia passou por várias traduções. A versão da Septuaginta ou tradução do Antigo Testamento para o grego é de grande importância ao mostrar o idioma original do hebraico na época. E hoje existe uma grande diferença nas opiniões dos estudiosos hebraicos e gregos sobre o significado de muitas palavras na tradução.

O texto hebraico do Antigo Testamento é reconhecido por todos os estudiosos como o mais preciso. Notas e comentários marginais são numerosos em todas as traduções antigas, mas a maioria delas desapareceu de nossa atual versão em inglês. É bom ter em mente que a palavra hebraica para alma é *nephesh* e a palavra grega é *psique*. As duas palavras significam a mesma coisa, e a palavra grega *psique* é a única palavra no Novo Testamento que é traduzida como alma.

Agora vamos ver em que a Bíblia implica e expressa a doutrina de que os animais têm alma. Deus no começo dos tempos criou os céus, a terra e todas as coisas que nela vivem e se movem.

Toda essa criação foi dividida em uma série de seis períodos, ou épocas, em cada uma das quais uma nova potência de vida entrou no que existia naquele tempo, e suscitou novos desenvolvimentos que prosseguem de acordo com Sua lei. No sexto dia ou época, que foi o último período da criação, Deus terminou Sua obra criando toda a vida animal. Todos os animais, incluindo o homem, foram formados fora da terra. Não havia distinção.

O mesmo termo, feito, “bara”, foi usado para homens e animais inferiores. Não havia preferência dada ao homem em relação a outros animais, como é geralmente reivindicado pela teologia moderna. Quando Deus criou os animais inferiores e a humanidade Ele incluiu todos na mesma bênção e os “abençoou” e os declarou “muito bons”.

E, nesse contexto, desejo chamar a atenção para o fato de que aos homens e aos animais inferiores foi fornecido o mesmo tipo de alimento, que era vegetal. Não havia caça de um ao outro e nem morte, mas todos viviam em paz como uma grande e feliz família.

No próximo capítulo de Gênesis, trazendo novamente o assunto da criação com o objetivo de dar a história da Queda do homem, o

escritor divino dá a “geração” ou história repetindo o mesmo método, que o homem e os animais inferiores eram formados fora da terra.

Aqui, pela primeira e única vez, a maneira particular de como a vida era transmitida foi dada no caso de Adão. O escritor inspirado diz: “Deus soprou em suas narinas o sopro da vida; e o homem se tornou uma alma vivente” [Gênesis 2:7]. Quanto aos métodos utilizados para dar vida aos outros animais e a Eva, não somos informados. Mas dizer que Deus usou um caminho para animais inferiores, um para homem e outro para mulher, quando todos eram feitos dos mesmos constituintes químicos, seria contrário a qualquer sistema de analogia conhecido pela razão. Qualquer estudante da Bíblia sabe que há muitas coisas entendidas que não são expressas em toda a Bíblia; portanto, o que quer que seja entendido pelas palavras “soprou em suas narinas o fôlego da vida e o homem se tornou uma alma vivente” está implícito, embora não seja expresso, na criação de todas as outras formas de vida animal. Nenhum animal poderia viver sem o fôlego da vida, e como o escritor divino não disse nada sobre o modo como foi transmitido, deve-se supor que Deus soprou o fôlego da vida nos animais e na mulher, e eles se tornaram almas viventes. Qualquer outra suposição seria ilógica.

Ao descrever a criação da mulher, nada é dito sobre o sopro da vida ou da alma vivente. Agora devemos inferir que ela, como os animais inferiores, tem uma alma negada porque a maneira especial de transmitir vida não é mencionada? E, no entanto, se você negar que os animais têm alma, porque o modo como eles os receberam não é mencionado, você certamente terá que excluir as mulheres de terem almas na mesma hipótese, o que foi feito por algumas formas grosseiras de religião. A Bíblia deduz claramente que qualquer processo envolvido em dar o fôlego da vida no caso de Adão foi seguido por todos os outros seres criados. Em referência ao dilúvio, o escritor inspirado em Gênesis 7:21, 22, diz:

“E expirou toda a carne que se movia sobre a terra, tanto de ave como de gado e de feras, e de todo o réptil que se arrasta sobre a

terra, e todo o homem. Tudo o que tinha fôlego de espírito de vida em suas narinas, tudo o que havia em terra seca, morreu”.

Até agora, usei a versão em inglês no que disse sobre a alma. Alguns fatos de versões anteriores mencionarei agora em evidência. Todos os melhores estudiosos gregos e hebreus reconhecem hoje que, em toda passagem da Escritura em que a palavra hebraica *nephesh* ou a palavra grega *psique* é usada, ela deve ser traduzida como alma, e quando *nefesh chayah* é usada, deve ser traduzida como alma vivente. Isso é admitido pela leitura marginal encontrada em muitas Bíblias inglesas antigas. Em Gênesis 2:7, quando o escritor divino fala de Adão, a tradução está correta, como se lê no hebraico, *nephesh chayah*, que traduzido para o inglês significa uma alma vivente; mas há mais nove passagens em Gênesis, onde as mesmas palavras hebraicas são usadas, mas, como se referem a animais inferiores, o verdadeiro significado foi pervertido pela tradução em inglês.

Lemos: “Produzam as águas abundantemente répteis de alma vivente” [Gênesis 1:20]. O texto hebraico diz *nephesh*, alma e *chayah*, vivente, e a versão em inglês tem “vida”, mas à margem de muitas Bíblias “alma vivente”. Mais uma vez lemos, “E Deus criou grandes baleias e toda alma vivente” [Gênesis 1:21]. No hebraico, *nephesh chayah*, a versão em inglês, “criatura vivente”. Mais uma vez nós lemos: “E disse Deus: Produza a terra alma vivente conforme a sua espécie; gado, e répteis e feras da terra conforme a sua espécie” [Gênesis 1:24]. Esta é a leitura correta, mas a versão em inglês tem “criatura vivente”.

Chamarei sua atenção para mais uma passagem nesse sentido: “A toda besta da terra e a todas as aves do ar, e a tudo o que rasteja sobre a terra, onde há alma vivente”.

O texto hebraico é apresentado em palavras simples: *nephesh chayah*. A versão em inglês dá a ela “vida”, mas em muitas Bíblias na leitura marginal é traduzida como “uma alma vivente”. Tenho diante de mim uma Bíblia publicada em 1867 pela *American Bible Society*, que dá na margem, as palavras “alma vivente” nesta última e mais duas passagens semelhantes. Examinei recentemente um grande número de Bíblias em um repositório e continuei minhas pesquisas até encontrar cem dando

as palavras “alma vivente” na margem em que a palavra “vida” é usada no texto da versão em inglês.

O Rev. Dr. Bush, em seu comentário sobre o Gênesis, faz a seguinte afirmação clara:

“A frase ‘alma vivente’ é repetidamente aplicada à ordem inferior dos animais. Parece significar o mesmo, quando falado sobre o homem, do que quando falamos de animais, isto é, um ser animado, uma criatura possuidora de vida e sensação e capaz de desempenhar todas as funções físicas pelas quais a vida se distingue, e não encontramos na Bíblia termos para distinguir as faculdades intelectuais do homem desde a criação bruta”.

Chamarei a atenção do leitor para mais duas passagens em que a palavra alma é traduzida como deveria. Em Números 31:28, Deus disse:

“Então para o Senhor tomarás o tributo dos homens de guerra, que saíram a esta peleja, de cada quinhentos uma alma, dos homens, e dos bois, e dos jumentos e das ovelhas”.

Em Apocalipse 16:3, encontramos as seguintes palavras:

“...e morreu no mar toda a alma vivente”.

Seria inútil continuar com essas citações, pois o leitor pode ver que, se eu estiver correto, a Bíblia, sem sombra de dúvida, reconhece que os animais têm uma alma vivente igual à do homem. A maioria das citações dadas é representada como tendo sido dita pelo próprio Criador e Ele certamente sabe se deu ou não ao homem e aos animais inferiores uma alma vivente, o que obviamente significa uma alma imortal, pois não pode haver uma alma vivente sem ser imortal.

Ao determinar o significado da Bíblia, devemos confiar em nossa crença, não no que o homem gostaria que crêssemos, mas naquilo que Deus queria que crêssemos. Se Deus, em Sua palavra revelada, pretendesse transmitir a ideia de que o homem foi criado imortal e os

animais não, Ele certamente não teria feito uma declaração clara de que todos foram criados da mesma forma.

A psicologia comparada está abrindo um campo maravilhoso para a pesquisa científica, e estamos aprendendo a conhecer os propósitos de Deus através da natureza e também da revelação. Toda a vida animal é formada segundo uma lei geral comum e mostra conclusivamente que, se o homem é um ser duplo, composto de matéria e mente, ou corpo e alma, o mesmo ocorre com todos os outros animais. Se Deus criou um e deu a ele o sopro da vida e uma alma imortal, Ele fez todos os outros no mesmo plano; pois é óbvio que existe a mesma diferença visível entre matéria e mente em todos os seres vivos.

O princípio vital que aciona as funções do organismo que produz pensamentos, sentimentos, sensações e movimentos difere daquele que constrói a organização física. É comum a todos os seres vivos sensíveis e perspicazes, tanto ao homem quanto aos animais inferiores, e embora a palavra alma esteja sob vários nomes, foi usada pelo escritor inspirado para transmitir a ideia de um princípio vivo.

O corpo não consiste meramente de matéria, da qual pode ser composta a qualquer momento, e que muda constantemente, mas daquela energia vital imortal que não pode mais morrer do que a substância imaterial conhecida como gravitação, coesão, ou afinidade.

Não temos nenhuma evidência sobre a qual afirmar que a existência, uma vez transmitida, tenha sido, ou jamais será, absolutamente aniquilada. Pode sofrer mudanças prodigiosas; suas combinações podem ser dissolvidas, seus elementos dispersos; pode ser liberado das obrigações de um conjunto de leis e estar sujeito a outro totalmente diferente; a organização pode ser destruída e suas partes componentes quebradas em mil fragmentos; a vida pode ser extinta; o corpo pode perecer completamente; e, no entanto, não há aniquilação da potência ou da alma vivente.

Certamente, reduzir qualquer substância em nada requer exatamente o mesmo poder de converter nada em alguma coisa. O Criador, que criou toda a existência, poderia aniquilar tudo, ou qualquer parte dela, tão facilmente quanto Ele deu à luz. O homem e os animais inferiores não são imortais por escolha, mas porque o Ser benéfico que os criou

desejou que eles o fossem. Eles não podem deixar de existir porque Deus resolve garanti-los em uma existência eterna.

Sócrates admitiu a imortalidade de toda a vida animal e sustentou que “os corpos de homens e animais são quentes e vivem enquanto respiram, e assim que a respiração sai do corpo, não apenas o calor e o movimento cessam, mas a vida do corpo, portanto, é respiração, e respiração é ar, e como o ar é eterno e inseparável em sua própria natureza, portanto a alma ou porção de ar que deu animação ao corpo não perecerá com a dissolução do corpo”. Eliú transmite a mesma ideia quando diz: “O Espírito de Deus me fez, e o fôlego do Todo-Poderoso me deu vida” [Jó 33:4]. Portanto, se a respiração que inflou as narinas de Adão era uma partícula da essência Divina que transmitia imortalidade ao homem, devemos concluir que todos os outros animais têm o mesmo tipo de imortalidade, pois receberam o mesmo tipo de respiração.

É como Salomão diz sobre o homem e os animais inferiores, “e todos têm o mesmo fôlego, e a vantagem dos homens sobre os animais não é nenhuma” [Eclesiastes 3:19].

II

O Jardim do Éden

- A queda do homem e os animais inferiores -

Todos os animais em perfeita paz e felicidade - o homem como guardião - não caçava um ao outro e não morriam - todos ordenados ao uso de comida vegetal - desordem cósmica causada pela Queda.

A próxima época importante na história da Bíblia, que afeta tanto o homem quanto os animais inferiores, e sobre os quais desejo chamar atenção, é a Queda da feliz e exaltada posição que eles ocupavam no Jardim do Éden.

Quando Deus criou o homem e os animais inferiores, colocou-os em um grande jardim de solo fértil e rico em abundância de frutas, nozes, ervas, grama, plantas, flores e todo tipo de vegetação para uso e ornamento. Este jardim era abundantemente provido de nascentes, riachos e rios.

Para que todo tipo de animal pudesse ter um lar feliz, Deus lhes deu vales ricos, montanhas altas e grandes florestas. A terra, repleta de toda variedade de produções úteis, era o grande armazém do Todo-Poderoso, do qual todos os seres vivos eram ordenados a ajudar a si mesmos. Todos eram vegetarianos, pois o Criador ordenou que não vivessem de mais nada. Não havia necessidade de destruir uma vida para sustentar outra.

Os homens e os animais inferiores foram ordenados a multiplicar e reabastecer a terra, e a comida vegetal suficiente foi fornecida para

todos. O homem não tinha mais direito de matar e comer um animal do que tinha que matar e comer sua própria prole. Ele foi criado como um animal frugívoro; e sua comida natural, por sua estrutura peculiar, parece consistir em frutas e legumes.

As mandíbulas curtas e fracas do homem, seus dentes caninos são iguais em comprimento aos dentes remanescentes e seus molares tuberculares, não permitiam que ele não se alimentasse de grama nem devorasse carne, caso esses alimentos não tivessem sido previamente preparados pelo cozimento, cuja arte não foi descoberta até depois da Queda do homem. Porém, quando possuímos o uso do fogo e as artes pelas quais o homem é auxiliado na captura de animais ou na matança: à distância, todo ser vivo se tornava subserviente ao uso e ao abuso. Com essa mudança de comida, a saúde do homem foi prejudicada e sua vida foi ficando mais curta de uma era para outra.

Sendo o homem ereto, ele tem todo o uso de seus braços e mãos, o que lhe permite ter superioridade sobre outros animais em muitos aspectos; e isso, juntamente com sua astúcia e inteligência, permitiu-lhe domar, repelir ou destruir outros animais, tornando-se, assim, o “rei dos animais” ou o “senhor da criação”. Este foi o resultado da Queda; pois antes desse triste evento todos viviam juntos como uma grande família feliz, e Adão era o guardião de todos. Ele os chamou pelo nome; ele havia nomeado “toda alma vivente” e era gentil e afetuoso com eles como pai adotivo. Eles entenderam uma linguagem pela qual estavam capazes de se comunicar. Adão e Eva fizeram suas roupas com produtos vegetais. Não houve mortes antes da Queda e, conseqüentemente, nenhuma pele foi usada para roupas até depois desse evento.

Como cada afirmação feita pelo escritor inspirado geralmente representa um período de muitos anos, às vezes milhares, não há dúvida de que o homem e os animais inferiores viviam no Jardim do Éden, como uma família feliz e pacífica, por um grande número de anos antes da Queda. Nessa inocência primitiva, havia beleza superada em todo objeto animado e inanimado, e todos os seres vivos nos céus acima e tudo o que se movia nas águas ou na terra abaixo, estavam em paz. Não havia medo de danos, e um hino de harmonia e ordem

ascendeu ao Criador de todas as tribos da terra e do Céu. Bem, os anjos podem cantar e gritar juntos de alegria. Uma bonita ordem prevaleceu em todas as várias gradações, desde a mais baixa matéria inanimada, até a mais bela flor no reino vegetal e o mais alto cedro no jardim de Deus; e daí em diante através de todas as ordens possuídas por animais lindos, felizes e nobres, para o homem, que deveria ter domínio sobre todos os outros animais. E para prepará-lo para essa tutela, ele recebeu um intelecto superior e uma forma física digna, ereta. Como ele foi feito guardião, os animais foram afetados por seus atos por bem ou mal, felicidade ou miséria. Todas as coisas foram colocadas sob o homem, assim como ele estava sob Deus. Era sua posição herdar o mundo, e seu negócio embelezar, honrar e ampliar seu domínio.

Ele era pai de todos e eles estavam sob seus cuidados parentais. Ele, com todas as outras criaturas, foi declarado “muito bom” e, a esse respeito, representava a imagem moral de Deus. Todos os animais foram criados à imagem de Deus no sentido de serem inocentes e como possuidores de poder de movimento, vontade, entendimento e liberdade de ação; mas em nenhum aspecto o homem e os animais inferiores foram criados na natureza de Deus. No sentido físico e moral, o homem não se parece mais com Deus do que os animais inferiores; pois Deus é um Espírito, sem corpo ou partes, e é visível e invisível, enquanto o homem e os animais inferiores são seres duplos da alma e do corpo.

Homem e mulher, então sem a sombra da culpa, vagavam pelo rico jardim da terra como ornamentos de toda a criação; parando de vez em quando, talvez para acariciar a juba de um leão, ou acariciar o cachorro afetuoso, ou assistir as brincadeiras divertidas de algum animal brincalhão, ou ouvir os doces cantos dos pássaros, ou arrancar de vez em quando uma bela flor. Eles estavam no meio de perfeita paz e felicidade. Não precisavam se preocupar, pois Deus cuidaria de todos eles.

A narrativa bíblica sugere uma imagem bonita e feliz dessa primeira vida. Os jovens leões e cordeiros corriam sobre a grama verde e caíam um sobre o outro, enquanto suas mães afeiçoadas observavam as brincadeiras de seus preciosos pequeninos. A águia e a pomba,

empoleiradas no mesmo galho do grande carvalho, murmuravam e chamavam uma à outra. Os doces cantos dos pássaros se misturavam enquanto disparavam de galho em galho nas árvores ao longo das margens do rio Pison. O gado caminhou até o rio Hidequél para saciar a sede e ficar na sombra fresca. Os macacos brincalhões corriam para cima e para baixo nas árvores nas margens do rio Gion. Os cães inteligentes se misturavam com todos os outros animais e tinham sua parte nas alegrias da vida. O cavalo nobre e o veado ágil galopavam pelas planícies e vales ricos da Assíria e bebiam da água pura do Eufrates. Todos os animais estavam contentes e felizes, e misturavam suas vozes em louvor ao seu Criador.

Adão e Eva receberam inumeráveis e preciosas bênçãos das mãos amáveis de seu Criador, e sem dúvida eles primeiro nutriram em seus corações os mais calorosos sentimentos de gratidão. As lindas cenas da natureza que os cercavam, estimulando sua admiração diária, apareciam como espelho em cuja superfície polida eles podiam traçar a sabedoria e a bondade de Deus refletidas. As correntes murmurantes e a brisa suave sussurravam o nome de Deus; os pássaros flutuando no ar, o gado pastando nos campos, a sagacidade do elefante e do cachorro, a astúcia humana insatisfeita do macaco, a bela plumagem do pavão, todos mostravam Sua bondade e sabedoria; e os céus acima e a terra abaixo retratavam Seu poder e amor. Poderíamos parar por aqui e fechar uma cortina sobre o futuro sombrio e ocultar fatos históricos. A imaginação desmaia sob sua própria concepção da grande e terrível transformação que se segue. Essa mudança é a época mais triste da história do homem.

Enquanto o homem estava cercado pela lei da natureza, impressionado em sua mente pelo desígnio e pela beleza do que observava, Deus lhe dera uma lei positiva, sob pena de morte, caso ele a violasse; e como resultado o homem, o mais digno de toda a criação, foi o primeiro a desarranjar esse grande sistema cósmico violando a lei e implicando em si mesmo e nos animais inferiores a morte e toda forma de miséria, pecado e tristeza com a qual estamos hoje cercados.

Foi então que, quando a lei de Deus foi violada e desonrada, as trevas usurparam o lugar da luz, desarmonizaram o lugar da harmonia,

poluíram o lugar da pureza, sofreram o lugar da alegria e da misericórdia para dar lugar a crueldade. Não havia um animal do campo, nem uma ave do ar, nem um peixe da água, nem uma flor do jardim, nem uma árvore da floresta, nem um riacho no vale, nem uma brisa no ar, que não foram envolvidos e afetados pela Queda do homem; porque todos caíram com ele.

Como resultado, o homem foi expulso do jardim para nunca mais contemplá-lo. O próprio local foi amaldiçoado e apagado de todo reconhecimento futuro; espinheiros, espinhos, cardos, desertos e desolação foram espalhados por aquela parte da terra. Em todo lugar e em tudo hoje em dia, vemos sinais e evidências da maldição infligida ao mundo pelos pecados do homem. O homem, em vez de ter aquela imagem santa e sem pecado de Deus, logo mergulhou no ciúme, na falsidade e no assassinato. Sua história desde então tem sido uma história de pecado, crueldade, carnificina, atos sangrentos e guerras.

Não havia dor, nem gemido, nem choro na vida animal, mas agora há devido à Queda do homem. O que antes era inocente e feliz, a natureza animal afetada foi mudada para uma natureza mais selvagem. Assim, como consequência do pecado do homem, os animais inferiores, que não eram culpados de pecado nem tiveram parte alguma na causa da Queda, são obrigados a sofrer uma parte do seu castigo. Essa é a triste condição que atrai o mesmo abismo da miséria moral, cuja criação inteira Adão era a cabeça como guardião.

“Veja a multidão incontável acima de nós, reivindicando simpatia - nossos parentes humildes; tristemente eles aprenderam a temer e duvidar de nós, guiados de nosso lado pelo pecado humano; sempre procurando, Bondade difícil de vencer”.

“Inocente do erro, nossa própria transgressão coloca sobre eles [os animais] uma carga pesada de dor, compartilhando toda a miséria e opressão que o homem operou sob seu reino de ferro. Toque todos os corações, ó Divina Compaixão, até que eles queimem com amor e paixão generosas para remover a mancha”.

Existem muitos mistérios relacionados à Queda do homem, mas o resultado é óbvio. Que os animais inferiores eram imortais antes da Queda é tão claramente ensinado quanto o homem era mortal. O Antigo Testamento nos diz como a alma se originou e por que é imortal, e o Novo Testamento confirma o que foi dito no Antigo Testamento. A Bíblia não diz, em tantas palavras, que homens ou animais inferiores eram imortais antes da queda, mas certamente infere que ambos eram.

Há muitas coisas na Bíblia que devem ser entendidas, embora não possam ser expressas, ou o texto não teria sentido algum. Isto é verdade para a ordem de não comer do fruto proibido. O comando não foi dado à mulher, como geralmente é ensinado. Adão recebeu o comando antes de Eva ser criada, e se ela já recebeu o comando, isso deve estar implícito, porque não é expresso. Se o homem não tivesse violado a lei que lhe fora dada, ele e todos os outros animais não teriam apenas a continuidade de suas almas e corpos, mas provavelmente teriam sido transportados para um Paraíso superior ou para um Céu mais alto em algum planeta distante onde espaço suficiente havia sido preparado para todos.

III

A era cristã

- A restauração da Queda -

A Expição é suficiente para incluir a salvação dos animais inferiores - tudo em igualdade - o propósito original do Criador não pode ser cumprido até que os animais sejam restaurados à condição que eram apreciados antes da Queda.

A era cristã é a próxima parte importante da história da Bíblia que afeta o homem e os animais inferiores. Embora o homem tivesse caído por sua desobediência à lei divina, Deus, em Seu infinito amor e misericórdia, fez uma provisão para seu alívio. Foi prometido um Libertador que conquistaria o inimigo e, assim, o que foi perdido na Queda deveria ser restaurado.

De acordo com o propósito divino, Cristo veio na plenitude dos tempos para ser o Salvador dos perdidos, e em virtude de Seu sofrimento e morte, tudo sob certas condições é justificado pela maldição da lei de Deus.

“Como em Adão todos morrem, assim em Cristo todos serão vivificados” [1 Coríntios 15:22]. De acordo com a doutrina aceita da teologia moderna, a Bíblia ensina que o homem em todos os lugares deve crer que Cristo é o verdadeiro Messias e depois se arrepender de seus pecados, obedecer às regras da Igreja e viver uma vida cristã consistente, para ser salvo. A teologia moderna adota a visão ampla de que a salvação era proporcional a todas as condições e de valor intrínseco suficiente para expiar os pecados do mundo inteiro; que

“Cristo é a propiciação pelos nossos pecados, não apenas pelos nossos, mas pelos pecados do mundo inteiro” [1ª João 2:2].

A teologia moderna cria condições para essa salvação; mas para aqueles que são privados do privilégio de ouvir o evangelho, e para aqueles que podem ouvir, mas não podem entender, a expiação foi feita suficiente.

O maior número de criaturas de Deus se enquadra na última cláusula, que inclui os pagãos, estúpidos, crianças e animais. Os animais não conseguem entender o plano da salvação e não estão sob a lei moral, pois “onde não há lei, não há transgressão” [Romanos 4:15]. O Novo Testamento ensina que sofrer na inocência, sob todas as condições, haverá recompensa na administração final da justiça, e como os animais não estão sujeitos a nenhuma lei moral e não podem pecar, deve haver uma recompensa futura por seu sofrimento incalculável nesta vida.

Um homem que é capaz de entender a lei moral que lhe foi dada pode violá-la e perder todas as vantagens que ele era capaz de possuir, e não ter mais nada a não ser a triste expectativa de uma sentença terrível e uma terrível condenação.

Em uma situação tão deplorável, muitas vezes ouvimos os homens desejarem que fossem animais, ou pelo menos tão inocentes quanto uma pomba ou um cordeiro. E porque não? Muito melhor uma pomba sem pecado sentada no galho de uma árvore, cantando a canção melancólica que o grande Mestre ensinou a ela, do que um homem perverso com uma apreensão terrível de um futuro miserável e uma certa perspectiva de perdição olhando-o de frente. Portanto, se um homem se torna infeliz no futuro, é culpa sua; pois ele teve a oportunidade e o poder de alcançar um glorioso estado de pureza e felicidade, e se ele as negligenciar, a culpa é não sobre o seu Criador.

Mas, por outro lado, se ele fizer um uso adequado de seus poderes morais e vencer, como um herói cristão deveria, todas as provações e dificuldades que o cercam, ele não terá ocasião de murmurar sobre sua sorte ou invejar da futura felicidade dos seres inferiores a ele.

Deus decretou que o homem será feliz se assim o desejar, e os meios serão colocados ao seu alcance. Se ele está finalmente infeliz, é o resultado de sua própria escolha irrestrita. Portanto, os propósitos de

Deus são cumpridos tanto em sua felicidade quanto em sua miséria, porque Ele propôs que seja feliz se quiser, e que a miséria será o resultado de sua desobediência. Mas, embora os animais inferiores nunca pecaram contra Deus e estejam envolvidos no sofrimento do homem pecador sem nenhuma culpa própria, eles ainda não têm escolha ou meios de corrigir sua miséria. Agora, segue-se que o Criador, cuja “terna misericórdia está sobre todas as Suas obras” e “cujo julgamento é justo”, encontrará alguns meios pelos quais essas inocentes criaturas sofredoras sejam recompensadas. Que eles não têm compensação aqui, seus sofrimentos intensos, trabalhos e mortes agonizantes provam; e, se quiserem receber alguma compensação, devem tê-la em outro estado de existência. Deus deve tê-los originalmente projetado para aquela medida de felicidade que é adequada à natureza e ao poder que Ele lhes deu, mas eles foram privados da maior parte pela Queda do homem e pela maldição do pecado. É então óbvio que o propósito original do Criador não foi cumprido neles e não pode ser até que sejam restaurados à felicidade primitiva que desfrutavam antes da queda.

A teologia ensina que pagãos, deficientes mentais e crianças são salvos pelo fato de que neles os propósitos de Deus nunca foram cumpridos e a responsabilidade pela ação nunca alcançada. Agora não é uma conclusão razoável que Deus tenha providenciado a imortalidade para os animais no mesmo terreno que Ele providenciou para os pagãos, deficientes mentais e as crianças? Cada um possui uma estrutura corporal e um organismo vital e mental, e por que o Criador de todos deve decretar que um deve viver para sempre e o outro condenado à aniquilação é um triste problema a ser resolvido. Mas, como a mente ou a alma é discernível tanto nos animais inferiores quanto no homem, eles provavelmente têm a mesma garantia de imortalidade.

Sir Benjamin Brodie, da Inglaterra, diz:

“O princípio mental dos animais é da mesma essência que o dos seres humanos; de modo que, mesmo nas classes mais humildes, podemos rastrear os rudimentos dessas faculdades às quais, em seu

estado de desenvolvimento mais completo, somos gratos pelos maiores resultados do gênio humano. Estou inclinado a acreditar que as mentes dos animais inferiores são essencialmente da mesma natureza que as da raça humana”.

A conclusão do evangelista John Wesley sobre a natureza da alma vivente transmitida a Adão foi que “Deus lhe deu a vida que os outros animais desfrutam”. O escritor inspirado deixa claro quando diz: “Sim, eles têm um só fôlego, de modo que um homem não tem preeminência acima de um animal” [Eclesiastes 3:19].

Quando reflito sobre a desordem estragada, enegrecida e pecaminosa do mundo moral, e tento responder à pergunta de por que animais inocentes precisam sofrer dores agonizantes e torturas da morte para o conforto e a diversão do homem; ou por que, por causa da desobediência pecaminosa do homem, um animal tem que morrer para fornecer alimento para outro, só posso harmonizar o assunto com a hipótese de que a infinita bondade e justiça do Todo-Sábio Criador fornecerá em algum lugar e às vezes um lar de eterno descanso e felicidade para os animais. Parece-me que a natureza ensina isso, e a justiça e a misericórdia o exigem.

Quer se trate de uma questão de animais ter almas imortais ou não, prefiro permanecer firme, agora e para sempre, nessa questão de justiça e misericórdia.

“Pois o certo é o certo, pois Deus é Deus;
E certo o dia deve vencer;
Duvidar seria deslealdade,
Falhar seria pecado”.

Do ponto de vista humano, por que qualquer cristão deveria se opor à teoria da imortalidade dos animais me parece estranho. A doutrina é certamente um passo mais alto na escada do amor cristão e companheirismo. Acrescenta outra razão pela qual Cristo “ofereceu a Si mesmo como um sacrifício pelos pecados do mundo” e está em harmonia com a história do trato de Deus no mundo e com os

atributos do Criador, como os aprendemos. É uma ideia equivocada, por parte da Igreja, supor que ela dê mais força à evidência da imortalidade do homem para ignorar a imortalidade dos animais inferiores; pois é menos difícil, como mostrarei mais adiante, convencer o mundo científico de que todos os animais têm alma do que convencer os cientistas de que apenas o homem tem uma alma.

Não posso ver que houve alguma distinção na criação original, uma vez que o homem e os animais inferiores foram criados a partir da mesma matéria primária e têm órgãos semelhantes, e cada órgão está sujeito a funções semelhantes. Vemos a unidade em todas as formas de criação da terra e do céu, e a vemos na vida animal. Vemos evidências de inteligência e bondade na natureza e devemos concluir que o Autor deve ser Inteligente e Bom.

A palavra Deus é sinônimo de bem, e sem Sua muitas bondades manifestadas universalmente a Suas criaturas, não podemos entender Seus atributos. “A tua justiça é como as grandes montanhas; ó Senhor, preservas homens e animais” [Salmo 36:6].

IV

O melhor amigo dos animais do Novo Testamento

- Cristo como um professor humano -

A relação de Cristo com os animais inferiores – o dever do homem de seguir o exemplo dEle - a loucura dos sacrifícios - abolidos pela dispensação cristã.

Eu mencionei um pouco sobre os ensinamentos da primeira parte da Bíblia. Vou agora me esforçar para mostrar onde o Novo Testamento é o melhor amigo dos animais. Se pelo pecado original do homem todos os animais foram afetados na Queda, e se pela expiação de Cristo o homem foi afetado na restauração, certamente os animais inferiores também foram afetados. Não pode haver outra conclusão razoável. Paulo diz que “Adão era a figura dEle que estava por vir”; isto é, Cristo deveria ser o segundo Adão. Agora, sob o primeiro Adão, animais inferiores foram criados sem morte ou pecado, mas caíram com o homem; assim, no destino final, eles serão restaurados com o homem sob o segundo Adão, pois “como em Adão todos morrem, assim em Cristo todos serão vivificados” [1ª Coríntios 15:22]. Quando Cristo veio ao mundo como mediador para restaurar a condição decaída do homem e dos animais inferiores, o Novo Testamento se torna a Bíblia dos animais, assim como dos cristãos. Faça essa afirmação com toda reverência, pois devemos admitir que o mundo da razão e da justiça faz parte da mesma criação, como o mundo da matéria e dos sentidos.

Os hindus têm seus Vedas; os maometanos, seu Alcorão; os judeus, seu Talmude; os cristãos sua Bíblia; e os animais têm consolo e esperança de restauração nos ensinamentos do Novo Testamento. Cristo, em seu primeiro sermão, abriu a boca e disse: “Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados os misericordiosos, pois obterão misericórdia” [Mateus 5:3-9]. Em toda a criação de Deus, nenhuma criatura era tão “pobre de espírito” quanto os animais inferiores, e o homem não pode chamar sua atenção para uma expressão mais humana do que esta: “Bem-aventurados os misericordiosos”.

Os ensinamentos de Cristo são do caráter mais humano. Nenhuma doutrina jamais oferecida a esse mundo sincero e obscuro fez mais para diminuir o sofrimento dos animais do que a dEle. A história comovente da vida de nosso Salvador fornece uma bela lição sobre a correta relação do homem com os animais.

Talvez Cristo tenha nascido entre o gado, as ovelhas, os camelos e os cães, a fim de que, de algum modo, de alguma forma desconhecida para nós, alivie a condição de animais pobres, abandonados e caídos. Ele reconhece neles qualidades semelhantes às suas. Ele fala deles como possuindo naturezas sensíveis capazes de felicidade e miséria e, portanto, ordena o dever de bondade e misericórdia a todas as criaturas vivas.

O Rev. Dr. Talmage, ao falar sobre este assunto, faz as seguintes observações bonitas:

“Eis que, em primeiro lugar, que na primeira noite da vida de Cristo Deus honrou a criação animal. Você não pode entrar naquele celeiro de Belém sem passar pelos camelos, mulas, cães e bois. Os animais daquele estábulo ouviram o primeiro grito do infante Senhor. Alguns dos pintores antigos representam os bois e camelos ajoelhados naquela noite antes do bebê recém-nascido. E bem eles podem se ajoelhar. Você já pensou que Cristo veio, entre outras coisas, para aliviar os sofrimentos da criação animal? Não era apropriado que Ele, durante os primeiros dias e noites de Sua vida na Terra, estivesse cercado por animais sem juízo, cujos gemidos e reclamações são há

séculos uma oração a Deus pela detenção de suas torturas e pela correção dos pecados e erros? Não aconteceu apenas que as criaturas não inteligentes de Deus deviam estar naquela noite em uma vizinhança próxima. Não é um canil em todos os séculos, nem um ninho de pássaro roubado, nem um cavalo desgastado no caminho de reboque, nem um rebanho congelando no curral mal construído, nem um vagão de carga trazendo as beiras para o mercado sem água por mil milhas de agonia, não a sala de um cirurgião testemunhando as lutas da raposa, coelho, pombo ou cachorro nos horrores da vivisseção, mas o interessante é o fato de que Cristo nasceu em um estábulo cercado por animais. Ele se lembra daquela noite e da oração que ouviu em seu lamentável gemido, e responderá na punição daqueles que os maltratam”.

Em muitas ocasiões, Cristo exorta Sua mansidão e inocência a Seus seguidores. Ele se compara a uma pomba inocente e ao cordeiro manso e dócil. “Eu sou a porta, por Mim entram as ovelhas... Ele reúne os cordeiros em Seus braços, e os carrega em Seu seio, e gentilmente guia os que estão com os jovens”. O Salvador representa o espírito de bondade na figura do Bom Pastor. Ele diz a Seus ouvintes que os pássaros do céu são alimentados pelo Pai Divino, sem qualquer provisão de trabalho da parte deles, e declara que o mais insignificante deles não perece despercebido pelo Criador [Mateus 10:29].

Sua missão na terra foi intencionalmente inaugurada pelos céus se abrindo e pelo Espírito como uma pomba que descia sobre Ele. A adequação da missão de Cristo ao mundo caído é representada pela semelhança de um dos inocentes e desamparados caídos. Cristo fez continuamente o bem em Seu trabalho de amor e misericórdia. Ele não descansou e não teve prazer, mas fazendo os negócios de Seu Pai, trabalhando na obra dAquele que O enviou, é que pode ser compreendido em um único texto, “para procurar e salvar aquilo que foi perdido” [Lucas 19:10].

Sua influência deve implantar um princípio no coração de Seus seguidores, fazendo com que imitem Seu exemplo. Existem muitas oportunidades. Não podemos caminhar para o exterior sem sermos assaltados pelo grito de desamparo ou sem entrar em contato com

cenar de dor. Estas enviam um apelo que não pode ser mal interpretado e não deve ser desconsiderado. A natureza pronta e terna de Cristo teve pena e aliviou os angustiados. Ele ensinou a humanidade a perdoar ofensas, a comiserar a tristeza e a aliviar o sofrimento. Ele ordena que imitemos a conduta do caritativo samaritano, que tenha pena até da angústia de um inimigo e faça nossos melhores esforços para aliviar todo sofrimento. Se nada sabemos sobre a compaixão de Jesus, não sabemos nada sobre o que é a verdadeira compaixão ou sobre como ela foi perfeita e afetuosamente demonstrada. Amamos e admiramos a pessoa que tem pena e ajuda os aflitos, os angustiados, os que sofrem. Pensamos com prazer e exultação a terna e profunda compaixão de Howard, Brainard, Elliot, Nightingale, Bergh, Cobbe, Angell, Colam e muitos outros cujos nomes estão justamente inscritos nas páginas da filantropia. Eles foram ornamentos brilhantes da humanidade e amigos para os tristes e oprimidos.

Mas um personagem muito mais compassivo do que qualquer um deles, ou qualquer ser humano, foi o Salvador do mundo que deu o exemplo para toda a humanidade. Essa tendência pronta e benevolente de Sua natureza, de ter pena e aliviar os miseráveis, foi uma das características mais encantadoras do caráter de nosso Salvador. Ele não apareceu na majestade de um soberano ou na glória de um maldito conquistador. Ele ocupou uma posição não entre os príncipes e potentados do mundo, mas entre os humildes e tristes. Seu nascimento foi ainda mais humilhante e Suas necessidades corporais são maiores do que os animais com os quais Ele estava cercado, pois as raposas tinham buracos e os pássaros do céu tinham ninhos, enquanto o Filho do Homem não tinha onde repousar a cabeça [Mateus 8:20].

Há outra razão pela qual o Novo Testamento é o melhor amigo dos animais. Cristo, oferecendo-se como sacrifício vivo pelos pecados do mundo, estabeleceu o fato de que “fazer justiça e juízo é mais aceitável ao Senhor do que sacrifícios” [Provérbios 21:3].

Ele é representado como aquela estrela brilhante e matutina que se tornou a Luz do Mundo e deu à humanidade uma revelação clara e completa da natureza e perfeições de Deus e tornou conhecido o caminho da reconciliação, oferecendo a Si mesmo um sacrifício vivo

pelo mundo e, assim, dispensando qualquer outra desculpa para esse triste ritual de oferecer sacrifícios de animais.

Quão sombrias e confusas foram as noções dos filósofos, na época da vinda de Cristo, sobre o assunto de sacrifícios de animais! Não podemos encontrar na Bíblia uma razão satisfatória para a sua primeira prática. Não restaurou o homem caído à sua antiga santidade, nem efetuou sua salvação. Se fosse esse o caso, não seria necessário o sacrifício do Filho de Deus. Alguns teólogos nos dizem que era um tipo da vinda de Cristo, mas que parte da Bíblia escrita antes da vinda de Cristo e durante o tempo em que foi praticada não diz isso. Negamos o direito a essa interpretação.

A razão humana não pode apontar a adequação ou congruência entre a matança de um animal e a recepção pelo homem ao perdão pela violação da lei de Deus.

Como o mundo passou a praticar sacrifícios a tal ponto continua sendo um mistério profundo. Muito antes da era cristã, a religião budista repudiava o rito e proibia seu uso em todo o Oriente sobre o qual exercia influência. O judaísmo foi o último a desistir dessa cerimônia triste e cruel.

É certo que os filósofos pagãos mais sábios, Pitágoras, Platão e outros, se opuseram à doutrina do sacrifício e “se perguntaram como uma instituição tão sombria e com tão grande absurdo poderia se espalhar pelo mundo”. Eles ridicularizaram a ideia de que a oferta de sacrifícios poderia agradar a um Ser como um Deus verdadeiro e vivo. Porfírio diz:

“Devemos, então, estar unidos e feitos como Deus, oferecer nossa própria conduta como um sacrifício santo para Ele, sendo o mesmo também um hino e nossa salvação na excelência sem paixão da alma”.

Alega-se que a razão pela qual ela se espalhou tão amplamente foi que os sacerdotes que compartilharam com os deuses e receberam a melhor porção da carne, foram fundamentais para incentivá-la. A história inicial dos sacrifícios praticada por todas as nações mostra que eles consistiam em frutas, grãos e óleo. O sacrifício de seres humanos

vivos e animais inferiores era o resultado de uma natureza canibal depravada e a noção de que estava cercado por uma maior significação mística do que outros sacrifícios. Esses sacrifícios foram oferecidos a todos os tipos de deuses e ídolos imaginários com a absurda noção de que tais deuses exigiam a vida de algum ser inocente. Por isso, descobrimos que cada divindade exigia um tipo particular de vítima.

Um deus era conhecido como “devorador de homens”, outro como “devorador de cabras”, outros como “devorador de carneiros”, “devorador de carneiros”, etc. Os persas tinham um deus “que não desejava nada além de as almas das vítimas”. Os árabes tinham um deus que era muito caridoso e exigia apenas “metade do sangue das vítimas”. Os romanos tinham um deus carnívoro “que costumava comer carne humana”.

Algumas nações acreditavam que, ao comer a carne de uma vítima, sua vida seria renovada na vida daqueles que a comiam; portanto, os Issedones comeriam seus pais e filhos para manter ou perpetuar a família.

Outra característica proeminente do sacrifício era a suposta unidade de parentesco, misturando o sangue da vítima nas veias de toda a tribo. A aliança de sangue foi formada pela ingestão da mesma vítima e pelo mesmo tipo de sangue nas veias de todos. Mas se esse sangue sacrificial não foi participado, aspergia-se sobre o povo com o mesmo propósito.

Algumas partes do Antigo Testamento falam claramente contra o sacrifício, assim: “Os sacrifícios para Deus são um espírito quebrado; um coração quebrado e contrito... [Salmo 51:17] (...) Porque eu não falei com seus pais nem os ordenei nos dias que eu trouxe da terra do Egito, com respeito a ofertas queimadas ou sacrifícios... [Jeremias 7:22] Não me agrada do sangue de novilhos, nem de cordeiros nem de cabras ... [Isaías 1:11] Se eu tivesse fome, não to diria, pois meu é o mundo e toda a sua plenitude. Comerei carne de touros ou beberei sangue de cabras? [Salmos 50:12, 13]... Embora você me ofereça holocaustos e suas ofertas de carne, não os aceitarei. . . . Pois desejo misericórdia e não sacrifício”. [Oséias 6:6, ver Amós 5:22]

Por todo o Antigo Testamento, era costume, ao introduzir qualquer nova lei, comando ou forma de adoração, dizer “assim diz o Senhor” assim e assim, e assim muitas coisas foram colocadas na boca do Senhor, que Ele sem dúvida nunca disse nem aprovou.

Quando os tabernáculos, templos ou locais de culto eram mencionados, tudo era representado como sendo feito pelo Senhor ou em Sua presença, assim como agora chamamos uma igreja de casa do Senhor e falamos do altar de Deus; mas, em ambos os casos, seria uma reflexão sobre a onisciência e bondade de Deus dizer que Ele aprovou tudo o que foi feito e disse em Seu nome.

O Rev. Dr. Robert Patterson, em seu livro intitulado “*Fables of Infidelity*” [Fábulas de Infidelidade], publicado pelo Scriptural Tract Repository, e endossado pela Igreja, faz a seguinte declaração apropriada:

“Quando dizemos que Deus é o Autor da Bíblia, e que ela carrega consigo uma autoridade divina porque é a Palavra de Deus, não queremos dizer que Deus seja o Autor de todos os dizeres nela, e que toda declaração registrada nela é a mente de Deus. Nem quando dizemos que Deus dirigiu a Sua Palavra aos profetas o que escrever, e como escrevê-lo, queremos dizer que Ele também guiou todos os aspectos de seu comportamento, de modo que nunca deram errado”.

O clérigo de uma igreja argumentará que o Senhor “ordena que ele diga e faça uma certa coisa”, enquanto o clérigo de outra igreja afirma que o Senhor ordena que ele diga e faça algo completamente diferente. O fato de uma coisa ser feita em nome da Deidade não a torna correta, se não for à vontade expressa de Deus. Vemos isso ilustrado quando uma mãe hindu faz um sacrifício vivo da criança dela jogando-a sob as rodas do Juggernaut para ser esmagada até a morte, a fim de apaziguar a suposta ira de seu deus; ou quando os índios, há menos de um século, ofereceram sacrifício vivo ao Grande Pai enviando uma de suas tribos sobre as Cataratas do Niágara em uma canoa. O velho ditado, que acreditar que uma coisa é certa, não faz isso, será aplicado neste caso.

Finalmente, a dispensação cristã aniquilou a triste e repulsiva cerimônia dos sacrifícios de animais e isso para nós resolve a questão.

São Paulo diz:

“Por isso, entrando no mundo, diz: Sacrifício e oferta não quiseste, Mas corpo me preparaste; Holocaustos e oblações pelo pecado não te agradaram.

Então disse: Eis aqui venho (No princípio do livro está escrito de mim), Para fazer, ó Deus, a tua vontade.

Como acima diz: Sacrifício e oferta, e holocaustos e oblações pelo pecado não quiseste, nem te agradaram (os quais se oferecem segundo a lei).

E assim todo o sacerdote aparece cada dia, ministrando e oferecendo muitas vezes os mesmos sacrifícios, que nunca podem tirar os pecados;

Mas este, havendo oferecido para sempre um único sacrifício pelos pecados, está assentado à destra de Deus...”

[Hebreus 10:5-8, 11,12]

Agora, não desejo dizer nada depreciativo à honra daquela dispensação que o Todo-Poderoso por um tempo, e com um propósito, do qual sabemos pouco, permitiu; mas vou dizer isso, mesmo que em seu melhor estado, a economia mosaica era caracterizada por obscuridade, escuridão e sofrimento, em comparação com a gloriosa luz do evangelho introduzida por Cristo que “se manifestou, para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo” [Hebreus 9:26].

V

A Bíblia ensina a imortalidade dos animais

- Opiniões de alguns grandes autores -

Deus nunca deixou de lembrar e cuidar de todas as Suas criaturas - São Paulo acredita na redenção final dos animais inferiores - a transmigração de almas.

A corrente da história da Bíblia mostra conclusivamente que Deus nunca perdeu de vista Seu cuidado e amor pelos animais inferiores, bem como pelo homem. A linguagem das Escrituras em todos os lugares ensina compaixão e ternura para com os animais inferiores. A pessoa que falha em reconhecer essa verdade falha em reconhecer o verdadeiro significado e força de algumas das parábolas e passagens mais ternas e instrutivas da revelação. As qualidades, os poderes, as belezas dos animais inferiores, são declarados como tendo sido especificamente dados pelo Criador.

Todos recebem Sua comida designada a Ele no devido tempo, e são chamados a louvá-Lo. A bondade para com eles é inculcada e a crueldade reprovada. A destruição de uma cidade perversa era proibida pelo bem da vida dos animais inferiores.

No estado final do mundo, os animais ferozes e carnívoros mudarão seus apetites e paixões destrutivas. Eles comerão comida vegetal, e se tornarão gentis, e exibirão disposições gentis, e tudo será restaurado para a paz e a felicidade primordiais.

Há uma corrente de pensamento do começo ao fim da Bíblia que expressa ou implica que os animais compartilham da vida imortal do homem. Mas, a fim de compreender esta poderosa verdade devemos deixar de lado o preconceito e lembrar as várias traduções pelas quais a Bíblia foi submetida e a indiferença dos teólogos sobre esse assunto.

São Paulo, em sua carta aos romanos, faz uma declaração que não pode ser interpretada como algo além de que os animais sofreram igualmente com o homem na Queda e serão restaurados por meio de Cristo.

São Paulo diz:

“Deus nos fez conhecer o mistério de Sua vontade, de acordo com Sua boa vontade, para que, na dispensação da plenitude dos tempos, Ele pudesse reunir em uma só todas as coisas em Cristo, tanto no céu como na terra. (...)

“Porque a ardente expectativa da criatura espera a manifestação dos filhos de Deus.

Porque a criação ficou sujeita à vaidade, não por sua vontade, mas por causa do que a sujeitou,

Na esperança de que também a mesma criatura será libertada da servidão da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus.

Porque sabemos que toda a criação geme e está juntamente com dores de parto até agora.

E não só ela, mas nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo”.

[Efésios 1:9-10; Romanos 8:19-23]

Cada frase da citação acima prova que os animais têm almas imortais e que estão aguardando a redenção que foi feita através da expiação de Cristo. Na primeira frase citada, quando o escritor inspirado diz que Deus reunirá, em uma, todas as coisas em Cristo, ambas no céu e na terra, ele não poderia limitar “todas as coisas” apenas ao homem.

Nenhum homem de educação arriscaria sua reputação afirmando que apenas o homem estava incluído.

Na sentença seguinte, a palavra criatura não pode significar homem, pois o escritor declara que toda a criação geme, e não apenas eles, as criaturas, mas também nós mesmos, o homem.

São Paulo nos dá a entender que esse sofrimento dos animais não será desesperador, mas que eles serão libertados juntamente com o homem da escravidão da corrupção. Pela palavra criatura entende-se todos os seres vivos, exceto o homem. Ele não está aqui implícito, pois São Paulo mantinha os homens separados para tornar seu argumento claro. A criatura foi sujeita à vaidade ou pecado; não de boa vontade, isto é, não por escolha, mas por Aquele que sujeitou o mesmo, isto é, por Adão, que por sua transgressão levou a criatura à escravidão e sujeição aos males do pecado. A palavra criatura é usada para apontar a ordem inferior dos seres em contraste com o homem. Eles serão libertados da escravidão da corrupção, (isto é, do estado de decadência que pertence ao assunto e não à alma), para a gloriosa liberdade dos filhos de Deus; isto é, na mesma feliz condição de liberdade e libertação do mal, que será o privilégio final dos remidos.

Que as próprias criaturas, quando essa glória é revelada nos filhos de Deus será então também libertadas da escravidão do pecado, na restituição final, é claro. A palavra criatura usada no sentido da passagem citada tem um significado muito diferente de qualquer passagem em que o homem é referido que não pode haver paralelo.¹

John Wesley, ao falar de uma restauração geral de toda a vida animal, diz:

“Nada pode ser mais claramente expresso. Afastese do preconceito vulgar e deixe que a clara Palavra de Deus tome o seu lugar. Eles (os animais) serão libertados do cativo da corrupção para a liberdade gloriosa, até mesmo uma medida, conforme sejam capazes, da liberdade dos filhos de Deus. Uma visão geral disso é dada no oitavo capítulo de Romanos. Então, as seguintes bênçãos serão dadas, não apenas aos filhos dos homens, pois não há essa restrição no texto, mas a toda criatura de acordo com sua capacidade:

‘Deus enxugará todas as lágrimas dos seus olhos, e não haverá mais morte, nem tristeza nem choro; nem haverá mais dor; porque as coisas anteriores passaram. E se, então, agradar o Criador Todo-Gracioso e Sábio para elevar as criaturas, que agora chamamos de animais inferiores, a um grau mais alto na escala da criação? E se isso deveria agradá-Lo, na grande regeneração, quando Ele nos torna ‘iguais aos anjos’, para torná-los o que somos agora? Assim, naquele dia, toda a vaidade a que estão agora sujeitos e desamparados será abolida; não sofrerão mais, nem por dentro nem por fora; os dias de seus gemidos serão encerrados. Na nova terra, assim como nos novos céus, não haverá nada para causar dor, mas tudo o que a sabedoria e a bondade de Deus podem criar para dar felicidade. Como recompensa pelo que sofreram enquanto estavam sob o ‘cativeiro da corrupção’, quando Deus ‘renovar a face da terra’ e seus corpos corruptíveis se desgastaram na incorrupção, gozarão de felicidade, adequada ao seu estado, sem liga, sem interrupção e sem fim”.

O reverendo Dr. Edward B. Pusey diz que “toda a natureza, tendo sofrido juntas, serão restauradas juntas. Quanto a nós, a morte deve ser a porta da imortalidade e da glória; portanto, de alguma maneira, para eles, a criação inclui todos os seres criados e toda a criação também deve incluir nossa natureza, naquele gemido e dor comuns”.

O grande filósofo e teólogo, Bispo Butler, diz:

“Não podemos argumentar pelo motivo de que a morte é a destruição dos agentes vivos. Também não podemos encontrar nada em toda a analogia da natureza que nos permita a menor presunção de que os animais jamais percam suas forças vivas; muito menos, se isso acontecer. É possível, que os percam pela morte. A imortalidade dos animais não implica necessariamente que eles sejam dotados de capacidades latentes de natureza racional ou moral. A economia do universo pode exigir que existam criaturas imortais sem nenhuma capacidade de esse tipo”.

Canon Wilberforce, em um discurso eloquente antes de uma reunião da *Anti-Vivisection Society* em Londres, disse acreditar que “essas formas

de vida bonitas e úteis, que às vezes são tão cruelmente torturadas, são obrigadas a passar para outra esfera, e que no grande mundo eterno homens e animais afundam ou nadam juntos”.

O reverendo Joseph Cook diz:

“Os fatos não exigem que sustentemos que a parte imortal nos animais com dotações superiores às automáticas é externa ao mecanismo nervoso neles e no homem? O que devemos dizer se acharmos que a franqueza pode nos levar à conclusão de que Agassiz não era injustificável quando afirmou, em nome da ciência, que o instinto pode ser imortal e quando expressou, em seu próprio nome, a ardente esperança de que assim fosse. Também não devemos esperar que essa concepção mais elevada do paraíso pode ser a verdadeira? Não seria uma diminuição da felicidade suprema não ter união com Deus por meio deles, a mais majestosa de Suas obras abaixo de nós mesmos?”

Agassiz, o maior cientista que já tivemos neste continente e um homem de profundas convicções religiosas, acreditava firmemente em alguma vida futura dos animais inferiores. Ele diz:

“A maioria dos argumentos da filosofia a favor da imortalidade do homem se aplica igualmente à permanência do princípio imortal em outros seres vivos. Não posso acrescentar que uma vida futura na qual o homem deva ser privado dessa grande fonte de prazer, e melhoria intelectual e moral, resultantes da contemplação das harmonias de um mundo orgânico, envolveria uma perda lamentável; e não podemos olhar para um concerto espiritual dos mundos combinados e de todos os seus habitantes na presença de seu Criador, como a mais alta concepção do paraíso? De alguma maneira incompreensível, Deus Todo-Poderoso criou esses seres, e não posso duvidar de sua imortalidade mais do que duvido da minha própria”.

O Rev. Dr. Adam Clark, um dos maiores teólogos de sua época, faz a seguinte declaração clara e inequívoca:

“Não parece que a criação animal seja capaz de uma escolha; e é evidente que eles não são colocados em sua miséria atual, seja por sua escolha ou por seu pecado; e se nenhum propósito de Deus pode ser frustrado, essas criaturas devem ser restauradas ao estado de felicidade para o qual foram criadas, e dos quais foram privadas pela transgressão do homem. Se o pecado não tivesse entrado no mundo, elas teriam gozado, sem dor, sem trabalho excessivo e labuta, e sem morte, e sem todos os sofrimentos muito maiores que surgem da queda. É, portanto, óbvio que o gracioso propósito de Deus não foi cumprido nelas e que, como elas não perderam a felicidade por sua própria culpa, beneficência e justiça de Deus são obrigadas a torná-las uma reparação. Portanto, é razoável concluir que, a partir da atual constituição das coisas, elas não podem ter a felicidade projetada para elas neste estado, elas devem tê-lo em outro”.

A Sra. Mary Somerville, que era membro das sociedades e academias filosóficas da ciência na Inglaterra e na Alemanha, e que foi notada em todo o mundo por seu conhecimento científico e virtudes femininas, ao falar sobre o assunto da morte, disse:

“Lamentarei o céu, o mar, com todas as mudanças de sua bela coloração; a terra, com suas verduras e flores; mas muito mais lamentarei ao deixar animais que seguiram nossos passos afetosamente por anos, sem saber ao certo seu destino final, embora eu acredite firmemente que o princípio da vida nunca seja extinto. Estou sinceramente feliz em descobrir que não sou a única crente na imortalidade dos animais inferiores”.

Frances Power Cobbe, da Inglaterra, uma escritora notável, diz:

“Atrevo-me a dizer claramente que, até onde me parece, não há solução possível para essa pergunta desgastante, exceto a ousada suposição de que a existência dos animais não termina na morte. É absolutamente necessário postular uma vida futura para o cão ou gato ou cavalo ou macaco torturado, se escapássemos da insuportável conclusão de que uma criatura senciente, não ofensiva,

ou seja, incapaz de ofender, recebeu pelo Criador uma existência que, no geral, foi uma maldição. Essa conclusão seria blasfêmia. Rejeitando-o com toda a energia de nossas almas, nos encontramos logicamente motivados a assumir a vida futura dos animais inferiores”.

O Rev. J. G. Wood, autor de *“Man and Beast”* [Homem e Animal], diz:

“Tenho certeza de que os animais terão a oportunidade de desenvolver suas faculdades latentes no próximo mundo, embora seu livre alcance lhes tenha sido negado no curto espaço de tempo da existência no mundo atual. Eles superam muitos seres humanos em amor, altruísmo, generosidade, consciência e auto-sacrifício. Eu reivindico para eles um status mais elevado na criação do que geralmente é atribuído a eles, e afirmo que eles têm uma vida futura em que eles podem ser compensados pelo sofrimento que muitos deles devem sofrer neste mundo. Tenho certeza de que a maioria das crueldades praticadas nos animais se deve ao hábito de considerá-los meras máquinas, sem suscetibilidade, sem razão, e sem a capacidade de um futuro”.

George T. Angell, Presidente da Sociedade Americana de Educação Humana, e um destacado humanitário, diz:

“Pode haver alguma dúvida de que o Todo-Poderoso, que lhes deu uma vida (animais), tenha poder, se Ele quiser, de dar-lhes outra? No grande universo de Deus, compreendendo talvez milhões de mundos maiores que o nosso, não há espaço suficiente para todos?”

O Rev. Canon I. T. Carter, um notável clérigo inglês, diz:

“Além disso, podemos nos conectar com a ressurreição de nosso Senhor, a esperança da restauração de toda a criação; pois o mundo inteiro aguarda com expectativa esse estado futuro. O mundo da criação ao nosso redor sofre com o efeito da queda, de modo que eles conhecerão uma ressurreição e serão transformados em um

estado puro, mais abençoado, mais bonito. Destruídos, mas à sua maneira, de acordo com sua espécie, serão restaurados, dando louvor e glória àquele que os criou”.

O Rev. Robert Eyton faz as seguintes observações bonitas:

“Para alguns de nós, seria uma grande tristeza pensar que, após esta vida, estaremos eternamente separados, irremediavelmente, daquele mundo animal em que muitos dos nossos interesses mais profundos se encontram. Seria estranho para nós pensar que o homem deveria ter este mundo como seu lar e formar essas maravilhosas e belas relações com muitos dos animais abaixo dele, que ele agora faz e, depois, na nova terra, essas relações devem cessar, e que Deus deve ser visto a partir de agora apenas como o Deus dos seres humanos, e não da criação animal. Mas quando pensamos nos animais como objetos do amor criativo de Deus, isso imediatamente nos coloca em uma nova relação com eles e nos dá uma nova esperança sobre o futuro deles”.

Kev. H. Kirby, da Inglaterra, diz:

“Somos levados a concluir que sofrimento, violência e morte dos quais os animais têm que suportar, seja por mão do homem ou de outros animais, não existiam até depois da queda do homem e que, portanto, são uma das conseqüências do pecado. Em outras palavras, os animais inferiores, que não são culpados de nenhum pecado, estão, no entanto, sofrendo uma parte do castigo devido ao pecado do homem.

Isso nos levaria a supor, pelo que sabemos da bondade, justiça e equidade de Deus, que se os homens culpados desfrutaram dos benefícios da Encarnação e Expição de Cristo, e devem receber muito mais do que um equivalente por suas misérias e sofrimentos, então, animais inocentes podem, em todo o caso, procurar alguma recompensa por todos os males que agora enfrentam: e, como parece haver pouco alívio para seus problemas na vida atual, inferimos que isso pode ocorrer em uma futura e imortal vida, da qual são capazes por sua dupla natureza de corpo e alma”.

O Dr. John Fulton, de Nova York, um clérigo de profunda piedade e intelecto brilhante, fez recentemente a seguinte declaração:

“Este é um mundo redimido, com nenhuma criatura sofredora que foi deixada de fora da abrangente redenção de Cristo. E mais Eu ousou acreditar que São Paulo estava certo quando olhou para este mundo redimido e, vendo como suas ordens inferiores estão gemendo e sofrendo junto conosco, até agora, ele foi inspirado a profetizar um tempo melhor, quando sua redenção e a nossa será aperfeiçoada em conjunto, e a glória a ser revelada ultrapassará todo o sofrimento presente, e minha crença é que, de alguma maneira, que eu não pretendo entender, mas na qual posso acreditar, a salvação de Cristo é ampla o suficiente para incluir e inclui a criação inferior”.

Mas poder-se-ia continuar mencionando centenas de religiosos, autores e cientistas notáveis, dos tempos modernos, bem como escritores antigos, que se expressaram como crentes na imortalidade dos animais. A doutrina foi mantida por uma grande maioria dos filósofos antigos, embora, como a imortalidade do homem, fosse de natureza muito incerta e grosseira.

A velha escola dos platonistas afirmava que as almas de todas as criaturas vivas faziam parte da alma universal do mundo, e que estavam deprimidas ou imersas no corpo animal, e quando o corpo morre, a alma iria para algum outro ser vivo, algumas vezes para um homem e outras para um animal inferior.

Essa doutrina da transmigração de almas, por mais imperfeita que seja, mostra um dispositivo nobre e humano dos antigos de impedir que os homens se entreguem a paixões sórdidas e más. Ensinar que as almas dos homens, após a separação do corpo, deve passar à forma dos animais que mais se assemelham às suas disposições, para depois suportar os horrores e sofrimentos que eles foram culpados de infligir, era uma doutrina saudável naqueles dias de trevas.

Se as almas de alguns dos nossos animais de duas pernas que abusaram e torturaram intencionalmente tantos quadrúpedes deveriam

ser transmigradas para suas formas por tempo suficiente para perceber as regiões do inferno que eles criaram para eles na terra, os anjos da misericórdia indubitavelmente gritariam, amém!

Menandro, um escritor grego, falando sobre o assunto da transmigração, disse a Crato:

“Quando você morrer, terá uma segunda existência; portanto, escolha qual criatura você gostaria de ser: cachorro, ovelha, cabra, cavalo ou homem”.

Ao que ele respondeu:

“Faça de mim algo que não seja um homem, pois ele é a única criatura que prospera pela injustiça”.

Embora isso tenha sido falado muitas centenas de anos atrás, é um fato lamentável que isso não tenha perdido nada de sua verdade.

A doutrina da imortalidade dos animais foi mantida por muitos escritores judeus e uma longa lista de escritores cristãos antigos poderia ser mencionada.

Manassés, um renomado rabino judeu, em seu discurso sobre a ressurreição, afirma que “os animais irracionais terão um estado muito mais feliz do que jamais desfrutaram aqui quando se levantarem com o homem novamente”.

E Philo, em seu livro de recompensas futuras, fala o seguinte:

“Não há dúvida de que os animais irracionais daqui para a frente serão despojados de sua ferocidade, e se tornarão mansos e gentis à maneira de outras criaturas cujas disposições são subjugadas à harmonia e ao amor”.

Tertuliano, um notável escritor cristão, faz as seguintes observações:

“Haverá um fim da morte, quando o diabo, seu principal dominador, for embora para o fogo que Deus preparou para ele e seus anjos; quando as manifestações dos filhos de Deus libertarão o

mundo do mal, atualmente universalmente sujeito a ele; sendo restaurada a inocência e a pureza da natureza, os animais viverão em harmonia um com o outro e os bebês brincarão sem causar danos aos animais, uma vez ferozes; quando o Pai subjugar Seus inimigos a Seu Filho e sujeitar todas as coisas aos Seus pés”.

-
1. Há uma distinção clara feita ao contrário das palavras criatura e eles com o homem e nós mesmos. É uma observação clara da natureza, bem como da revelação, que toda criatura inferior no Universo sofre dores, e não apenas elas, mas nós mesmos, nós da espécie humana, gememos dentro de nós mesmos, esperando pela redenção de nossos corpos dos males em que agora trabalham. As criaturas ou animais inferiores foram sujeitos a vaidade ou pecado “através de nossa ofensa” e gemem sob a maldição da desobediência do homem, mas no devido tempo essas pobres criaturas serão libertadas da escravidão da corrupção e restauradas junto com o homem à felicidade. Haverá uma “restauração de todas as coisas como Deus prometeu pela boca de todos os Seus santos profetas”, quando o novo céu e a nova terra forem habitados.

VI

Um paraíso prometido aos animais

- Ordenados a louvar o Criador -

Os animais serão restaurados a paz e felicidade primitivas - são vistos no Céu - duas passagens das Escrituras geralmente não são adequadamente interpretadas.

Na promessa de um novo céu e uma nova terra, Deus deu uma revelação clara ao homem sobre a restauração de todos os animais. Nesse novo Jardim do Éden, todas as coisas devem ser restauradas à sua antiga harmonia; haverá paz e felicidade perpétuas, e todos viverão juntos em amor. A criação animal alegrará novamente um novo Paraíso, como fizeram quando Adão e Eva os chamaram pelo nome, os acariciaram e se misturaram em sua sociedade.

A Bíblia em todos os lugares indica que a nova terra será uma contrapartida da antiga antes da Queda; portanto, devemos concluir que os animais inferiores, que foram criados antes do homem e que foram seus companheiros antes e depois da Queda, serão restaurados com ele na “nova criação”. O escritor inspirado Isaías, olhando além do sofrimento atual e da condição desorganizada dos animais, declara que chegará o tempo em que “o lobo habitará com o cordeiro, e o leopardo se deitará ao pé do cabrito; o bezerro, o leão novo e o animal cevado andarão juntos, e um menino pequenino os conduzirá. A vaca e a urso pastarão, as suas crias se deitarão juntas e o leão comerá palha como o boi. A criança de peito brincará sobre a toca do áspide, e a

criança desmamada meterá a mão na cova do basilisco. Não farão dano nem destruirão em todo o meu santo monte, porque a terra será cheia do conhecimento de Jeová, assim como as águas cobrem o mar”. [Isaías 11:6-9]

Essa descrição do escritor inspirado retrata completamente a condição que existia no Jardim do Éden antes da Queda e mostra conclusivamente que a mesma relação voltará a existir entre os animais e que Deus criou ou preparou um novo mundo para eles; ou, como diz São Paulo:

“De tornar a congregar em Cristo todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra...”.

[Efésios 1:10]

São Pedro diz: “E Deus enviará Jesus Cristo, que antes lhe foi pregado, a quem o céu deve receber até os tempos de restituição de todas as coisas” [Atos 3:20-21]. “Porque, segundo a Sua promessa, buscamos novos céus e uma nova terra” [2ª Pedro 3:13]. Agora, se todas as coisas devem ser restauradas, os animais devem ser restaurados; e se todo esse sistema material deve ser renovado, isso não inclui as formas materiais de todos os seres vivos?

Quando os animais inferiores foram levados a sofrer pelo pecado do homem no momento do dilúvio, Deus fez uma promessa a eles, bem como ao homem, que tal coisa nunca deveria ocorrer novamente, com estas palavras:

“Então me lembrarei da minha aliança, que está entre mim e vós, e entre toda a alma vivente de toda a carne; e as águas não se tornarão mais em dilúvio para destruir toda a carne”.

[Gênesis 9:15]

Por que Deus deveria incluir em Sua aliança os animais inferiores se não fossem imortais, assim como o homem, e não deviam compartilhar um destino futuro?

Se Satanás não tivesse interferido para estragar a harmonia entre o homem e os animais no Paraíso original, eles ainda viveriam nos laços de uma comunhão santa e feliz sem pecado ou sofrimento.

Duvidar que Deus restaure essa feliz comunhão seria negar que alguma vez existisse e negar os ensinamentos claros da Bíblia e todos os bons e grandes atributos de nosso Pai Celestial.

Isaías, ao falar da “restituição de todas as coisas”, diz:

“Então te dará chuva sobre a tua semente, com que semeares a terra, como também pão da novidade da terra; e esta será fértil e cheia; naquele dia o teu gado pastará em largos pastos.

E os bois e os jumentinhos, que lavram a terra, comerão grão puro, que for padejado com a pá, e cirandado com a ciranda”.

[Isaías 30:23-24]

Por outro lado, se não havia estado futuro para os animais inferiores, por que Deus os chama para louvá-Lo? Se o Criador os fez “muito bons”, sem serem capazes de pecar, e pela desobediência do homem eles tiveram que sofrer com ele a maldição da Queda, pareceria zombaria convidá-los a louvá-Lo, se forem ser condenados a uma eterna aniquilação.

Deus diz em Sua palavra revelada:

“Louvai ao SENHOR. Louvai ao SENHOR desde os céus, louvai-o nas alturas.

As feras e todos os gados, répteis e aves voadoras...”.

[Salmos 148:1, 10]

São João, o teólogo, que se representa como alguém que fala através de “a revelação de Jesus Cristo”, nos dá a entender que existem animais inferiores, além do homem no Céu, e que todos louvam ao Senhor. Ele diz que viu quatro animais junto com vinte e quatro anciãos que estavam perto do trono de Deus, e que essas “davam glória, e honra, e ações de graças ao que estava assentado sobre o trono” [Apocalipse 4:9]. E mais adiante, ele conta que viu no Céu cavalos, ovelhas,

leopardos, leões, sapos, aves, pássaros e insetos; que os animais consistiam em dezenas de milhares; e que “toda criatura que está no céu e na terra e debaixo da terra, e as que estão no mar e tudo o que há nelas, ouvi dizer: Bênção e honra e glória e poder e poder para Aquele que está assentado sobre o trono ... Tu és digno, ó Senhor, de receber glória, honra e poder; pois Tu criaste todas as coisas, e pelo Teu prazer elas são e foram criadas” [Apocalipse 5:13]. Se os animais inferiores “são e foram” criados para Seu prazer, isto deve estar no estado futuro, pois certamente não pode estar de acordo com a natureza do Criador, ter prazer no terrível sofrimento que eles devem suportar neste mundo.

É muito óbvio que quando “Deus viu tudo o que havia feito, e eis que era muito bom”, estava olhando através e além do estado intermediário para o objetivo final da criação. Não há outra maneira de resolver essa pergunta triste e desconcertante, e nenhuma outra razão pela qual Deus convocaria os animais inferiores a louvá-Lo. Quando ouvimos o povo cristão cantar aquele belo verso composto pelo bispo Thomas Ken: “louvado seja Deus, de quem todas as bênçãos fluem; louvado seja todas as criaturas aqui em baixo”, nos perguntamos se eles realmente compreendem sua verdadeira importância. Sem dúvida, o grande e bom bispo foi sincero quando compôs aquela grande doxologia que será cantada enquanto a Igreja Cristã for perpetuada na terra; mas nenhum homem tem o direito moral de pedir aos animais pobres e sem pecado para que louvem a Deus, a menos que se sinta seguro de que receberão uma recompensa futura pela triste condição que o homem lhes trouxe.

“Ora bem, quem ama bem,
Homem, pássaro e animal.
Ora melhor quem ama melhor
Todas as coisas grandes e pequenas;
Para o grande Deus que nos ama,
Ele criou e ama a todos”.

Enquanto a Bíblia transmite claramente a ideia de que os animais inferiores estão no Céu, assim como os homens estão lá também, ainda

assim eu não insisto nesse fato como argumento para a imortalidade dos animais, pois Deus pode achar adequado dar-lhes uma “residência”, como Ele fez antes da criação do homem.

Pode ser bom, nesse contexto, observar brevemente a doutrina ensinada por outras religiões fora do cristianismo.

A evidência é positiva de que a crença em uma existência interminável de animais inferiores, bem como do homem, foi mantida ao longo da história do homem, desde a criação até os dias atuais. Milhares de anos antes da era cristã, os egípcios mostram evidências de ser um povo altamente culto em costumes, arte, literatura e ciências. Eles podiam construir templos, erigir obeliscos maciços e mostrar evidências de realizações maravilhosas em matemática, engenharia e astronomia. Eles eram, em tenra idade, mais avançados do que os gregos ou os romanos.

No Museu Britânico, existem figuras esculpidas em escrita hieroglífica, que podem ser facilmente lidas, que datam de 3500 a.C. Em seu simbolismo religioso, mostram que acreditavam firmemente na imortalidade dos animais.

O grande número de múmias de animais encontradas ao lado dos seres humanos mostra que eles colocavam o homem e os animais inferiores em igualdade no que diz respeito ao destino futuro. Muitos animais têm um significado especial nos ensinamentos religiosos dos egípcios. O touro sagrado, chamado Ápis, foi mantido em Menfis e tratado com muita reverência. Quando morreu, ele foi embalsamado e enterrado em um sarcófago de granito na vizinhança das Pirâmides com uma inscrição adequada esculpida em pedra. Em um deles, que é uma amostra de muitos, são encontradas as seguintes palavras:

“No vigésimo ano, mês Mesori, vigésimo dia, sob o reinado do rei Psamético I, a majestade dos Ápis vivos partiu para o céu”.

Os maometanos defendem a doutrina de que existe um Paraíso, ou “Jardim da Morada”, abaixo do sétimo céu e próximo ao trono de Deus, que é a futura morada dos justos, e que “haverá feras para seguir em frente”, prontos e selados, cercados e adornados com adornos

ricos, que galopam a grande velocidade. Os pássaros cantam dos galhos da grande tuba (árvore da felicidade)”.

Toda nação que alcançou algum grau de cultura teve algum tipo de religião; e em quase todos os casos em que o homem é considerado imortal, os animais inferiores são considerados pelas mesmas razões.

As religiões do Egito e da Fenícia, islamismo, bramanismo, zoroastrismo, budismo, religiões grega e nórdica, Lao Zi e confucionismo, judaísmo do qual descendia o cristianismo, e na América as religiões dos peruanos e astecas - eram todas as religiões primitivas do mundo, direta ou indiretamente, defendem a imortalidade dos animais inferiores. Em muitas religiões de uma forma mais grosseira, como a que encontramos entre os índios, eles também acreditam que, aonde quer que a alma do homem vai, seus fiéis cavalos, cães, mulheres e criados o sigam.

Como o céu é um lugar real ou um mundo transformado em um paraíso para a morada do homem, o Criador forneceu em algum lugar em Seus numerosos sistemas de mundos um lugar para todos os animais, como mostrarei mais adiante.

Esta é certamente uma conclusão consistente do nosso conhecimento da bondade e justiça divinas. Em vez de limitar o poder e a bondade de Deus, eu os estenderia, não apenas às coisas materiais que vemos, mas à vastidão da misteriosa imensidão do espaço além de nossa visão ou compreensão presente, em miríades de mundos que Ele tem em reserva para Seus propósitos.

Em vez de circunscrever a religião cristã a uma espécie das criaturas de Deus, eu deixaria suas asas de misericórdia se espalharem por toda a vida animal sofrida. É uma conclusão estreita supor que o homem é o único animal que o Criador providenciou ou se importa. O lugar que o homem ocupa em comparação com o universo é humilde além de toda declaração de grau. Existem anjos, arcanjos, querubins, serafins e vários outros espíritos na hierarquia celestial que estão tão acima do homem quanto os céus acima da terra. Quão irracional é acreditar que o Criador, que criou os animais inferiores e os dotou de um alto senso de prazer, os transformou no amplo teatro do universo, lá para lutar da melhor maneira possível e suportar todo o sofrimento e tortura que

seus nervos sensíveis e trêmulos podiam suportar; e depois os condenou a uma eterna aniquilação. Um destino tão parcial seria consistente com os atributos do Deus de um cristão? Observamos o estado baixo e degradado dos hindus, hotentotes e bosquímanos, e fazemos a pergunta: “Como é possível que eles possam viver novamente?” Olhamos para os olhos brilhantes de um animal inferior inteligente e fazemos a mesma pergunta. A seguinte pergunta foi feita há mil e novecentos anos atrás e ainda está sendo feita: “Por que deveria ser considerado algo incrível para você que Deus ressuscite os mortos?” [Atos 26:8] E a resposta vem do mesmo volume de revelação: “Porque, como em Adão, todos morrem, assim também em Cristo, todos serão vivificados...” [1ª Coríntios 15:22]. A terna misericórdia de Deus está sobre todas as suas obras... em cuja mão está a alma de Deus todo ser vivo” [Salmo 145:9].

Quando o mundo reconhece a verdade solene de que todas as criaturas de Deus são descendentes da mesma Primeira Causa; que eles precisam dos mesmos elementos para o apoio de seus corpos; que todos são membros da mesma grande comunidade e família; que todos são companheiros de viagem na mesma peregrinação cansada; que todos estão sujeitos ao mesmo pecado, tristeza, dor e morte, como resultado da Queda; que todos têm o mesmo desejo de felicidade e tenacidade pela vida; e que todos possuem o mesmo tipo de imortalidade - então teremos um núcleo ao redor do qual reunir os grandes fatos de um sistema humano de teologia.

As passagens das Escrituras usadas como argumentos contra a existência futura de animais inferiores geralmente são limitadas a duas, mas quando interpretadas corretamente, não formam um argumento conclusivo contra a imortalidade dos animais.

Salomão, em um de seus humores desanimados, pergunta ironicamente:

“Quem sabe se o espírito dos filhos dos homens vai para cima, e se o espírito dos brutos desce para a terra?”

[Eclesiastes 3:21]

É o mesmo que dizer que tal doutrina pode ser ensinada, mas quem a conhece ou se atreveria a defendê-la? Com a mesma propriedade, podemos propor a mesma pergunta hoje: quem sabe? E a resposta deve ser, ninguém. Salomão não disse que sabia ou que acreditava.

Os teólogos insistem que uma passagem da Escritura deve ser interpretada pelas passagens anteriores e seguintes e pelo contexto de toda a ideia pretendida. Ao ler as duas passagens anteriores à citada, pode-se provar conclusivamente que a pergunta foi irônica e que Salomão acreditava que os animais compartilhavam da mesma condição futura que o homem. Se a imortalidade é o todo, é de todos; como eles são compostos de poeira semelhante e têm o mesmo fôlego. Salomão diz:

“Porque o que sucede aos filhos dos homens, isso mesmo também sucede aos animais, e lhes sucede a mesma coisa; como morre um, assim morre o outro; e todos têm o mesmo fôlego, e a vantagem dos homens sobre os animais não é nenhuma, porque todos são vaidade.

Todos vão para um lugar; todos foram feitos do pó, e todos voltarão ao pó”.

[Eclesiastes 3:19-20]

Novamente, se o opositor perceber o fato importante de que Salomão aqui reconhece plenamente que os animais têm “espíritos” ou almas iguais ao homem, presumimos que ele não considerará a citação tão valiosa contra a imortalidade dos animais.

A outra passagem sugerida como uma objeção contra a continuação do ser dos animais inferiores é tão fútil quanto a que acabamos de notar. Davi, ao falar do homem rico e mau, diz:

“O homem que está em honra, e não tem entendimento, é semelhante aos animais, que perecem”.

[Salmos 49:20]

Em justiça à causa do sofrimento dos animais, digamos que este texto também seja traduzido incorretamente. É outro exemplo dos esforços persistentes dos tradutores para excluir os animais inferiores dos benefícios das palavras corretas da revelação.

Não há nenhuma palavra no hebraico original, na passagem mencionada, que possa ser corretamente traduzida como “perecer”. A verdadeira tradução deve ser “como bestas idiotas” ou “como bestas irracionais”. A palavra “perecer” não ocorre no hebraico original e não deve ser adicionada. A Bíblia judaica, que mantém o hebraico mais puro, usa as palavras “como os animais que são irracionais”.

As palavras na Septuaginta foram traduzidas como “gado sem sentido” e na Bíblia Wycliffe foram traduzidas como “bestas imprudentes”. Uma das traduções aceitas da Igreja Católica Romana da Inglaterra usa as palavras “bestas sem sentidos”. A palavra “perecer” não deve ser usada. Mas pegaremos a tradução em inglês como nela se lê e mostraremos que a doutrina da aniquilação dos animais inferiores não era aqui pretendida e que a passagem não diz mais nada sobre o perecer dos animais *mais* que outras passagens sobre o homem. Quando lemos o contexto, fica claro que ele tem apenas um significado: a de que o homem rico e mau pode perecer ou morrer e seu nome ser esquecido como um animal que morre e é esquecido. Estamos conscientes de que os animais inferiores morrem e perecem de nossa memória, ou seja, são esquecidos e o homem é muito bem comparado a eles. Ele vive, mas pode ser honrado por sua riqueza, apesar de ser mau e insignificante; mas quando morre sua honra morre com ele e, como um animal pobre, obscuro e sem nome, afunda no esquecimento no que diz respeito a este mundo.

Mas a palavra “perecer” não significa, de forma alguma, aniquilação, pois, se assim o fosse, não haveria futuro *nem para* os justos, o que não está de acordo com o ensino da Bíblia. Cristo diz: “Todos sairão, os que fizeram o bem e os que fizeram o mal” [João 5:28-29]; e Paulo diz: “Todos devemos comparecer perante o tribunal de Cristo” [2ª Coríntios 5:10].

A palavra “perecer” na passagem mencionada é aplicada tanto ao homem quanto ao animal, e se significa aniquilação de um, significa

para o outro. Mas é perfeitamente claro que ele se refere à memória do homem após a morte e não à sua vida futura. Embora um homem possa ter riquezas e honra, seu nome não pode permanecer após a morte, pois pode ser esquecido e seu nome perecer como a memória do animal. Tais passagens das Escrituras são frequentemente lidas sem dar-lhes uma consideração cuidadosa.

No último verso do mesmo capítulo, há uma repetição da mesma ideia com as palavras adicionais, o que encerra o argumento de que a comparação entre o homem e os animais inferiores foi com referência à memória deles após a morte. Se as palavras devem ser interpretadas de modo a significar a aniquilação de animais, existem dezenas de passagens que aniquilariam o homem pelo mesmo argumento. Vou citar algumas das muitas.

Isaías diz:

“Morrendo eles, não tornarão a viver; falecendo, não ressuscitarão; por isso os visitaste e destruístes, e apagaste toda a sua memória”.

[Isaías 26:14]

Jó diz:

“Nascem de manhã e à tarde são destruídos; perecem para sempre, sem que disso se faça caso”.

[Jó 4:20]

Em Eclesiastes, encontramos a seguinte passagem:

“Porque os vivos sabem que hão de morrer, mas os mortos não sabem coisa nenhuma, nem tampouco terão eles recompensa, mas a sua memória fica entregue ao esquecimento.

Também o seu amor, o seu ódio, e a sua inveja já pereceram, e já não têm parte alguma para sempre, em coisa alguma do que se faz debaixo do sol”.

[Eclesiastes 9:5-6]

Davi nos diz que “Os mortos não louvam ao Senhor, nem os que descem ao silêncio” [Salmos 115:17]. São Pedro, ao falar dos ímpios, diz: “Porque toda a carne é como a erva, e toda a glória do homem como a flor da erva. Secou-se a erva, e caiu a sua flor” [1ª Pedro 1:24].

Quando Cristo e Seus discípulos estavam em um barco, uma forte tempestade surgiu, e os discípulos foram a Cristo e disseram: “Senhor, salve-nos: nós perecemos” [Mateus 8:25]. São Pedro, ao falar dos iníquos, diz: “Mas estes, como animais irracionais, que seguem a natureza, feitos para serem presos e mortos, blasfemando do que não entendem, perecerão na sua corrupção” [2ª Pedro 2:12]. Todas essas passagens se referem à suspensão dos poderes corporais e não à natureza espiritual do homem e dos animais inferiores, e certamente Salomão não poderia ter outra ideia em vista. Não há passagem na Bíblia com tanta frequência e erroneamente citada.

VII

Teologia natural

- A filosofia da alma -

Os animais inferiores têm almas pela mesma razão que a humanidade tem almas - razões científicas para acreditar na imortalidade dos animais - materialismo e imaterialismo.

Enquanto a Bíblia declara completamente a imortalidade dos animais, o teólogo natural também confirma o mesmo fato. Uma coisa, porém, é certa: se a imortalidade dos animais não pode ser demonstrada, o contrário não pode. Dizer que quando uma casa cai e está em ruínas, e já teve um habitante, e que ele escapou dela e vive em algum outro lugar, não pode envolver contradição; mas dizer que a alma de um animal, quando sai do corpo, encontrou um lugar novo e melhor, pode envolver uma pergunta. Há algumas coisas prontamente admitidas, sem argumento, enquanto outras não podem ser impressas na mente sem serem analisadas e apresentadas de forma lógica.

Tento provar por proposições claras e simples que, se os homens têm almas, os animais inferiores têm almas pelas mesmas razões, e que a alma não é apenas imaterial, mas imortal e é uma coisa separada do corpo. Toda espécie de ser e toda substância imaterial deve pertencer a alguma região ou estado, porque deve estar em algum lugar e de alguma forma. Não há desperdício na criação, e tudo, por maior ou menor que seja, foi feito para algum objeto digno. É verdade que esses objetos podem ser pervertidos pela interferência do homem, mas o bem final pretendido será alcançado. A natureza nos ensina a tirar

conclusões pelo que vemos e sabemos quanto ao caráter das coisas que não vemos nem sabemos positivamente.

A matéria é algo que podemos ver e, portanto, podemos conhecer algo de suas propriedades. Sabemos que, por si só, é de natureza sem vida, inerte e passiva. Mas a alma tem liberdade para agir independentemente das leis que governam a matéria. A mente pode ser considerada como se manifestando através de uma série de órgãos materiais, embora seja totalmente diferente de qualquer um dos princípios ou funções que são denominados materiais, e em contraste fundamental com eles. Quando um homem comunica suas ideias a um animal, deve ser através de um meio espiritual, pois a matéria ou substância material não pode se comunicar com a alma ou a essência imaterial; conseqüentemente, os animais devem ter uma natureza ou alma imaterial igual à do homem.

Isso é ilustrado na comunicação entre Balaão e sua jumenta. Balaão montou em seu traseiro e começou a lutar contra os israelitas, contra a ordem de Deus, mas um anjo foi enviado para avisá-lo a não ir além, para que não fosse morto. O anjo apareceu em pé na estrada com uma espada erguida e foi visto pela jumenta antes que os olhos de Balaão se abrissem. A jumenta virou de lado, o que enfureceu Balaão e ele começou a espancá-la com seu bordão. Ele não tentou encontrar a causa do susto da jumenta.

“Então o Senhor abriu a boca da jumenta, a qual disse a Balaão: Que te fiz eu, que me espancaste estas três vezes?”

E Balaão disse à jumenta: Por que zombaste de mim; quem dera tivesse eu uma espada na mão, porque agora te mataria”.

[Números 22:28-29]

A pobre asno tentou explicar seu medo e disse:

“Porventura não sou a tua jumenta, em que cavalgaste desde o tempo em que me tornei tua até hoje? Acaso tem sido o meu costume fazer assim contigo?”

[Números 22:30]

Enquanto essa conversa continuava, Balaão olhou para cima e viu o anjo parado na estrada, e agora era sua vez de pedir desculpas por sua crueldade apressada.

O agente movedor, neste caso, operava através de um meio imaterial tanto no burro quanto no homem.

Elias, o profeta, era um homem bom e, por reprovar os pecados do rei Acabe, sua vida estava em perigo; Então o Senhor disse-lhe: “Esconde-te junto ao ribeiro de Querite. Ordenei aos corvos que te alimentem lá” [1ª Reis 17:3-4]. Como seria possível para os corvos entenderem esse comando, a menos que tivessem almas ou natureza imaterial para se comunicar com uma natureza semelhante?

Jonas foi jogado ao mar de um navio por seus inimigos, mas o Senhor tinha prontamente um grande peixe que lhe foi ordenado engoli-lo, e em três dias “o Senhor falou ao peixe e ele vomitou Jonas em terra seca” [Jonas 2:10].

Daniel foi lançado na cova dos leões pelo rei Dario por adorar o Senhor, e ele disse: “Deus enviou um anjo e fechou a boca dos leões para que não me machucassem” [Daniel 6:22]. Um anjo disse aos leões para não prejudicar Daniel e eles obedeceram ao seu comando. Nada além de um princípio imaterial dentro podia ouvir e obedecer ao comando direto de uma natureza imaterial como Deus ou Seus anjos. Se o organismo material dos animais provém da matéria, deve ser óbvio que o organismo mental e vital que permeia todo ser vivo deve provir dos atributos imateriais do Criador, e é eterno. É reivindicado pela Igreja que o homem é imortal porque ele pode se comunicar com Deus. Pegamos a mesma Bíblia e provamos que Deus se comunicou com animais inferiores, o que indicaria uma natureza divina neles pela mesma razão.

Se um animal se move, ele o faz por algum motivo e com relação a algum fim, que não é como o movimento material que não pode ocorrer apenas de fora por causas externas. Você não pode imaginar a matéria movida por sua própria razão. Animais se movem não apenas por sua própria razão, mas pela razão transmitida por sinais ou palavras de outros.

Tais movimentos não podem ser o resultado de meros efeitos físicos de sinais ou palavras, pois teriam o mesmo efeito se fossem compreendidos ou não. É a alma que interpreta o sentido dos sinais e palavras e, portanto, causa ação, e é a alma que transmite os princípios da vida e traz vitalidade ao corpo. Enquanto a alma permanecer no corpo, ela tem o poder de movê-la à vontade ou, caso contrário, seria movida apenas pelas leis da gravitação e do mecanismo.

A essência imaterial da força é o poder propulsor da alma. A vida animal é mantida pela vontade divina manifestada através da lei da força, conseqüentemente nenhum ser vivo sem o auxílio de alguma força vital superior as forças da química e da mecânica podem viver. A força vital constitui o fenômeno da vida e é totalmente distinta da matéria sem vida, desprovida de qualquer movimento ou força, exceto quando aplicada a ela por causas externas.

Os cientistas concordam que a força é uma essência imaterial e forma uma entidade substancial que é indestrutível. Agora tudo o que é imaterial forma um atributo de Deus e deve ser imortal. A força é um princípio imaterial e, conseqüentemente, a força vital, a força mental e todas as outras faculdades da alma devem ser imortais. Requer força para produzir movimento, e a vida é movimento, os quais não podem ser aniquilados, mas apenas alterados.

Hoje, temos duas classes de cientistas que diferem amplamente nas ciências biológica e psicológica. Uma classe tenta explicar tudo o que ocorre no corpo com base em princípios químicos ou mecânicos e, assim, nega a existência da energia da alma. Partem do princípio de que existe apenas uma substância e considera a mente apenas uma propriedade ou manifestação particular da matéria. A outra classe afirma que, por trás da pressão que produz os movimentos e sensações dos animais, há uma natureza chamada alma; e que o material e a natureza mental podem ser considerados, do ponto de vista dualístico, como um tipo de realidade perfeitamente distinto.

O maior número de cientistas modernos adota a última hipótese científica e sustenta que a alma é externa ao mecanismo nervoso que ela aciona, e que existe um agente externo em toda a vida animal, independente do corpo. É fácil, ao considerar as duas escolas de

filosofia, ver onde o materialismo e a teologia modernos se separam. Há muitos anos tenho investigado os dois lados da questão e estou completamente convencido de que a vida, ou o poder que produz movimento e sensação, deve vir de fora e é independente do mecanismo nervoso; e dessa potência de vida procede a organização, pois não pode haver vida sem organização para recebê-la. A causa do movimento vital deve existir antes do movimento. Nada pode existir em um efeito que não existia anteriormente na causa.

Portanto, se a vida existisse antes da organização, certamente poderia existir fora e após a dissolução. Quando a alma se desapega da matéria grosseira, que agora a envolve e a sobrecarrega, ela não pode ser velada em seu próprio veículo e, libertada das leis que governam o corpo, assumiria *ela* as leis que governam o universo imaterial e é transmitida para algum estado preparado ou local de residência futura?

É um fato triste que existem muitos mistérios que se aglomeram em torno deste assunto obscuro e permanecem trancados no seio do Criador, e são tão inescrutáveis para o sábio quanto para o selvagem; ao filósofo quanto ao estudante. Sem dúvida, eles estão ocultos para um propósito, e o pouco que podemos saber desse grande cosmos deve nos convencer da ignorância e fraqueza do homem quando comparado com a grande Primeira Causa de todas as coisas.

Um químico pode decompor sangue, gelatina, osso ou qualquer parte constituinte do corpo, mas não pode reformar um deles. As leis vitais, ou forças orgânicas, formam compostos que nunca podem ser produzidos por âmbito químico. Ele não pode mais fazer um pedaço de osso do que um diamante. Requer uma inteligência superior à de natureza finita ou terrena para formar o corpo, e requer um poder superior à matéria para operá-lo quando for necessário formá-lo. Como uma molécula ou protoplasma que forma a matéria germinativa pode produzir um osso, tendão, músculo, nervo ou qualquer elemento constituinte da vida animal, e transformar a matéria morta em um corpo vivo, só pode ser explicada pelo reconhecimento da sabedoria e do poder do Criador de todas as coisas no movimento inicial.

De acordo com os ensinamentos da filosofia moderna, matéria e mente formam os únicos elementos constituintes do universo, e como

mente é sinônimo de alma, seria apropriado dizer que matéria e alma são os únicos constituintes do universo; embora pareça haver uma confusão considerável sobre os diferentes termos usados para expressar a parte imaterial do corpo. Uma verdadeira definição da natureza da alma é que ela consiste em uma certa substância simples, não estendida e indivisível, cujas propriedades naturais são vida, entendimento e atividade. É algo que difere essencialmente de todas as substâncias materiais; pois a matéria é algo, sob todas as formas, que é naturalmente composto, estendido e divisível; tem cor, comprimento, largura, espessura; é dura ou macia, áspera ou lisa e sem compreensão e poder de movimento.

Uma alma é de natureza contrária e deve ser sem fundamento, sem extensão, indivisível e cujas propriedades são vida, entendimento e atividade.

É essa essência misteriosa que pensa, se move e controla o corpo. Agora, de acordo com esta definição das propriedades essenciais da alma, parece que é um princípio dado por Deus a todos os seres vivos e inclui uma capacidade de imortalidade e duração infinita da existência. Como a vida é a propriedade natural da alma, e essa propriedade da vida é um atributo de Deus; não podemos deixar de concebê-la como imortal. Nenhuma suposição pode ser formada sobre a destruição desse princípio de vida, mas envolve a destruição dessa natureza e essência da alma; porque a duração sem fim da alma é afirmada em sua unidade e indivisibilidade e porque, como não tem partes, não pode ser dividida em partes e, como uma substância não composta, não é passível de dissolução; portanto, a alma é verdadeiramente uma substância viva, que não pode perecer com o corpo.

Agora, uma vez que todos os seres que têm vida têm almas, e como a vida é alma, e todas as almas são imortais e capazes de existir para sempre, nada pode, portanto, impedir as almas dos animais daquele estado perpétuo por vir, a não ser uma destruição fundamental, pois eles deve continuar por todas as revoluções das eras futuras, a menos que o Criador que os criou considere condená-los à aniquilação.

O fato da alma ser dotada de uma capacidade para um estado de existência separada após a morte da estrutura corporal à qual está ligada é uma conclusão claramente deduzida tanto da teologia revelada quanto da natural.

O cérebro, sendo o centro do sistema nervoso, é a sede da alma e é o instrumento empregado em todas as suas operações. Embora a alma não seja matéria, ela funciona através dos meios da matéria. Dizemos que o olho vê, mas o olho não pode ver, é o mero instrumento da visão e não é mais para um homem do que um telescópio ou microscópio. O ouvido não está ouvindo, mas o órgão da audição; então o cérebro não é alma, mas o órgão da alma pelo qual trabalha através de suas diferentes faculdades.

Para ilustrar, digo a um garoto: “John, por favor, vá e conduza as galinhas do jardim”. Ele me obedece e depois volta se sentindo orgulhoso de ter me feito um favor. As galinhas logo voltam, então eu ligo para meu cachorro e digo: “Carlo, vá expulsar as galinhas do jardim”. Ele também obedece alegremente ao meu comando e depois volta olhando melancolicamente para o meu rosto, tanto quanto para dizer: “Fico feliz em obedecê-lo e me sinto útil”. Ambos de repente morrem e se deitam diante de mim. Olho nos rostos deles e vejo os olhos que guiavam seus corpos; os ouvidos que ouviram minha voz; os membros que impulsionaram seus corpos e a cabeça que continha o cérebro sobre a qual a alma presidia. Os órgãos estão todos lá como estavam, mas sem vida. Agora, o que é vida? É aquele período durante o qual o corpo e a alma estão unidos. Eles não estão agora unidos; as almas que estavam por trás dos sistemas nervosos. Agora, que sistema lógico sustentará a hipótese de que você pode chamar a energia do cérebro no menino de uma coisa e no cachorro de outra? Se essa substância misteriosa chamada alma foi a causa da ação em um caso, no outro, o que aconteceu com essa substância que deu movimento e sensação a esses corpos?

Se os poderes mentais e a essência vital desse cão fiel, inteligente e confiante, com sua memória e devoção amorosa, podem ser aniquilados ou afundar na não-identidade na morte, que prova filosófica ou provável prova pode ser aditada para mostrar que o

menino viverá depois da morte do corpo? Não houve mudança nas partes constituintes do homem e dos animais desde a criação, e o que encontramos agora é o mesmo que o Criador deu a cada um.

Os cientistas que defendem a teoria da evolução orgânica admitem que todos os germes de todas as faculdades morais e mentais do homem estão contidos nos animais inferiores e que a força vital – a Bíblia usa o termo alma - é tanto uma parte dos animais inferiores quanto do homem.

Huxley diz:

“Eu sustento que a natureza das faculdades físicas e mentais dos animais se aplica em sua plenitude e totalidade ao homem. A consciência possuída pelos animais inferiores é o tipo de consciência que possuímos, e prenuncia mais ou menos aqueles sentimentos que são possuídos pela humanidade”.

Darwin diz:

“O sentido, intuições e várias emoções e faculdades de que o homem se orgulha, podem ser encontrados de maneira incipiente ou, às vezes, bem desenvolvida nos animais inferiores”.

Büchner diz:

“O ponto de vista do pensamento moderno não reconhece mais o homem e os animais inferiores uma diferença de espécie, mas apenas uma diferença de grau, e vê o princípio da inteligência se desenvolvendo ao longo de uma série interminável e ininterrupta”.

O homem nunca pode encontrar seu verdadeiro lugar no Universo até reconhecer que os animais inferiores são criaturas companheiras e, embora tenham um caráter inferior ao intelecto, ainda possuem todos os germes das faculdades intelectuais do homem. É um pouco divertido e, no entanto, triste observar as diferentes opiniões dos cientistas sobre o assunto da biologia e da psicologia. O materialista,

que traça a origem da sensação e do pensamento a partir de uma simples modificação da matéria comum, refere as percepções e reflexões dos animais inferiores ao mesmo princípio que os produz no homem.

O imaterialista, ao contrário, que concebe que a mera matéria é incapaz, sob qualquer modificação, de produzir sensação e pensamento, está sob a necessidade de fornecer a todos os níveis de posse desses poderes a existência de outro e de uma substância muito diferente combinado com ela; uma substância não sujeita às mudanças e enfermidades da matéria e totalmente impalpável e incorruptível. Agora, se a sensação e o pensamento puderem resultar apenas de tal substância no homem, eles podem resultar apenas de tal substância em animais inferiores.

A única dificuldade que surge com o imaterialista, que é influenciado pela interpretação errada da teologia, é saber como dispor a alma animal na dissolução do corpo. Ele não pode conceber a aniquilação de uma substância imaterial incorruptível como pensamento e sensação, de acordo com sua própria teoria, e deve admitir que, como a faculdade de inteligência é discernível tanto nos animais inferiores quanto no homem, se esse princípio é imortal é o que deve estar *em ambos*, que é a única solução adequada da questão.

VIII

Fisiologia e teologia natural

- O corpo governado por
forças imateriais -

A alma não pode ser ferida ou adoecer mais do que pode a eletricidade, gravidade ou afinidade - são apenas os meios de comunicação que podem ser afetados.

Pode ser interessante, nesse contexto, examinar algumas das partes mais importantes da estrutura corporal. A fisiologia, quando aplicada adequadamente, ajudará a teologia natural a demonstrar que os homens têm almas e, ao fazê-lo, prova igualmente em todos os casos que todos os animais são governados pelas mesmas leis físicas e mentais; e se puder ser demonstrado que um animal tem uma alma, é uma evidência conclusiva de que todos têm almas.

O sistema nervoso inclui o cérebro, nervos cranianos, medula espinhal, nervos espinhais e o nervo simpático; mas todo o sistema pode, por conveniência, ser colocado em dois departamentos gerais, o primeiro consiste no cérebro e suas dependências e o segundo nos gânglios e suas conexões nervosas. O primeiro diz respeito à vida animal, transmitindo impressões calculadas para produzir sensações e enviando volições a seus criados, os órgãos destinados a recebê-los.

O segundo se aplica a esses órgãos não necessariamente sob a influência da vontade, como digestão, circulação, respiração e secreção. Embora cada nervo seja dotado de sua própria função, todos os nervos estão tão unidos que, se algum sofre, todos sofrem em algum grau. Os

nervos que produzem impressões no cérebro são chamados nervos sensoriais, e nenhuma sensação pode ser excitada em qualquer parte ou órgão, a menos que seja transportado para o cérebro, a sede da alma. Por exemplo, o sentido do tato reside nas extremidades dos dedos e o sentido da visão no olho; contudo, se o nervo que liga essas partes ao cérebro for dividido, nenhuma impressão será sentida, nenhuma sensação excitada pelo órgão.

Os nervos que transmitem as ordens da alma aos diferentes órgãos são chamados nervos motores. Se, pelo ato da força de vontade, a alma envia uma porção de influência nervosa a um músculo, ela se contrai imediatamente e as partes para as quais o músculo está anexado se moverá conforme as instruções. Se um homem ou um macaco deseja dobrar o braço, ele transmitirá através dos nervos com os quais ele é suprido, uma volição ou ato da alma, nesse sentido, e o braço dobrará. Embora os músculos sejam os instrumentos do movimento, todavia, tais atos são realizados através da influência da alma. Se os nervos que fornecem músculos voluntários forem divididos, os músculos não se contraem.

Na paralisia parcial, em muitas formas de tétano, como mandíbula e câibras, os músculos não estão sob controle da alma, mas não são afetados de maneira alguma pela lesão. Foi demonstrado por distintos fisiologistas que, em um caso ou outro, se todas as partes do cérebro foram destruídas ou desorganizadas por doença ou acidente, ainda assim os indivíduos não têm sido destituídos da alma e de suas faculdades enquanto a vida continua. A alma não pode ser ferida ou doente mais do que eletricidade, gravidade ou afinidade. É apenas o meio de comunicação que pode ser afetado.

Se o cérebro, no qual alguns têm o prazer de apresentar todos os fenômenos mentais, foi destruído em todas as partes, sem destruir a ação da alma, é uma prova positiva de que algo além da matéria cerebral constitui vida animal. Alguns animais continuarão a viver por meses após a destruição ou remoção do cérebro.

É claramente demonstrado que algo que reside nos órgãos vitais governa o corpo e move as partes, como um sistema telegráfico, sob o controle de um operador. Essa potência da vida sente o que é feito, vê

através dos olhos, ouve através dos ouvidos e é consciente de sua própria existência. Embora a agência do cérebro seja necessária para o funcionamento dos poderes intelectuais, não devemos concluir que esse órgão possa sentir, pensar e querer por si mesmo; pois não está dentro do alcance da possibilidade conceber como uma substância material pode exibir propriedades como as da mente ou da alma.

Há outro fato nessa conexão que geralmente é esquecido, ou seja, que a alma que preside o corpo não assume a parte de um médico, mas controla todo o corpo, como é melhor, tanto em condições normais quanto anormais. A alma age da mesma maneira em relação ao corpo que a providência de Deus, que permite o sofrimento e a morte como resultado da Queda do homem.

Os pais exibem os mais ternos cuidados e simpatia pelos filhos, mas não podem aliviar o sofrimento nem impedir a morte. Nosso Pai Celestial, embora ame todas as Suas criaturas e lhes dê graça de suportar sua dor, não concorda em mudar a sentença de sofrimento e morte que é o resultado da desobediência do homem.

A alma, apesar de presidir e controlar o corpo, ainda não tem poder para mudar as leis de Deus. Se uma pessoa tomar alguma substância material, digamos que uma grande dose de ópio no corpo, o cérebro, devido à sua intimidade com o corpo, seria afetado. Se uma pessoa levar algo imaterial ao corpo, como amor, medo ou tristeza, o cérebro também será afetado. Agora, se o estímulo material do ópio exigia um meio material através do qual agir, o estímulo imaterial do amor, medo ou tristeza, deveria exigir uma agência imaterial, ou alma, através da qual agir. Eu acho que essa hipótese é irrefutável, que se um estímulo físico exigir uma agente físico, como afirmam os materialistas, um estímulo imaterial requer um agente imaterial através do qual o corpo é acionado.

Embora o cérebro seja a sede da sensação, uma sensação é referida de um órgão para o cérebro e do cérebro novamente para o órgão. Portanto, a dor não é sentida em nenhum órgão, mas no cérebro, a sede da alma. Se a anestesia é produzida pelo clorofórmio, administrada adequadamente, enquanto o corpo estiver sob sua influência, não haverá dor, pois as funções do cérebro estão suspensas,

mas a alma ainda preside o corpo, embora suas comunicações estejam desconectadas. O operador ainda está na sede, embora os fios estejam desconectados e não haja comunicação.

Se qualquer parte do corpo for removida, a alma preside o que resta enquanto houver vida. Com a amputação de um membro, a ação da alma não é diminuída, nem nenhuma de suas faculdades perdida. Quando um homem perde os dois braços e as pernas, a alma presidirá o que resta, e sua esfera de ação é limitada à parte restante do corpo. Não pode fazer uso disso o que não é, ou o que não tem. Se os olhos estiverem fechados ou os ouvidos parados, ele não poderá mais ver ou ouvir, mas se remover a obstrução ela instantaneamente assume sua condição normal. Isso mostra que, quando qualquer sentido ou faculdade fica prejudicado ou inativo, o corpo perde essa instrumentalidade sem afetar as funções da alma.

Minha investigação me levou a acreditar que a alma tem sua sede nas formas mais elevadas de matéria de cada animal. O órgão do cérebro, seja em espécies altas ou baixas, intrincadas ou simples, é usado em seu escritório. Nas espécies mais elevadas de animais, a alma se instala no cérebro do cérebro e dirige os movimentos do corpo enquanto a vida durar. Quando uma parte do cérebro é destruída, a alma ocupa a parte restante e, quando os dois hemisférios são removidos, como pode ser feito sem destruir a vida de alguns animais, ele estabelece seus escritórios no cerebelo. Em muitos poucos animais, o cerebelo pode ser removido sem morte imediata, e a alma então fará seu último movimento para a medula oblonga. Um animal pode ser dissecado vivo, membro após membro, músculo após músculo, nervo após nervo, como fizeram alguns anatomistas cruéis, até que aos poucos a forma sangrenta e agonizante é deixada, e o sou, fiel à sua confiança, permanecerá até que o anjo misericordioso apareça e grite “basta, suba mais alto”. Como a destruição das funções do ouvido não destruirá o som, pois a destruição dos olhos não destruirá a luz; portanto, a destruição do corpo não destruirá a alma. Um corpo animal não pode existir sem uma causa existente, alguma força, para impulsionar todas as ações vitais; e como toda causa de movimento é externa ao objeto

movido, toda a vida animal deve ter alguma causa que opere e controle as funções do corpo fora do próprio corpo.

Eu posso mover minha mão para cima ou para baixo, mais rápido ou mais devagar, ou nada, exatamente como eu quero. Agora, se minha mão e o poder que a colocou em movimento fossem governados pela lei da gravitação ou por qualquer lei que governasse a matéria, eu ficaria impotente para fazer tais movimentos.

Assim, percebemos que há algo dentro do corpo que o apoia e direciona seus movimentos, e que deve necessariamente ser de natureza diferente do corpo.

Quando um homem começa a refletir sobre sua própria natureza, ele imediatamente descobre que é um ser duplo: Quando ele começa a pensar, ele não sabe de onde vem o pensamento ou em que parte do corpo ele habita. Quando ele considera seu próprio corpo, parece ser algo diferente da própria pessoa. E quando ele usa a expressão meu corpo, ou o meu corpo, não pode ser exigido adequadamente, quem se entende por mim, ou que relação existe entre a matéria e a alma do corpo?

Não pode ser o próprio corpo que está pensando e falando, pois a matéria também não pode. Se ele fosse todo alma ou todo corpo, e nada mais, ele não poderia falar dessa maneira, porque seria o mesmo que dizer a alma da alma, ou o corpo do corpo, ou o eu de mim. O pronome deve, portanto, representar outra coisa, da qual o corpo é apenas uma parte, ou, em outras palavras, há outra parte dele que não é corpo. Um animal inferior está consciente de sua própria identidade. Sabe que é o ser que é ele próprio, como pode pensar, sentir e querer, e tem a evidência da existência de corpo e alma. Sem consciência, o mundo exterior não teria sentido e um animal não poderia ter uma concepção dos sentidos. Mente e matéria seriam a mesma coisa. Mas sabemos que a matéria em si é inerte, sem sentido e imóvel, como o corpo ficaria sem o agente espiritual ou a alma para dar animação e consciência da existência.

Não há distinção entre o homem e os animais inferiores em relação aos elementos químicos do corpo, pois todos são compostos dos quatro elementos principais: oxigênio, hidrogênio, carbono e

nitrogênio, com a adição de outros elementos, como cálcio, fósforo, potássio, etc. A matéria que compõe o corpo de um homem não é mais complexa do que a que compõe os corpos dos animais inferiores. Ambos estão sujeitos à mesma forças externas e internas, vitais e físicas e, conseqüentemente, a mente, em algum grau, bem como a substância material, são encontradas em todos. Quase tudo no Universo inteiro é comum ao homem e aos animais inferiores. Eles estão sujeitos às leis gerais de gravitação e força e correm o risco de quedas e de todas as impressões de violência. Eles estão sujeitos a doenças, ferimentos, dores e estão sujeitos a doenças mentais, como melancolia e insanidade. Eles precisam de alimento, habitação adequada, proteção contra maus-tratos, crueldade ou qualquer forma de sofrimento que possa ser evitada. Eles têm um sistema nervoso semelhante, que é igualmente sensível a todas as impressões feitas no corpo. Eles têm consciência da liberdade de agir ou não e têm desejo de conforto e felicidade. Eles têm um sentimento social e um desejo de amar e serem amados, e suas boas e más disposições são formadas de acordo com o ambiente.

IX

Instâncias da inteligência animal

- Poder de raciocínio -

Se atribuirmos almas à humanidade por causa de certos fenômenos, devemos permitir que os animais inferiores tenham almas pelas mesmas razões - eles são governados por um princípio da alma, o mesmo que o homem.

Se nos referirmos a certos fenômenos na humanidade à posse de almas, devemos permitir que os animais tenham almas se produzem os mesmos fenômenos. Os animais realizam operações intelectuais de vários tipos semelhantes às realizadas pelo homem; e, como diferentes raças de homens diferentes entre si, eles não têm o mesmo grau de importância.

Os animais, como o homem, têm vontade própria e seu conhecimento é adquirido pela experiência. Não podemos dizer que eles agem apenas automaticamente. Também não podemos atribuir seus movimentos e atividades astutos e cômicos a um ser tão maduro quanto os idosos. Pois a um *ser* idoso pode ser ensinado a jurar e falar obscenamente como um papagaio, ou a tagarelar a linguagem absurda e irreverente de um pombo? Você pode imaginar que Ele dá ao corpo de um animal este ou aquele movimento, ou o coloca neste ou naquela particular atitude o som de uma maldição, o estalo de um chicote, ou de sinais arbitrários de ações?

A Bíblia atribui claramente o princípio do conhecimento distinto e do livre-arbítrio aos animais inferiores na passagem que diz:

“Até a cegonha no céu conhece os seus tempos determinados; e a rola, e o grou e a andorinha observam o tempo da sua arribação; mas o meu povo não conhece o juízo do Senhor”.

[Jeremias 8:7]

É evidente por isso que um animal age segundo um princípio inteligente próprio; pois se seus movimentos eram o efeito da inteligência infinita, o escritor inspirado estava muito errado ao introduzi-lo como um exemplo de regularidade para envergonhar as loucuras do homem e despertá-lo para um senso de seu dever ou do chamado de seu Deus. Portanto, os animais devem ser considerados como criaturas que se movem e agem por si mesmas, ou como tendo almas como o homem pelo qual são informados e dirigidos. A memória dos animais, seu poder de comparar, distinguir e raciocinar e, acima de tudo, seu senso, que infere necessariamente um princípio senciente, são confirmações adicionais dessa verdade para nunca serem abaladas. Eles se movem em consequência das sensações recebidas, são suscetíveis de afeto durável, podem adquirir por experiência um conhecimento das coisas pelas quais são governados e ter uma previsão das consequências. Quando sob o controle de superiores, eles sentem sua subordinação, sabem que o ser que os castiga pode se abster de fazê-lo, se ele quiser, e quando for sensível a ter feito algo errado ou a contemplar sua raiva superior, assumirá uma ação suplicante e depreciativa, e fará um esforço para pedir desculpas e pedir perdão. Eles são suscetíveis de emulação, ciúme, amor, medo e outras faculdades possuídas pela humanidade.

Eles prontamente demonstram gratidão pelo tratamento amável e ficam tão apegados a um amigo que tentam defendê-lo de um inimigo no sacrifício de suas próprias vidas. Eles correm através das chamas de fogo para alertar seus amigos sobre o perigo que se aproxima. Os cães salvam a vida de muitas crianças, mergulhando em correntes de água e arrastando-as para fora. Eles vão para montanhas distantes em meio às mais severas tempestades de neve, e caçam e resgatam os perdidos e os que perecem.

Eles arriscam suas vidas para defender seus filhotes e costumam alimentar e cuidar de um companheiro desamparado. Toda espécie possui uma linguagem própria, por meio da qual todos os indivíduos que a compõem são capazes de conversar entre si, de transmitir amor, sofrimento, medo e desejo. Eles, como o homem, quando levados a um extremo sofrimento mental e físico, como um último recurso, cometerá suicídio deliberadamente. Muitos casos tristes registram animais domésticos, abandonados ou abusados de maneira tão cruel que se afogaram ou morreram de fome voluntariamente.

Se fosse necessário, eu poderia dar inúmeras ilustrações bem autenticadas para provar cada uma das ações mentais que atribuí aos animais, mas como a maioria das pessoas viu e leu um número suficiente para estar convencidas de que as afirmações estão corretas, seria uma tarefa inútil. Ouvi relatar, por pessoas verdadeiras, tantos atos maravilhosos dos animais inferiores, e já vi tantos, que estou pronto para acreditar em quase tudo que ouço ou leio sobre o assunto. Eles constroem casas e fornecem casas e vivem em famílias separadas. Eles são capazes de educação, e algumas espécies aprendem a articular a linguagem do homem. Eles conversam entre si em sua própria linguagem articulando sons que variam em diferentes tons e modos de expressão e, como o homem, têm uma maneira silenciosa de comunicar suas ideias por gestos, olhares e sinais. Eles tinham uma linguagem dada muito antes da criação do homem, e o principal acréscimo que lhe foi dado são os sinais sonoros usados pelo homem. Alguns animais são capazes de emitir um grande número de sons específicos, e ainda assim os chamamos de burros simplesmente porque não entendemos sua língua. Pássaros zombadores, estorninhos, corvos, papagaios, pombos e algumas outras espécies, aprendam a falar, cantar, assobiar e imitar os vários sons que ouvem. Eles são ensinados a conversar em diferentes idiomas e a responder no mesmo idioma em que são abordados. Cães e macacos podem ser ensinados a usar tantos sons e sinais específicos para coisas específicas quanto alguns dos tipos mais baixos de homem, o que mostra que eles são capazes de uma educação progressiva. Muitos animais têm o poder de raciocinar maravilhosamente desenvolvido. Um elefante quebra um

galho de uma árvore, agarra-o em seu tronco e afasta as moscas. Ele sopra além de um objeto que não pode alcançar e dirige-o para ele. Quando doente, ele vai sozinho a um cirurgião para tratamento. Cães, esquilos e muitos outros animais escondem os alimentos para uso futuro, adquirindo e mantendo propriedades. Os pássaros reparam membros quebrados com tanta habilidade quanto um cirurgião humano. Quando as queridas criaturinhas têm suas asas e pernas lascadas e quebradas pelo cruel esportista, elas formam, ao redor da fratura, uma tala feita de penas arrancadas de seus corpos, misturadas com lama ou sangue coagulado, que se assemelha a um molde de gesso, como cirurgiões usam.

Um cavalo, quando perde um freio ou fica coxo na pata, vai a uma ferraria onde foi calçado, para receber ajuda.

Um cão, quando ferido, vai procurar ajuda de um amigo e, se ele o receber, retornará todos os dias até que seja curado. Se ele encontrar outro cachorro coxo, ele o levará à mesma pessoa para obter ajuda.

Assim, os animais mostram um poder de escolha e determinação, guiados por uma percepção da natureza do objeto a ser obtido e dos meios a serem empregados, exibindo um grande grau de faculdades de raciocínio. Eles são sensíveis à bondade ou abuso e são melancólicos ou felizes de acordo com o ambiente.

Quando observamos a sagacidade de um cachorro, um macaco, um elefante, um cavalo ou qualquer outro animal inteligente, e a grande variedade de maneiras pelas quais ele exhibirá uma adaptação inteligente de meios para fins, deixando de lado o que geralmente é chamado instinto, devemos concluir que as faculdades do homem e dos animais são diferentes apenas em grau. Os animais são ensinados pelo exemplo, pela imitação e instruções de outros da mesma espécie, e também por espécies diferentes, a realizar vários atos de inteligência, e esses atos não diferem do homem no que diz respeito à ação do cérebro.

Os animais são progressivos na maneira de receber educação em todas as ações, da mesma forma que o homem. Pegue um filhote, por exemplo, e observe seu desenvolvimento gradual e os diferentes estágios mentais de ação, e você notará que ele acrescenta novos pensamentos e ações, e deixa para trás muitas características de sua

infância quando ele envelhece, assim como vemos no desenvolvimento gradual de uma criança. Pegue um filhote de canário e você observará que suas primeiras notas são imperfeitas, como uma criança aprendendo a falar, mas com um esforço constante, ele se torna proficiente. A princípio, os animais jovens são lentos e desajeitados, movem-se imperfeitamente, fazem coisas incorretamente, mas à medida que envelhecem, melhoram, movem-se e agem de maneira mais correta. Em muitos casos, observa-se que eles alteram seus modos usuais de operação, para alcançar melhores fins particulares e, em muitas coisas, são capazes de uma proficiência incrível. No último meio século, tanto os animais selvagens quanto os domésticos foram ensinados a fazer muitas coisas maravilhosas até agora consideradas impossíveis. Foi declarado pela melhor autoridade que os animais inferiores, assim como o homem, estão fazendo um grande avanço no desenvolvimento intelectual e, como John Wesley diz:

“E se isso deveria agradar ao Criador onisciente e gracioso elevá-los mais na escala dos seres, e quando Ele nos torna iguais aos anjos, torná-los o que somos agora?”

Mas antes de passar deste assunto, seria bom chamar a atenção para o fato de que muitas vezes há um grande abuso ao ensinar os animais a fazer coisas não naturais e perigosas. Eles não devem ser obrigados a realizar atos que não podem ser ensinados por meios gentis. Qualquer outro método é cruel e injustificável e deve ser proibido por lei.

O macaco imita tão claramente o homem, que às vezes é classificado como um tipo inferior da mesma espécie. Este animal astuto, por ser extremamente imitativo, imitará quase todo gesto ou ato que vê o homem fazer e tem uma memória tão poderosa que ele repetirá os truques com muitos uivos depois. Ele foi ensinado a sentar à mesa e comer com faca, garfo e colher. Ele coloca açúcar no chá, mexe, despeja em um pires e bebe e come com tanta facilidade e decoro quanto um ser humano. Ele usará roupas e executará muitos atos de trabalho útil, como limpar botas, escovar roupas, agitar-se e agir como garçom. Sob uma educação sistemática, o macaco, o orangotango e o

chimpanzé foram ensinados a realizar muitas coisas maravilhosas. Em sua terra natal, eles vivem em famílias, constroem cabanas e se defendem contra seus inimigos pelo uso de paus, pedras e outros projéteis; e nas ações mentais e físicas diferem pouco do tipo inferior da humanidade.

Ao observarmos as várias faculdades e traços de caráter, que pertencem ao homem e aos animais, reconhecemos que algum conhecimento das coisas nasce com eles e outros são adquiridos por um grau de educação. Logo que nascem, buscam e adotam avidamente os recursos para suprir a fome e todos os desejos corporais. Um cordeiro ou um bebê sem nenhuma instrução buscarão o alimento adequado de sua mãe.

Um pássaro jovem abre a boca e clama por comida quando se aproxima dos pais. Uma galinha, assim que sai da casca, apanha grãos de trigo, esconde sob as asas da galinha, e voa com a aproximação do perigo. A alimentação do gado no pasto é mais hábil do que o homem em discriminar ervas ou plantas, pois discernem facilmente que tipos são bons para alimentação, para remédios e o que deve ser evitado como veneno.

Este fato importante tem sido frequentemente mencionado por escritores antigos. Plínio disse que era uma pena que todos os animais soubessem o que era saudável para si, exceto o homem. Eles executam não apenas o que podem ser denominadas ações simples causadas pela necessidade, mas ações complexas em que a escolha pode vir apenas da razão. Eles percorrem uma grande distância para encontrar um lugar fresco à sombra; retornam às suas casas anteriores quando transportados por centenas de quilômetros; e vão se lembrar de seus amigos depois de muitos anos de ausência. Os pássaros, em razão da primavera, escolhem um companheiro, entram no casamento por uma maneira solene de esposa e são fiéis até à morte. Eles selecionam um local adequado para a construção de seu ninho ou habitação, e o tornam mais artístico e bonito, além da habilidade de um arquiteto humano. Eles põem ovos e, sentados neles alternadamente para mantê-los aquecidos, criam filhotes e os nutrem conjunta e cuidadosamente até que consigam cuidar de si mesmos.

Se um cavalo está se alimentando e o chão fica vazio, ele se lembra de outro lugar, embora esteja a quilômetros de distância, onde ele sabe que a comida é mais abundante e vai imediatamente para aquele local. Ele levantará e abaixará um manípulo da bomba para beber água e tocará um sino para as refeições.

Um cão conhece um homem a uma grande distância e reconhece nele um amigo ou um inimigo. Se um amigo, ele corre para encontrá-lo, e mostra por suas ações que o ama; mas se um inimigo, ele voa nele com raiva, ou se afasta dele com nojo. Ao considerar, nos animais inferiores, os casos de fidelidade, sagacidade, astúcia, apego, gratidão e a maneira como eles mudam de ideia para realizar objetivos diferentes, bem como a diferença entre velhos e jovens em termos de experiência e utilidade, não podemos deixar de perceber um grau de razão que, em muitos aspectos, é superior ao de alguns dos tipos mais baixos de homens.

Encontramos a faculdade da razão nos animais inferiores tão bem desenvolvida, e cada indivíduo age de maneira tão diversificada e adaptada aos tempos, lugares e circunstâncias, e meios para fins, que se o homem é obrigado a raciocinar por seu poder de adaptação, também devemos admitir que os animais inferiores também possuem um grande grau de racionalidade.

Um cão reconhecerá seu dono, mas deve ser um esforço de memória que permita procurá-lo quando estiver perdido, realizar os truques que lhe foram ensinados ou os serviços que é chamado a prestar. Deve haver memória ou não haveria reconhecimento.

Dizem-nos que um cavalo, depois de estar ausente por onze anos, quando volta para sua antiga casa, lembra-se de seu dono, sua barraca, o caminho pelos campos até o riacho em busca de água, os locais onde costumava encontrar a melhor grama, e parece reconhecer todos os arredores inalterados.

Um cachorro volta para sua antiga casa após uma ausência de oito anos e lembra-se de seu antigo dono e de todos os arredores.

Sabe-se que um elefante se lembra de um ex-guarda-redes que não via há dezessete anos e, a um primeiro pedido, executa prontamente alguns truques ensinados por ele que não realizavam desde então.

Um homem pobre em Edimburgo, na Escócia, com o nome de Gray, possuía um cachorrinho esperto chamado Bobby; ele e seu cachorro estavam maravilhosamente ligados um ao outro. O Sr. Grey finalmente morreu, e o pobrezinho Bobby percebeu completamente a triste perda de seu melhor amigo. Ele seguiu seu mestre até o túmulo e foi o luto mais triste da procissão. Ele se recusou a sair, e o sacristão encontrou Bobby deitado na cova na manhã seguinte. Como era contra as regras permitir cães no cemitério, ele foi expulso, mas encontrou o caminho de volta; e por várias manhãs sucessivas, ele foi encontrado deitado no túmulo de seu mestre.

James Brown, o velho sacristão do cemitério, era um homem muito gentil e teve pena do pobre Bobby, de coração partido, e não apenas permitiu que ele permanecesse na sepultura, mas também lhe dava refeições regulares por algum tempo, até que um bom coração o dono do restaurante assumiu a responsabilidade e o cão foi alimentado e tratado adequadamente até morrer na idade madura de doze anos. Durante muitos anos, embora tivesse muitos amigos calorosos e a oferta de casas luxuosas (que ele recusou), todas as noites e com todos os tipos de clima, dormiu no túmulo de seu mestre. A sepultura daquele pobre homem já foi obscurecida pelo tempo, e nada marca o local. Não é assim a lembrança do cão fiel; um belo monumento foi erguido pela Baronesa Burdett Coutts, para comemorar o afeto eterno do pobre Bobby por seu mestre. A ação mental manifestada por Bobby não pode ser de natureza material, mas pertence aos mais altos atributos da alma.

O cavalo não esquece o caminho que percorreu uma vez, embora anos possam ter interferido. Cães, elefantes, macacos e outros animais reconhecem pessoas de quem receberam bondade, após uma longa separação. Sabe-se que alguns valorizam as lembranças de erros e esperam oportunidades de vingança muitos anos após o abuso.

É por esses fenômenos da alma animal que reconhecemos seu poder de percepção. Os diferentes tipos de percepções são tão numerosos quanto os diferentes canais pelos quais são recebidos e são duráveis na proporção da causa empolgante. Essas impressões, à medida que são retidas, tornam-se ideias. A mente tem o poder de fazer com que essas

ideias permaneçam latentes ou não observadas e de chamá-las para observação, a seu critério; e é o exercício ativo desse poder que constitui o pensamento. A razão é fundada na consciência dos pensamentos, pela qual as ações são governadas, e é a evidência interna dos pensamentos conscientes e o poder de chegar a uma conclusão. Para ser governado por razão ou ideias abstratas é uma lei geral imposta pelo Criador a todos os animais.

Um Orangotango, em Paris, quando deixado sozinho, tentou escapar; e como ele não conseguia alcançar a fechadura da porta, ele carregou um banquinho até o local e, subindo nele, pegou as chaves do mestre e tentou cada uma até encontrar a certa, ele destrancou a porta como vira seu mestre fazer e saiu. A razão poderia ter motivado esse ato, pois exigiria uma combinação de ideias para executá-lo.

É claro que a razão é de natureza dominante. Ela ordena isso, condena isso e aprova ou desaprova as coisas que podem ser mais adequadas à noção de animal.

Um cão sofrerá até a morte pela memória de um dono perdido, como foi o caso de Emile Zola, o famoso autor francês. Enquanto ele era um exilado, seu cão fiel e amoroso, depois de procurar em todos os lugares por vários dias e por não encontrar seu dono dedicado, morreu de um coração partido. Zola diz:

“Pareceu-me que minha partida o havia matado, e eu chorei como uma criança. Mesmo agora, é impossível pensar nele sem ser comovido às lágrimas. Quando voltei, um canto da casa parecia De todos os meus sacrifícios, a morte do meu cachorro na minha ausência foi uma das mais difíceis. Esse tipo de coisa é ridícula, eu sei; e se eu disser, é porque tenho certeza de encontrar em você um coração terno para os animais e alguém que não rirá demais”.

Um dos meus vizinhos tinha um gato maltês esperto e bonito, que parecia ser o ídolo da família. A dama da casa acariciava e falava com ele como uma criança, e parecia ter formado um apego incomum para ele; mas eles decidiram se mudar para a Califórnia e, antes de fazê-lo, entregaram o gato a outra família que os sucedeu no mesmo prédio. O

pobre bichano logo reconheceu a ausência de sua amante, e iria sair do quarto para procurá-la, emitindo um ruído baixo, lamentável e chamador. Embora os novos ocupantes da casa fossem muito gentis e fizessem todo o possível para reconciliar o gato, o pobre animalzinho se afastou e morreu de tristeza.

Uma criatura que possui um poder determinante e governante é certamente uma criatura formada para ser governada por esse poder. Parece ser tão planejado pela natureza, ou melhor, pelo Autor da natureza, que os animais devem usar sua razão e ser guiados por ela, como se o piloto, no projeto do navio, dirigisse a embarcação pela direção do navio, usando o leme que ele montou.

Hoje em dia é raro encontrar um homem tão insensível e tolo que acredite na doutrina absurda de Descartes e Malebranche, que os animais inferiores são desprovidos de sentimentos conscientes. Parece impossível para qualquer pessoa inteligente pensar que um tronco de madeira e um animal sensível são semelhantes quanto à sensibilidade; que um animal não tem mais sensação sob os golpes de um chicote ou o corte de uma faca, do que o tronco sob os golpes do machado de um carpinteiro. Por que um grita de dor e o outro permanece silencioso? Não é evidente, portanto, que o animal seja sensível à dor e o tronco de madeira não tenha essa percepção? A expressão da dor é mais acentuada do que a de alegria nas características dos animais inferiores, e se estende até ao derramamento de lágrimas em quase todos os animais quando passando por intensa agonia. Os sinais físicos da dor consistem em alterações na circulação e temperatura, respiração acelerada, dilatação da íris e semblante distorcido, todos visíveis tanto nos animais inferiores quanto no homem.

O homem e os animais inferiores são igualmente supridos com os nervos sensoriais e estão igualmente sujeitos à dor. Não é consistente com a natureza das leis do Criador que Ele deveria criar um nervo para o homem que é capaz de sensibilidade, e um igual na aparência, para animais inferiores, que são incapazes de sentir.

Nenhum fisiologista ainda foi capaz de fazer essa distinção. Quão necessário, então, que os animais sejam tratados como seres sensíveis, e não como autômatos. Que eles têm razão controlada pela vontade é

tão bem demonstrada quanto o homem tem essa faculdade. É pela razão e pela força de vontade que as aves migratórias são capazes de dirigir, com a precisão de uma bússola, de um clima ou país para outro; e que, se possuído pelo homem, pode tornar inútil a bússola para um propósito semelhante.

Os pombos-correios foram levados a centenas de quilômetros de distância e, quando soltos, voltaram para suas casas na linha mais direta. Cães, gatos, cavalos e outros animais também retornarão a suas casas a uma grande distância. Assim, somos compelidos a confessar que os animais são dotados de poderes discriminatórios totalmente desconhecidos ou alcançáveis pelo homem.

O homem não pode ser considerado distinto de outros animais nem pela agudeza da sensibilidade nem pela força muscular. Sua rapidez na corrida e agilidade no salto não são de alta ordem. Essa porção do sistema nervoso distribuída aos órgãos dos sentidos é menos desenvolvida no homem do que na maioria dos animais. Ele é superado por muitas criaturas em agudeza de visão, som e cheiro.

O poder dos pássaros para navegar no ar é um favor mostrado a eles que não pertence ao homem. Que um corpo muito mais pesado que o ar supere a força da gravidade e voe muito acima da terra, e, superando a resistência da atmosfera, vá diretamente contra a corrente de vento, é maravilhoso contemplar.

Enquanto as faculdades intelectuais do homem são superiores às dos animais, essa faculdade da alma chamada instinto é muito mais forte nos animais.

X

O instinto é imortal

- Diferença entre animais educados e sem instrução -

Várias faculdades da alma - todas comuns ao homem e aos animais inferiores – o instinto é o atributo mais alto da alma - é conhecimento direto de Deus.

Antes de prosseguir com este assunto, será melhor explicar o que significa a palavra instinto, pois é usada indevidamente pela maioria dos teólogos. É uma faculdade da alma, e é caracterizada por ação inconsciente e espontânea, conforme determinado pelos desejos e necessidades das criaturas. A palavra não é encontrada na Bíblia e, como muitas outras palavras usadas pela Igreja, seu efeito é diminuir os atos inteligentes que emanam da criação animal desprezada.

A natureza da mente e do instinto envolve a natureza de Deus e não pode ser dividida por uma linha mística desconhecida e incerta. O instinto não é apenas um atributo da alma, mas a faculdade mais alta que ela possui. O Criador lida mais diretamente com a criatura sob a lei que rege o instinto do que qualquer lei conhecida no grande Cosmos.

O instinto é o atributo mais alto que Deus possui, e um homem que negaria ser imortal, poderia com a mesma consistência, negar que a onisciência, a onipotência ou qualquer outro atributo de Deus seja imortal. O instinto está tão intimamente entrelaçado com todos os fenômenos que vemos e sabemos ao nosso redor que, se não é um

atributo imortal de Deus, não sabemos de nada que seja. É o conhecimento de Deus, transmitido diretamente aos animais, não uma vez, mas continuamente; e não sabemos onde começa nem onde termina.

A teologia afirma que a ideia inata da imortalidade é instintiva no homem, pois existe de uma forma rude ou outra, mesmo onde indivíduos e nações nunca ouviram falar dela através de *outros* homens.

Agora, à medida que os animais são dotados de instinto superior ao homem, eles podem ter uma ideia instintiva revelada a eles de que eles também são imortais. Quem sabe que eles não têm? O fato de um homem desejar a imortalidade não lhe dá melhor garantia do que se não a desejasse, desde que não houvesse provisão para ele. Todo homem deseja conforto e felicidade aqui na terra, e naturalmente desejaria que essa condição continuasse por toda a eternidade.

Os animais desejam conforto e felicidade aqui na terra. O fato de não terem instinto que os leve a desejar a continuação dessas bênçãos em outro mundo é uma suposição de que nenhum homem tenha provado ou tem algum direito moral de fazer. Um *deficiente mental*, uma criança ou um pagão não poderia ter um desejo de imortalidade, a menos que fosse instintivo. A inteligência do homem e dos animais inferiores está em proporcional à quantidade e qualidade do conhecimento instintivo. Todos os animais são, em algum grau, seres racionais; e a superioridade do homem é devida, não à sua formação corporal, mas à grande variedade de instintos que emanam da Sabedoria Divina.

O instinto inclui mais faculdades do homem do que geralmente é admitido. Tome as raças mais baixas do homem e você observará que quase todas as ações mentais são instintivas, pelo fato de que seus desejos são análogos aos desejos dos animais inferiores, mas isso não implica que eles tenham menos direito a uma alma do que algum grande filósofo.

É comum dizer que, quando um animal realiza alguma ação mental importante, é instinto; mas se um homem executa a mesma coisa, isso é chamado de razão. A maioria dos fenômenos da vida é composta do que é comum ao homem e aos animais inferiores, e se é instinto em um, é em todos. É comum comer com fome; descansar quando estiver

cansado; dormir quando estiver com sono; amar ou odiar; temer a dor ou a morte; reconhecer um amigo ou inimigo; e buscar conforto e felicidade.

O objetivo mais alto do homem e dos animais inferiores é a posse ou a busca de desejos corporais. O homem, além de ser homem, também é um animal e é governado pelas mesmas leis físicas e mentais; e o livre arbítrio não lhe pertence mais do que a outros animais. A única diferença é que a mente dos animais é acionada por motivos menos e mais simples. Os animais são livres para ir em qualquer direção; livres para comer, beber, andar, correr, deitar-se, brigar, lutar, se desviar, transgredir os direitos dos outros e seguir a inclinação de suas mentes e, como o homem, livre para agir em qualquer parte da vida que organizações podem permitir que façam. Se eu disser ao meu cachorro: “Me dê sua pata”, e estender minha mão, ele o fará alegremente. Se eu disser a uma criança pequena: “Me dê sua mão”, atenderá ao meu pedido. Digo a um cavalo: “Deite-se”, e a um menino: “Deite-se”, ambos obedecerão ao meu comando. Digo a um cachorro: “Traga-me meu chapéu” e a um menino: “Traga-me minha bengala”, e ambos farão o que for indicado. A ação mental e o livre-arbítrio são a razão de um e de outro. Em algum momento de suas vidas, cada um teve que aprender a relação entre os sons articulados da minha voz, e cada um teve que raciocinar a partir dos diferentes sons que proferi que ato que eu desejava realizar. Uma criança olha para o meu rosto e diz: “Por favor, abra a porta”, sendo incapaz de fazer isso sozinho. Meu gato vai até a porta, dá um tapinha com a pata e olha confiante para o meu rosto e diz: “Por favor, abra a porta”. Eu entendo um tão bem quanto o outro, embora eles não articulem o mesmo tipo de som. Ambos seguem o princípio do raciocínio da causa para o efeito. Eles me pedem para abrir a porta, como sabem por esse ato, eles podem sair pelo espaço aberto e ter a liberdade de ir para onde quiserem.

Se essa energia vital é o produto da alma, em um exemplo, é em todos. Na infância, diz a teologia, a criança é governada pelo instinto, mas à medida que envelhece, desaparece a forma de instinto necessária à sua existência. Agora, se uma criança tem uma alma, de acordo com a teologia, enquanto está sob o governo do instinto, é certamente a

causa vital de todas as suas ações. Portanto, esse instinto é a parte imortal da criança.

Nos tipos mais baixos da raça humana, o instinto forma a constituição humana, e há casos em que não há vestígios de nenhuma faculdade acima do instinto. Se esses tipos de humanidade têm alma e são governados por apenas uma forma de energia vital, é certamente energia da alma.

O mesmo argumento pode ser usado no caso de um *deficiente mental* ou de animais inferiores. Percebemos as operações diversificadas da alma e chamamos essa energia por nomes diferentes, de acordo com diferentes manifestações. Ao inferir a verdade da verdade, isso se chama entendimento; ao rastrear uma causa para um efeito, é raciocínio; ao contemplar o futuro, a imaginação; ao revisar o passado, a memória; ao escolher ou recusar, irã; e quando espontâneo, instinto.

Como todos eles se referem aos fenômenos da ação vital, e há apenas uma alma para cada ser, deve ser verdade que a alma tem muitas faculdades, ou então não tem nada a ver no controle do corpo.

Ao observar a faculdade do amor, que é o atributo mais alto da alma, e o laço mais forte que une todas as criaturas vivas, devemos reconhecer que ela se manifesta em maior grau nos animais inferiores do que no homem.

Cristo diz: “Não existe maior amor do que este: de alguém dar a própria vida por causa dos seus amigos” [João 15:13]. Que animais inferiores, especialmente cães, sacrificaram repetidamente suas vidas por seus amigos, ninguém finja negar.

O famoso cão de São Bernardo, Barry, da Suíça, em um período de dez anos, sob o risco de sua própria vida, salvou quarenta e uma vidas. Uma de suas realizações mais dignas de crédito foi quando encontrou uma criança de dez anos enterrada na neve sucumbindo ao sono fatal que antecede a morte. O cão nobre aqueceu a criança pela primeira vez e lambeu até acordar. Então, deitado de lado, perto da criança, ele fez um convite óbvio para ficar de costas, o que a criança fez, e Barry a levou com segurança para casa. Barry saiu durante uma sombria e fria tempestade de neve para as montanhas alpinas altas e sombrias e, depois de fazer uma longa jornada, finalmente encontrou um homem

em um banco de neve. Barry sempre ficou encantado ao saber que ele poderia ser o meio de salvar mais uma vida. Começou a latir em busca de assistência, a puxar e persuadir o homem do gelo, a fim de acordá-lo e receber qualquer mensagem que o homem pudesse enviar para pedir ajuda; mas o homem infelizmente ignorava a bondade do cão e bateu na cabeça do pobre Barry até ele morrer; e assim Barry deu a sua vida, como muitos fizeram, um sacrifício ao julgamento cego e apressado do homem. As pessoas gentis da Suíça erigiram recentemente um grande e belo monumento à memória do pobre e fiel Barry; e aqui declaro, que não há outro monumento na terra que eu preferiria ter ajudado na construção.

Há pouco tempo, li esse incidente em um jornal do leste. Uma menininha brincava no cais quando caiu na água e foi levada a alguma distância da costa. Seu cachorro fiel mergulhou atrás dela, e com grande e prolongado esforço aproximou a criança o suficiente para ser levantada por alguém que correria para o resgate; mas o pobre cachorro estava tão exausto que não pôde aceitar assistência e afundou-se sob as ondas para não mais subir.

O *New York Times* relata um incêndio em um grande celeiro e carruagem. Um cachorro mantido no celeiro subiu as escadas e despertou o cocheiro que mal tinha tempo de escapar pela janela. O cão não tentou segui-lo, mas, encorajado por seu sucesso em salvar seu dono, voltou ao andar inferior e fez um grande, embora lamentável, esforço para salvar os cavalos, mas sem sucesso, e todos pereceram juntos.

Um fazendeiro de Winnamac, Indiana, estava mudando sua família para um condado adjacente; e, ao iniciar, colocou o bebê de sete meses aos cuidados do irmão, que, cansado de carregá-lo, colocou-o em uma cesta ao lado de um arbusto, perto de um penhasco íngreme, e seguiu sem ele. Ao chegar à nova fazenda, a mãe aflita, sentindo falta do bebê, ficou frenética; e voltou para o local onde o bebê havia sido deixado. Em pouco tempo, ela conheceu o fiel cachorro “Ned” com o bebê. Ele tinha descoberto e estava o carregando com segurança. Assim que a feliz mãe recebeu seu filho, o pobre Ned deitou-se e morreu de exaustão. O carinho do cachorro pela criança era maior que o do irmão.

Esse auto sacrifício só pode ser comparado aos atos mais raros e nobres do homem. Esses animais nobres correm o risco, com o conhecimento do perigo e o pavor da exposição. O estranho sentimento de afeto lhes permite superar o medo dos riscos, até da própria morte, para salvar a vida dos amigos. E mostram sua consciência de terem realizado tais atos morais por seus manifestação de alegria por qualquer aprovação concedida a eles. Eles não apenas se entregam como sacrifício, mas fazem intercessão pelo bem-estar e proteção dos outros.

Meu parente, general S. B. Buckner, em uma ocasião, ficou tão profundamente impressionado com as ações de um cachorro que prontamente aliviou o sofrimento de uma mulher de coração partido. O *Louisville Courier-Journal* conta a história bonita e comovente no seguinte estilo:

“Essa foi uma boa passagem entre o Executivo de Kentucky e a esposa do condenado, que foram a Frankfort na última sexta-feira para pedir perdão. Ela apresentou seus papéis e ficou sentada sem fôlego enquanto o árbitro de seu destino os examinava. Enquanto ela esperava, um mastim, companheiro de brincadeira do filho pequeno do governador, um animal que não era dado a estranhos, desenrolou-se do tapete onde ele estava deitado e surgiu de uma maneira amigável que somente os cães sabem como afetar com perfeita sinceridade. Vendo suspense e dor nas feições agitadas da pobre mulher, ele colocou as patas gentilmente nos joelhos dela e começou a lambar as mãos dela. O governador terminou os papéis e o peticionário estava prestes a falar, quando o velho soldado sombrio disse: ‘Não é necessário, senhora, o cachorro falou por você’, e imediatamente assinou o documento que libertaria um moribundo da prisão e permitiria que ele fosse para o túmulo de sua própria casa.

Um toque da natureza faz parentes do mundo inteiro; e é difícil dizer o que mais nos emociona, o espetáculo daquele bravo cavaleiro e soldado, a quem foi um prazer e orgulho saudar como nosso principal magistrado, despertado ao fundo pela silenciosa eloquência de um cachorro ou pelo pensamento daquele nobre animal, inspirado por nós não sabemos o que, para se tornar um

irresistível defensor da misericórdia perante o mais alto tribunal. O incidente produz um texto sazonal. De fato, havia tanta verdade quanto sarcasmo na observação do cínico, que declarou que quanto mais via os homens, melhor pensava em cães.

O amor de um cachorro não tem nada de sórdido nem traiçoeiro. O pobre animal não sabe como se desmembrar. O governador Buckner sabia que o cachorro de seu filho acreditava nele. E, quando ele viu o animal causar uma causa comum à mulher aflita, ele achava que, se seguisse a liderança da piedade e do amor daquele cachorro, não cometeria nenhum erro. E não o fez; e então o anjo que escreve em um livro desenhou uma grande marca branca para aquele governador e esse cachorro”.

Mas nenhuma pessoa é competente para julgar a natureza de qualquer espécie de animal até que ele tenha uma dessas espécies como animal de estimação e se familiarize intimamente com uma associação longa e afetuosa e a submeta a uma educação amável e gentil. .

A diferença entre os animais inferiores educados e os não instruídos é tão grande quanto a diferença entre o homem selvagem e o civilizado. Devemos estudar a natureza dos animais inferiores e tentar pensar como eles pensam, sentir como sentem e, de certa forma, nos colocamos em sua posição. Devemos considerá-los como crianças pequenas com intelecto limitado, dispostos a cumprir nossas ordens, se puderem compreendê-las. Famílias diferentes se apegam a diferentes animais. Uma família criará um animal de estimação como seu cachorro e negligenciará seu gato; outra fará de seu gato um animal de estimação e negligenciará seu cão, mas devemos aprender todas as características particulares de um animal para conhecer sua disposição inteligente e amorosa.

Quando olho para o rosto feliz e amoroso de um animal inteligente e observo os olhos brilhando com vida animada, esperança e confiança, fico absorto na contemplação de um profundo mistério.

Eu vejo claramente brilhando através dos olhos, que agem como janelas do céu, uma alma imortal ao fundo. Um cachorro fica sentado

e olha o rosto de um homem por horas, como se estivesse tentando entender a natureza de seu superior.

Da mesma maneira, o homem olhará para o céu etéreo, tentando entender algo da natureza misteriosa de Deus. Muitas vezes observamos um cachorro, em uma noite clara e bonita, quando toda a Natureza parecia adormecida, sentou-se por horas e olhou para o céu estrelado e soltou um grito patético e triste. O que isso significa nunca foi explicado satisfatoriamente, mas o fato de ser uma devoção instintiva é a conclusão mais razoável. Os selvagens que nunca ouviram falar da Bíblia têm o mesmo hábito.

A teologia não oferece outra razão para negar as almas e rebaixar os animais pelo simples fato de que eles não são da mesma espécie que o homem. O fato de outros não pertencerem à mesma espécie ou raça tem sido a desculpa do homem para a crueldade ao longo história. A escravidão já foi considerada legítima por todas as nações civilizadas, pois os escravos eram de uma raça diferente e subordinada aos seus senhores. O roubo e o assassinato de estrangeiros são considerados hoje legítimos por alguns países, e os selvagens quem pode se orgulhar dos mais escalpos de outras tribos ou raças é o maior herói. Embora os homens possam ser canibais e que possam ser ignorantes e cruéis, vivem em cavernas e buracos no chão, ficam nus e subsistem de ervas, raízes, cobras e lagartos, e ocasionalmente assam um missionário gordo, mas nunca lhes são negados que têm almas; enquanto animais inocentes e indefesos são concebidos como estando sem essa investidura dada por Deus. Quão estreito e contraído esse sistema de teologia é para discriminar assim qualquer uma das criaturas de Deus.

A história é um fator muito importante para responsabilizar a humanidade por qualquer grande erro cometido individual ou coletivamente. Menos de um século atrás, um livro foi publicado, neste país, com base na hipótese de que a raça africana não tinha almas e, de acordo com a história do caso, um grande número de pessoas boas foi convencido a acreditar em seus argumentos. Na maioria das vezes, atualmente, *muitos* negam o direito da mulher a uma alma igual ao homem.

Lemos na história grega sobre “sete homens sábios” que se reuniam em intervalos regulares e formulavam sistemas de filosofia, e depois os enviavam ao mundo para que as pessoas aceitassem como indiscutível. Uma analogia histórica semelhante seria a de alguns teólogos eruditos se reunindo e decretando que ninguém deveria ter alma, a não ser eles mesmos ou sua raça especial.

Esperamos que o dia não esteja muito distante em que a teologia se torne mais semelhante a Cristo, e inclua sob a expiação toda a criação que geme e sofre dores e tristezas.

Um dos argumentos da teologia para provar a imortalidade do homem é a afirmação do fato de que o corpo está passando por constantes mudanças e que ainda a identidade permanece a mesma. “Os fisiologistas nos dizem que todos os elementos do corpo mudam de três a sete anos. E, no entanto, o corpo é considerado o mesmo durante essas mudanças. Nem a mente nem a disposição são alteradas por essa mudança molecular do corpo”.

O mesmo homem de hoje não possui uma partícula individual que pertença a ele que constituiu sua estrutura corporal há alguns anos atrás, mas ele sabe que a alma que pensa dentro dele, apesar de todas essas mudanças, é a mesma; e ele é a mesma pessoa que, há muitos anos, jogou em tal campo, frequentou uma escola e praticou atos comuns à vida.

Ora, se esse argumento acrescenta algo à prova da imortalidade da alma do homem, na medida em que todos os outros corpos animais sofrem o mesmo tipo de mudanças e mantêm sua identidade, há uma forte presunção de que eles também têm almas imortais.

Outro argumento frequentemente usado para indicar a imortalidade do homem é o de mostrar como cada indivíduo difere de todos os outros. Alega-se que não há duas pessoas iguais em aparência, andar, voz ou ação, e que as faculdades mentais são inteiramente peculiares a cada pessoa; e, no entanto, isso é igualmente verdadeiro quando aplicado aos animais. Embora um rebanho de ovelhas, um rebanho de gado, ou várias aves, ou um curral de cavalos podem ser parecidos, mas cada um pode ser facilmente reconhecido por um conhecido íntimo.

O fato de o homem possuir uma faculdade para gozar a felicidade e de que nem todos recebem uma parcela igual dela nesta vida, tem sido usado como argumento para uma vida futura, a fim de equalizar as condições.

Estou perfeitamente disposto a admitir a razoabilidade do argumento, mas ao mesmo tempo devo insistir nas reivindicações dos animais inferiores pela mesma lógica. Não obstante a condição subordinada dos animais inferiores, o gozo é o atendente adequado de sua existência, e percebemos em toda parte, quando está ao seu alcance alcançar sintomas de gozo e felicidade. Todo o seu ser é um sistema de necessidades, cujo suprimento é uma gratificação e de faculdades, cujo exercício é prazeroso.

Eles desfrutam mais extensivamente da felicidade que é limitada à sua esfera do que o homem em sua esfera, pois suas funções mentais e corporais são menos suscetíveis de interferir em seu gozo. Formar uma gama tão vasta de seres e tornar seres em todos os lugares capazes de felicidade é um argumento conclusivo de que o destino de todos deve ser o mesmo.

As faculdades das várias espécies diferem, as mesmas das diferentes raças do homem; mas a felicidade de cada um depende da harmonia que possa haver entre suas faculdades particulares e seus ambientes particulares. Se suas necessidades corporais são supridas e têm um ambiente agradável e confortável, elas descansam de maneira pacífica e passiva. Coloque uma ovelha, vaca ou cavalo em um pasto verde fornecido com sombra e água e eles desfrutarão a harmonia das relações.

No tipo mais elevado de homem, devido à sua organização superior, ele almeja mais confortos corporais, mas a harmonia do ambiente deve estar de acordo com a capacidade do intelecto, pois existem muitos tipos de raça humana que não alcançam níveis superiores mais do que os desejos dos animais e, quando acostumados à sua condição, são igualmente felizes.

O mesmo vale para todos os animais; há uma adaptação geral à constituição mental e física de todas as espécies e condições de vida. Suas qualidades sociais são de alto grau e proporcionam amor e prazer

mútuos. Sua natureza lúdica é uma evidência positiva de sua capacidade de felicidade. Os cavalos galopam de um lado para o outro, bufam, remexem o ar, avançam em direção ao seu dono, param de repente e, de novo, saem correndo como se quisessem fazer uma brincadeira.

Os cães quando gentilmente tratados e entre seus amigos são as criaturas mais felizes do mundo, exceto o homem; mas quando abusados e abandonados são os mais miseráveis. Eles são muito felizes quando brincam com uma criança e parecem gostar mais da companhia do homem do que de sua própria espécie.

Gatos, quando bem tratados e treinados, são as criaturas mais afetuosas da Terra, e ainda assim são as mais abusadas. Eles brincam de esconde-esconde, brincam muito quando jovens, e se tratados gentilmente manterão a mesma disposição até chegarem a uma boa velhice.

Os pássaros se perseguem em jogo e conversam com prazer enquanto passam de galho em galho.

Vemos apenas uma parte muito pequena das obras e caminhos de Deus na criação animal, pois eles são infinitos em extensão; e ainda assim vemos o suficiente para nos inspirar com a confiança de que “Suas misericórdias são sobre todas as Suas obras” e se estendem a todas as Suas criaturas [Salmo 145:9]. Um pardal não cai no chão sem Seus cuidados, e os cabelos da cabeça de um homem são numerados [Lucas 12:6-7]; “Quão excelente é, ó Deus, a tua benignidade, preservadora de homens e animais” [Salmo 36:6]. Se Suas tenras misericórdias estiverem sobre tudo, Ele daria vida eterna a um e eterna aniquilação a outro?

XI

Analogia anatômica de animais

- Psicologia comparada -

Uma estreita semelhança entre animais - uma estrutura e gradação correspondentes de uma espécie para outra - os animais inferiores possuem todos os princípios incipientes do homem - essa uniformidade de design fornece prova da unidade e sabedoria do Criador.

Eu tenho falado dos poderes intelectuais dos animais inferiores para mostrar que eles possuem mentes ou almas análogas ao homem. Vamos agora considerar brevemente a analogia do homem e dos animais inferiores do ponto de vista anatômico. Somos ensinados pela anatomia comparada que existe uma estreita similaridade na estrutura corporal de todos os animais, e que cada espécie possui muitas coisas comuns a todos.

Quando consideramos os vários órgãos dos animais separadamente e os rastreamos pela mesma classe, descobrimos que eles existem de maneira regular e uniforme, e geralmente observamos uma parte ou vestígio de uma parte e de nada adianta, ao que parece, pelo onisciente Criador, para que a lei geral da unidade não possa ser transgredida. Um órgão está em seu estado mais alto de perfeição em uma espécie de animal e outro órgão é o mais perfeito em uma espécie diferente, de modo que, para que as espécies sejam organizadas após cada órgão em particular, deve haver tantas escalas formadas quanto os órgãos reguladores assumidos. Você não pode construir uma escala geral de perfeição que se aplique a todos os animais.

Não existem duas espécies suficientemente parecidas entre si para formar uma faixa adequada de conexão, e ainda assim existe uma uniformidade de estrutura, e apenas cinco planos distintos sobre os quais a estrutura animal é classificada pelos zoólogos. Pegue o macaco da classe dos mamíferos e mais parecido com o homem, e os arranjos anatômicos são os mesmos, osso por osso e músculo por músculo. No entanto, você pode pegar o esterno, costelas, pernas, braços e mãos de um lagarto, e eles também correspondem ao do homem. Os membros de todos os animais vertebrados são do mesmo plano, por mais que possam aparecer. Na perna traseira de um cavalo, por exemplo, o ângulo chamado jarrete é a mesma parte que no homem forma o calcanhar, e o cavalo e muitos outros quadrúpedes andam sobre a resposta aos dedos de um ser humano. Em muitos animais, a parte anterior das extremidades está encolhida no casco, pois cauda ou cóccix do homem é encolhido e escondido por ossos e carne. A membrana do morcego chamada asas é formada principalmente sobre ossos, respondendo precisamente aos da mão humana. Nas nadadeiras de uma baleia, nas barbatanas da foca e em outros animais da mesma espécie, vemos o mesmo desenho.

Se você pegar o esqueleto de um homem; inclinar os ossos da pelve; encurtar os das coxas, pernas e braços; juntar as falanges dos dedos das mãos e pés; alongar as mandíbulas, encurtando os ossos frontais; e, finalmente, estendendo a espinha das costas, esse esqueleto não representaria mais o de um homem, mas se pareceria com o esqueleto de um cavalo.

Ao alongar a espinha dorsal e as mandíbulas, o número de vértebras, costelas e dentes aumentaria, e é apenas pelo número desses ossos e pelo prolongamento, contração e junção de outros que o esqueleto de um cavalo difere do de um homem. As costelas essenciais para a figura dos animais inferiores são encontradas igualmente no homem, nos quadrúpedes, nos pássaros, nos peixes e até nas tartarugas.

A pata do cavalo, aparentemente tão diferente da mão do homem, é composta por ossos semelhantes e, na extremidade de cada dedo, temos os mesmos ossos pequenos semelhantes à mão, que estão presos no casco desse animal.

Se o esqueleto dos quadrúpedes, do macaco ao rato, for levantado e colocado ao lado do homem, será observada uma surpreendente uniformidade de estrutura em todo o grupo. Essa uniformidade é tão constante e as gradações de uma espécie para outra são tão perfeitas que descobrir as marcas da diferença requer discriminação cuidadosa. Existe uma estrutura correspondente em um plano comum para todos os animais. A mão do homem, a pata do cachorro, a barbatana da baleia, a asa do pássaro, a pata do cavalo e a asa do morcego não são semelhantes na aparência externa e são usadas para um propósito diferente, todavia, eles têm um número igual de ossos, diferentemente alongados e dispostos para os diferentes propósitos aos quais foram destinados. E como os ossos do homem são análogos aos ossos dos animais inferiores, o mesmo ocorre com os músculos, nervos, vasos sanguíneos, vísceras e toda a estrutura do corpo. O homem anda com duas pernas, assim como todos os animais de penas, assim como algumas outras espécies, como o gorila, o Orangotango, o canguru, etc.

Na psicologia comparada, encontramos fenômenos ainda mais interessantes. A inteligência dos animais inferiores é um profundo mistério para nós. Não sabemos o que eles pensam, nem a extensão de seus pensamentos, mas tenho certeza de que eles têm muito mais inteligência do que normalmente lhes é atribuído, e que o germe de toda faculdade humana existe de alguma forma e em algumas espécies de animais. Como um homem não possui todas as faculdades que a mente é capaz de possuir, o mesmo ocorre com a faculdade de qualquer um dos animais inferiores, mas, no conjunto, eles possuem todo princípio incipiente de toda faculdade conhecida no homem. É fato que o tamanho do cérebro não determina o poder do intelecto, nem no homem nem nos animais inferiores. A baleia, o elefante e muitos outros animais têm cérebros maiores que o do homem. E na proporção entre o peso do cérebro e o peso do corpo, há muitos animais inferiores que têm cérebros maiores em proporção ao peso do corpo que o homem. As proporções do homem representam um quinquagésimo, enquanto ele é superado por algumas espécies de macacos que variam de um vigésimo oitavo a um décimo terceiro, e

algumas espécies de pássaros que variam de um vigésimo sétimo a um décimo segundo.

Quando o homem tenta construir uma forte linha de diferença entre ele e algum animal inferior em particular, ele descobrirá que essa diferença é fornecida em outras espécies. Assim, o Criador nos deu a entender que devemos reconhecer um parentesco com todos os animais. Existe uma relação, por descendência, entre todas as espécies do reino animal, pois cada espécie descende de seu próprio progenitor e todos os progenitores têm um Pai ou Criador. Esta é a teoria bíblica da evolução, e a que a maioria dos naturalistas admite, embora modificada por alguns.

Enquanto o Ser Supremo empregou um plano geral, ele ao mesmo tempo o diversificou de todas as maneiras possíveis, de modo que devemos admirar igualmente a magnificência da execução harmônica e simplicidade da criação. Propósito, intenção e design em todos os lugares atingem o pensador mais descuidado e mais estúpido. O Criador não faz nada em vão, e age de acordo com os métodos mais simples e escolhe os meios mais adequados para todos os fins. À medida que nosso conhecimento da natureza aumenta, gradualmente aprendemos a combinar as premissas decorrentes da analogia, com outros princípios gerais que são corrigidos e aprimorados por esse conhecimento.

Mas, para que eu não seja entendido, relutantemente anuncio a um assunto que eu preferiria não apresentar. Alguns cientistas modernos assumiram a hipótese de que os ancestrais da raça humana surgiram originalmente dos mamíferos mais próximos do homem. Essa teoria foi defendida por vários naturalistas eruditos da Europa, mas Charles Darwin é o campeão moderno da teoria de que o homem e os animais inferiores descendem de “apenas quatro ou cinco progenitores”.

Embora eu admire os grandes trabalhos mentais de Darwin e suas profundas pesquisas sobre os mistérios obscuros e ocultos da natureza, não há dúvida de que sua teoria tem sido um grande obstáculo à causa da humanidade, e colaborou muito para o sofrimento da vida animal. Isso costumava fazer com que alguns cristãos fizessem uma distinção mais ampla entre eles e os animais inferiores. Eles não desejam ser

considerados como estando ao lado de Darwin, e assim tentam tornar o abismo entre homens e animais o mais amplo e profundo possível. Alguns prefeririam dizer que os animais eram máquinas automáticas sem sentido, sem nenhum direito ou senso de sentimento, ao invés de admitir que eles têm almas imortais. Mas nenhum homem deve ser tão auto-importante a ponto de contestar o direito de Deus de dar a outros animais funções físicas e mentais em qualquer grau ou tipo que Sua onisciência possa escolher.

O Rev. Dr. Fulton diz sobre esse assunto:

“Agora devo levar muito mais longe esse pensamento, apresentando uma grande proposta. É simplesmente isso, que um reconhecimento claro da relação próxima entre homem e animal na obra e nos propósitos de Deus pertence aos próprios fundamentos da religião cristã e é claramente afirmado nas Escrituras Sagradas desde a criação do mundo até a proclamação da redenção final em Cristo”.

No que diz respeito aos meus sentimentos, tenho orgulho de reconhecer que o Criador dos animais é o meu Criador. A sabedoria infinita não forma criatura de nenhum tipo que não seja adequada para excitar a admiração pelo Criador. Isso é verdade para qualquer uma das menores produções da sabedoria divina e, portanto, deve ser assim.

A elevação do homem na escala da perfeição não deve fazer com que ele despreze as obras inferiores da natureza e as veja como más e insignificantes. Ele também não deve se ofender com as doutrinas que ensinam uma continuação de sua existência, só porque eles parecem baixos e pequenos em sua opinião. Ele deveria corar para alimentar tais sentimentos quando refletir que a vida, em todas as criaturas, é uma possessão preciosa, e que Aquele que fez o homem fez todos os outros seres vivos, e Ele não pode receber uma opinião mesquinha de qualquer criatura sem alguma reprovação da sabedoria que o concebeu. Se não estava sob a dignidade do Céu criar o animal mais diminuto, não seria impróprio no mesmo poder continuar sua existência.

Se a inferioridade é uma razão suficiente para excluir os animais de um interesse na *vida* futuro, isso se provará o mesmo com relação ao homem que é muito inferior à hierarquia celestial.

Pegue os fueguinos [que são os habitantes indígenas da Terra do Fogo, no extremo sul da América do Sul] e os hotentotes que vivem em cavernas, nus, e comem lagartos e cobras, e o que eles sabem ou se importam com uma Nova Jerusalém, uma cidade de muitas mansões, com ruas pavimentadas com ouro? Agora, se Deus fez uma provisão para os animais quando eles foram criados, e os dotou de felicidade, e se Ele devolve o homem mais inferior e caído às mansões e ruas pavimentadas com ouro, por que Ele não devolve os animais inferiores aos campos verdes, correndo nos riachos e bosques sombrios?

O ensino da filosofia religiosa tem sido dificultado por credos e dogmas e pelo medo de críticas públicas. Não devemos ter ciúmes da ciência, mas devemos exercitar a razão para determinar a verdade filosófica. Não devemos fechar os olhos e nos afastar da investigação científica, porque alguns cientistas são materialistas.

Segundo a teoria de Darwin, era necessário um milagre para criar os quatro ou cinco primeiros seres, não teria sido tão consistente com a onisciente sabedoria de Deus ter criado tudo de acordo com a narrativa dada na Bíblia? A formação de algumas espécies novas pela união daqueles que mantêm uma relação natural mais próxima entre si é absolutamente proibida pelas leis da natureza que transmitem a sentença de esterilidade a todos os descendentes híbridos. A teoria da seleção natural também não pode produzir novas formas, mas somente pode selecionar as formas já existentes. Se novas espécies são criadas a partir da união das antigas, devemos esperar encontrar criaturas em todos os estágios do progresso; mas, em vez disso, encontramos um espaço vazio entre cada uma das várias ordens e entre o homem e o animal próximo a ele, uma distinção que nunca foi alterada desde a criação.

As formas podem ser modificadas por seleção, mas nunca foram produzidas novas formas bem substanciadas.

As pesquisas de cientistas, durante a história do homem, por seis mil anos, falharam em produzir uma única instância. É verdade que as

gradações entre as espécies mais altas estão bem estabelecidas pelas leis da natureza, mas a diferença é tão bem marcada que nenhuma resta dúvida sobre quais espécies cada uma pertence. Esta bela gradação está bem marcada em toda a criação. O mundo científico é grato ao Sr. Darwin por muitos pensamentos sugestivos sobre esse assunto, mas a quase semelhança não fornece substancial prova de que o homem descendia de formas inferiores de animais.

Por outro lado, essa uniformidade de design fornece prova de que todos os animais foram criados pelo mesmo Criador e de que cada um é dotado de uma formação física e faculdades mentais peculiares à sua própria espécie. Essa unidade de desígnio se baseia no argumento mais sólido que a luz da razão fornece para a unidade de Deus; mas o conhecimento do fato geral sobre o qual esse argumento prossegue não se limita ao estudante de teologia.

Força-se irresistivelmente aos pensamentos de todos os que conhecem familiarmente os fenômenos, tanto do mundo material quanto do moral; e é reconhecido como um princípio de raciocínio, mesmo por aqueles que prestam pouca atenção à sua aplicação mais sublime e importante.

Há um esforço de alguns materialistas para encontrar o suposto elo perdido entre o homem e o macaco, mas não pode haver nenhuma razão científica para esperar encontrar um elo perdido entre qualquer uma das espécies.

Quaisquer restos de animais extintos que provem ser uma espécie separada, simplesmente adiciona mais uma espécie ao reino animal, e isso é tudo.

M. Cuvier, pouco tempo antes de sua morte, formou uma classificação de animais extintos, e sua coleção de espécies que agora estão perdidas para o mundo chegou a cerca de setenta, o que indicaria que a teoria de um elo perdido não é científica para dizer o mínimo.

Darwin admite que “a grande ruptura na cadeia orgânica entre o homem e seus aliados mais próximos não pode ser superada por nenhuma espécie”.

Os evolucionistas falham em estabelecer teorias de natureza permanente e tangível. Eles remontam à origem das formas e atribuem

um ponto de partida às leis da natureza, ignorando o fato de que não pode haver uma lei sem um legislador. Deve haver uma Primeira Causa inteligente para fazer essas leis e mantê-las em vigor. Tomando estas *questões* indiscutíveis com os fatos em consideração, a descrição revelada da criação é mais consistente com a natureza divina de Deus, e o único sistema que sobreviveu e sobreviverá a todas as críticas combinadas do mundo científico.

XII

Composição química de animais

- Anatomistas cruéis -

Todos os animais são compostos por substâncias similares - sujeitos às mesmas emoções e influenciados por causas semelhantes - haverá um dia melhor para suas tristes condições - Deus ouvirá seus clamores.

Os fisiologistas analisaram os cérebros do homem e dos animais inferiores e descobriram que não há distinção nem na superfície nem no interior do cérebro, cerebelo, medula oblonga ou medula espinhal, pois existe um trato contínuo da região cinzenta a substância branca composta por um conjunto de gânglios que não possui distinção externa ou interna. No homem, bem como nos animais inferiores, o cérebro é um prolongamento da medula espinhal e o crânio é o prolongamento da coluna vertebral.

A matéria cerebral, como o ouro, é a mesma, não importa onde você a encontra ou em que proporções, seja no homem ou nos animais inferiores, seja em grandes ou pequenas quantidades.

A misteriosa glândula pineal, uma pequena substância polpa em forma de coração encontrada no cérebro, era anteriormente considerada a sede da alma por Descartes e outros, mas, como é encontrada em animais inferiores e no homem, a hipótese foi rejeitada por esse motivo.

Os químicos analisaram o cérebro de homens e animais inferiores e descobriram que eles são compostos de carbono, hidrogênio, nitrogênio, oxigênio etc.

Agora, esses compostos químicos podem compor os esplêndidos sonhos de Shakespeare ou os poemas épicos de Milton ou a *Ilíada* de Homero? Um número de átomos de carbono, hidrogênio, nitrogênio e oxigênio pode produzir os vários atos intelectuais de um cavalo, um macaco ou um cachorro? Esse composto químico pode associar sons articulados de modo a entender a linguagem, obedecer a comandos, mover-se à vontade, agir a partir de um impulso de amor ou ódio e possuir as faculdades sensíveis do toque, paladar, olfato, audição e visão?

Não se pode conceber que uma combinação de átomos materiais possa produzir ações e pensamentos imateriais. É claro que existe algum agente anterior e estranho ao cérebro, que age sobre a mente ou alma e, portanto, fala sobre o sistema físico dos animais. Embora o cérebro possa ser considerado o órgão da alma, não se segue que a alma seja o produto do cérebro.

Nenhum sistema de teologia ousaria admitir tal hipótese. Por exemplo, pegue a roda d'água de um moinho. A roda aciona o maquinário, mas não é a força motriz, pois a força motriz é a água.

Assim, o cérebro moverá as diferentes faculdades do corpo, mas o poder motriz é a alma. Pegue a faculdade do pensamento, e vemos que não é o produto de forças físicas e não pode ser desenvolvido como o crescimento gradual do corpo, mas é uma ação espontânea guiada por uma força espiritual.

Uma carta é trazida pelo carteiro a um indivíduo; ele lê e o conteúdo tem um efeito tão espantoso em seu sistema nervoso que ele cai morto. Foi puramente uma ação mental, pois o homem recebeu algumas notícias assustadoras e angustiantes.

Um amigo chama outro e informa que uma grande catástrofe aconteceu com um de seus parentes mais próximos e mais queridos e, como resultado, seu amigo pode perder a visão ou a audição ou ficar paralisado. Aqui o pensamento atingiu o homem com um efeito físico. O pensamento age sobre o cérebro, que age sobre os nervos, e eles agem sobre os sentidos. Dessa maneira, os animais geralmente morrem de medo da morte sem violência física. A sensação de náusea pode ser

excitada pelo sentido da visão. E, por fortes emoções mentais, às vezes pode ser produzido vômito.

Se houver uma dor em qualquer parte do corpo, ela pode ser intensamente aumentada ao pensar sobre ela ou diminuída por um desvio dos pensamentos dele. A história do martírio fornece uma multidão de instâncias que demonstram perfeitamente o poder da alma sobre o corpo. Um certo mártir cristão disse a seus amigos que ele levantaria as mãos sobre a cabeça pouco antes da morte como um símbolo do triunfo de sua alma sobre o corpo. No meio das chamas, o poder da fala se foi, a carne toda crocante, para que seus amigos o considerassem morto, ele de repente levantou as duas mãos e as juntou três vezes.

Lemos sobre uma anatomista cruel que abriu o abdômen de um cachorro e, enquanto ele estava deitado nas torturas mais lamentáveis, ofereceu a ele um de seus filhotes, que ele imediatamente começou a lamber e conversar em seu próprio idioma e durante o tempo parecia insensível à sua dor. Quando o filhote foi removido, ele manteve os olhos fixos nele, e começou um grito de lamento, que parecia mais proceder da perda de filhotes do que da sensação de seu próprio tormento. Podemos muito bem corar ao contrastar a crueldade do homem com a devoção amorosa do cachorro. A maior agonia que o corpo pode suportar é sustentada por amor, que é a faculdade mais forte da alma.

Que o mecanismo do sistema nervoso é governado por um poder imaterial independente está bem estabelecido nos fenômenos das forças espirituais aliadas conhecidas como hipnotismo, magnetismo animal e mesmerismo, o que prova que existe uma natureza espiritual em toda a vida animal, independente da física. Todas essas forças espirituais podem ser transmitidas pelos animais inferiores e pelo homem.

Sonhar, que é comum ao homem e aos animais inferiores, é outra prova de que todos os animais têm alma. O sono não é a extinção, mas uma suspensão de algumas das faculdades que se estendem ao corpo. A alma continua sua atividade e, quando o corpo acorda, os dois continuam como antes a agir juntos.

A morte é chamada de adormecer, o que é uma ilustração apropriada, pois, em ambos os casos, não é o fim da vida. Durante o sono, todas as faculdades da alma podem estar em exercício. O corpo pode ouvir, ver, andar, emitir sons e realizar os vários ofícios da vida. “Ao sonhar, os músculos voluntários são, às vezes, acionados, e o sonhador se move, geme ou chora”. Frequentemente, testemunhamos esse fenômeno de sonhar em cães, gatos e outros animais.

A alma, enquanto destituída do controle do corpo, é frequentemente dominada por um caos de ideias, avançando uma sobre a outra com tanta rapidez que as transações das eras se aglomeram em momentos, e todos os tipos de fantasias intelectuais possíveis e impossíveis se unem. .

Problemas matemáticos difíceis foram resolvidos por um sonhador que não podia ser feito enquanto estava acordado. Um sonhador pode ter uma controvérsia prolongada com alguém e reconhecer os argumentos usados por seu oponente.

Acredito que muitos indivíduos têm consciência de pensamentos brilhantes que tornariam seu nome tão memorável quanto o de Homer ou Milton, se ele pudesse personificá-los e expressá-los nas horas de vigília.

Uma criança ri e arrulha enquanto dorme, e nos dizem que está sendo entretida pelos anjos, o que provavelmente é verdade. Mas tenho observado as mesmas manifestações nos rostos de gatinhos filhotes, e outros animais, e devo atribuir os mesmos fenômenos da alma em um caso como no outro, que oferece uma base sólida para a afirmação de que os animais inferiores possuem um sentido interior análogo à faculdade do homem.

Parece ser um fato bem estabelecido que a mente ou a alma nunca existe e nunca pode existir sem pensar. Portanto, enquanto dorme, a mente tem ideias de memória, ideias de consciência, ideias de imaginação e ideias de raciocínio, que são algumas das faculdades mais importantes da alma, e se manifestam no sonho com tanta proeminência em animais quanto no homem. Ao sonhar, a força vital é independente da matéria e, conseqüentemente, mostra que ela procede da faculdade da alma.

Há outro estado do corpo que tem uma semelhança próxima com o sonho, chamado devaneio, no qual a mente está tão absorvida em alguma linha de pensamento específica que a pessoa não se dá conta de tudo o mais. A atenção pode ser tão completamente fixada em um objeto que há uma insensibilidade a todas as outras impressões relacionadas a ele, embora tudo o que ele carrega possa estar à vista. Em outras palavras, sua mente pode estar envolvida em uma coisa e seu corpo em outra. Você pode estar tão intensamente envolvido na música de um instrumento específico, de uma orquestra, que não pode reconhecer o som de nenhum outro instrumento.

É um fato demonstrado que todas as partes do sistema animal podem dormir com segurança ou tornar-se ineficazes, exceto a alma e os órgãos vitais.

A natureza estabeleceu uma lei que, assim que as funções vitais ou involuntárias são interrompidas, a vida cessa; a alma deserta o corpo, as leis da química, até então sujeitas a um controle superior, afirmam sua autoridade; e o todo visível do sistema é vítima de corrupção e ruína. Mas a alma não sofre com o corpo, na destruição para a qual está se voltando, mas encontra este último não mais uma residência adequada para ele e não mais capaz de realizar seu propósito, volta para Deus que o deu.

Por outro lado, argumenta-se que a alma é imaterial e é superior ao organismo físico, pelo fato de uma pessoa que está morrendo de velhice manter as faculdades mentais até o último suspiro. Frequentemente, vemos os mais impressionantes poderes da mente, o mais claro discernimento e julgamento habitando um corpo miserável, fraco e deteriorado. Agora, se esse argumento prova alguma coisa sobre a imortalidade do homem, prova tanto sobre os animais inferiores que retêm suas faculdades mentais até o último momento quando morrem de lesão, doença ou velhice.

Muitas vezes acontece na abordagem da morte, quando o corpo realmente começa a decair, que a alma é perfeita em todas as suas concepções e, muitas vezes, ultrapassa seus maiores poderes quando está em saúde.

Os fisiologistas vêm realizando experiências desnecessárias e cruéis com homens e animais nos últimos dois ou três séculos para satisfazer suas curiosidades mórbidas. Eles dissecaram todas as partes do corpo que podem ser dissecadas enquanto viviam, e todas as partes do corpo após a morte que não podiam ser feitas antes. Eles causaram todo tipo de tormento concebível que a natureza diabólica de um homem pudesse inventar. Eles rastrearam todos os nervos, artérias, músculos, fibras e vasos. Eles torturaram até a morte mutilando, cortando, queimando, pendurando e se afogando por um processo gradual; assaram, congelaram, ferveram e esfolaram os pobres animais enquanto estavam em plena posse das faculdades de suas almas. Eles desnudaram os nervos e depois os queimaram com correntes de eletricidade, que é a tortura mais angustiante que se pode imaginar. Tudo isso foi feito para aprender algo dos fenômenos da vida, e qual tem sido o resultado? Eles se tornaram tão acostumados à anatomia material que imaginam que algo não existe, a menos que possam mostrá-lo na ponta da lanceta ou do bisturi. Agora, um materialista pode mostrar uma ideia sobre o ponto de sua lanceta? Ou ele pode mostrar um pensamento sobre o ponto do bisturi? Ao medir as várias partes do corpo, ele pode medir uma polegada de amor, um pé de raiva ou um quintal de ciúmes? Ele pode localizar, naquele pedaço de carne inocente e sangrento diante dele, na forma de um cachorro, onde aquele amor verdadeiro e eterno que ele tem pelo dono é para ser encontrado?

Ficamos felizes em saber, no entanto, que a grande maioria de nossos melhores fisiologistas não é vivisseccionista nem materialista, mas acredita que existe uma agência controladora ou princípio vital distinto da organização do corpo e não é culpado de experimentar o sofrimento de qualquer ser vivo.

O Dr. J. L. Brachet, um fisiologista cruel de Paris, relaciona-se com um certo orgulho e prazer, algumas das suas experiências com animais, que ele define como “demonstrações na ciência fisiológica”. Ele fala de como atormentou um cachorro, furando-o com agulhas colocadas na ponta de uma vara e, ao mesmo tempo, repreendendo-o e gritando para despertar sua raiva. Ele se retirava por um curto período de tempo

e depois voltava e repetia o experimento até que, como ele diz, “o animal ficou furioso sempre que me viu, então eu apaguei seus olhos. Eu poderia então aparecer diante dele sem a manifestação de qualquer aversão. Falei e imediatamente sua raiva foi renovada. Depois, desorganizei o ouvido interno o máximo que pude e quando uma inflamação intensa o deixou surdo, fui para o lado, falei em voz alta e até a acariciei sem que ele se enfurecesse”.

Agora, essa “demonstração em ciências fisiológicas” pode ser feita para demonstrar vários fatos importantes não pretendidos por Brachet. Em primeiro lugar, sem dúvida, o cachorro era, até aquele momento, tão gentil e carinhoso quanto uma criança. Era o animal de estimação de uma família amável e o companheiro amoroso e confiante de uma criança dedicada, mas foi pego fora de casa e, infelizmente, caiu nas mãos de um monstro desumano. Como Brachet começou a torturar o pobre e inocente animal, permaneceu pacientemente o máximo que pôde e começou a mostrar sua desaprovação, o melhor que pôde, expressando objeções em seu próprio idioma contra esse tratamento. Isso não era nada além de resultar em um ser humano em circunstâncias semelhantes. “O animal ficou furioso quando me viu”, diz Brachet. E porque não? Um animal gentil, afetuoso, sensível, traído, repreendido e torturado sem qualquer motivo ou desculpa, por que não deveria reconhecer aquele rosto hediondo e sua voz infernal e “ficar furioso” com sua abordagem? Então diz Brachet: “Eu apaguei seus olhos”. Ele poderia então deslizar para perto dele, mas assim que o pobre cachorro ouviu sua voz “sua raiva foi despertada”. É fácil ver a razão, durante todo o experimento, por que o cão ficou angustiado e gritou com um protesto em sua presença. Foi torturado desde o começo sem oferecer nenhuma gentileza. Brachet novamente agarrou e amarrou o cachorro, enfiou um instrumento de ferro nos dois ouvidos e o deixou surdo. Ele então se aproximou e gritou, mas não fez nenhuma demonstração. Que maravilhosa “demonstração em ciência fisiológica”, que um homem deveria gritar para um pobre animal cego e surdo sem atrair sua atenção. Mas a parte mais triste do experimento ainda está por vir. Até o momento em que ele apagou os olhos e destruiu a audição, ele nunca lhe ofereceu nenhuma gentileza,

mas após esse trabalho cruel, ele diz que “o acariciou sem que ele se enfurecesse”. Agora basta pensar por um momento na ação daquele cachorro na primeira oferta de bondade, através de toda essa intensa agonia. Havia uma natureza carinhosa e perdoadora naquele cão pobre, sangrando, cego e surdo, que parece mais a natureza da própria Deidade do que de um animal, pois exhibe uma virtude muito superior à natureza do homem. Depois que aquele demônio encarnado fez todo o seu trabalho sangrento e cruel, o pobre cachorro estava pronto e disposto a fazer amigos e beijar as mãos assassinas que haviam causado sua lenta tortura até a morte. Mas o cachorro e o homem estão mortos há muito tempo e agora vem a pergunta: onde estão suas almas?

Que tipo de justiça, amor e misericórdia daria à alma daquele homem um lar eterno no Céu entre os bons, misericordiosos e puros, e condenaria a alma daquele cão amoroso e perdoador a uma eterna aniquilação? Toda a natureza evita essa injustiça. Há algo na ideia de aniquilação de um ser pobre, indefeso e inocente, tão assustador para a natureza humana que murcha tudo o que é generoso, esperançoso e nobre na natureza do homem. Pensar que quando algum animal pobre sofre todos os abusos e torturas que seus nervos sensíveis podem suportar e, quando a mão gelada da morte força a vida em dificuldades, se perde na tumba mais sombria da aniquilação, congelaria o coração de um ser humano sensível e espalharia sobre sua natureza a tristeza mais *profunda* que se possa imaginar.

Todo tipo de ser, assim como o homem, foi criado para a glória de Deus. Infelizmente, então, deve haver tantas cenas comoventes espalhadas diante de nós, cenas tão terríveis que a imaginação mais viva não pode retratá-las nem a língua mais talentosa as descreve. Tudo no grande Cosmos foi criado e projetado para algum propósito especial, caso contrário, impugnamos a onisciência e onipotência de Deus. Desejo esclarecer o fato incontestável, pelo que vemos e sabemos dos fenômenos da natureza, de que nada é baixo, nada é pequeno, nada é indigno, na visão do grande Criador e Pai comum do Universo; que nada está além do alcance de Sua benevolência ou da sombra de Sua proteção.

Deus igualmente fornece os desejos e ministros para o gozo de todo ser vivo; eles encontram comida nas rochas e nas áreas selvagens, nas entranhas da terra e nas profundezas dos mares.

A Sua é a sabedoria de que, para diferentes tipos e maneiras diferentes, adaptou diferentes hábitos e modos de ser, e dotou cada um de uma inteligência suficiente para a existência. A matéria inanimada que forma o universo exhibe desígnio e propósito que deve seguir as formas animadas ou superiores da criação que têm um propósito mais alto e mais nobre sobre a mesma. Quando olhamos para o céu, enquanto a esfera do dia está dourando todo o horizonte, descobrimos imediatamente que o Pai do Universo o projetou para difundir luz e calor; quando olhamos para as colinas e as montanhas, pensamos que elas foram colocadas ali para atrair as nuvens úmidas que flutuam na atmosfera, para que os fluxos fertilizantes possam descer sobre a terra; quando olhamos para a grande extensão de estrelas, cada uma das quais é um sol cercado por mundos, pensamos na provisão futura que o Criador Onisciente fez para animais pobres e sofredores. Em suma, quando voltamos nossa atenção para as várias partes da criação, devemos reconhecer que todos são estruturados para um propósito pelo Criador.

Não podemos supor que os animais inferiores, os mais justos e nobres de toda a criação de Deus, exceto o homem, com corpos e poderes capazes de se desenvolver e possuidores de afetos e gratificações mais duráveis e fiéis que o homem, não tenham alma. No poderoso plano da mente infinita, um objeto superior ao material inanimado designado recebeu animais e acreditamos que Deus em Sua sabedoria e justiça fizeram habitar dentro de todo ser vivo uma alma cuja duração da existência nenhum limite possa ser atribuído. Tudo o que aprendi sobre o Criador me leva a acreditar que deve ter havido outro objeto em vista quando Ele criou animais. Ele não pretendia que eles passassem por este mundo em tristeza e sofrimento com o fim na destruição e aniquilação. *Se assim não fosse* poderia se dizer que Deus criou todas as coisas e depois deu uma eternidade aos céus, terra e ao homem, mas deixou os animais inferiores sozinhos *a parte* de toda a Sua criação para serem aniquilados.

Veja o passarinho, que sacode sua bela plumagem; abre suas asas; voa alegremente no ar, e flutua no céu azul acima de nós, e canta seu doce cântico de louvor a Deus que o fez. Há graça requintada na forma daquele precioso corpinho; há sabedoria suprema exibida em sua estrutura e plumagem; benevolência consumada manifestada em sua inteligência e felicidade, e a canção melodiosa que canta foi ensinada pelo Grande Mestre de todas as coisas. Sim, a natureza nos diz que existe um Criador que não aniquilará Suas criaturas. Vemos Deus em tudo ao nosso redor. Na lua, descobrimos Sua pureza; no sol Sua glória; na abundância do outono, Sua benevolência; no clarão do relâmpago, Seu poder; e em suas longas relações pacientes com o homem, Seu infinito amor.

Devemos pensar o contrário de Sua justiça? Por seis mil anos, toda a criação está gemendo e trabalhando juntos em dor e tristeza.

Quando procuraremos o dia da libertação dos animais que sofrem, que formam a maior parte da criação? Pensamos que está próximo o tempo “em que o deserto se tornará um belo campo, e o campo frutífero será considerado uma floresta e o espírito do Senhor será derramado sobre eles” [Isaiás 32:15-17]. Para os animais que estão na escuridão e que sofrem *aguardando* um dia melhor, está amanhecendo.

A manhã já está começando a aparecer nas montanhas. A voz, não de uma, mas de areias é ouvida no deserto dizendo: “preparai o caminho”. Em toda a história dos caminhos de Deus, não podemos encontrar um único exemplo de Sua falha em fazer justiça - não a partir da hora da transgressão de Adão e Eva - não do dilúvio - nem da promulgação da lei do Monte Sinai, quando os trovões e relâmpagos deram terríveis demonstrações de Sua autoridade - não desde a entrada de Israel na terra prometida - nem do terrível período em que a economia judaica foi varrida e a nação destruída - e não da agonia na cruz quando a toda a criação foi prometida a vida eterna.

A justiça aos animais virá. Deus não se deleita com o sofrimento de Suas criaturas, mas Sua justiça deve ser justificada, e assim é que a misericórdia do evangelho se mistura com a letra da lei.

Seu deleite está na felicidade daquela natureza eterna que Ele mesmo formou, e, exceto pelo prejuízo desses altos atributos morais, Ele

sempre se alegra em espalhar os frutos de Sua benevolência sobre a família grata e regozijadora de Sua criação.

XIII

Infelicidade dos animais

- Eles possuem um senso moral -

Alguns animais foram companheiros do homem desde o início da criação e o seguirão até seu destino final - o homem e os animais inferiores serão restaurados em um novo Jardim do Éden.

Os animais são suscetíveis à infelicidade, assim como o homem, e como é um dos principais argumentos da teologia que deve haver um futuro para o homem, a fim de que ele seja recompensado pelas misérias desta vida, devemos raciocinar o mesmo em relação aos animais.

Os animais têm suas horas sombrias de angústia e, silenciosa e pacientemente, sofrem muitas tristezas, tanto mental quanto fisicamente. Sofrem de doenças, ferimentos, abusos, vários desejos e todo tipo de crueldade infligida a eles pelo homem. Eles finalmente definham e morrem em agonia, assim como os seres que estão acima deles.

E, no entanto, por tudo isso, somos informados por alguns que eles não têm parte em uma vida futura. Se for esse o caso, devemos concluir que eles foram criados em uma hora má e em um momento fatal; pois parece que o princípio da sensibilidade, em um mundo onde o mal predomina, é um enorme infortúnio e um dom não gracioso, desde que as criaturas dotadas dele não tenham interesse nos benefícios de uma vida melhor.

Trazer um ser a um estado de felicidade não selecionado, em qualquer grau, não pode ser prejudicial a ele; ou em um estado de

felicidade não selecionado, desde que a felicidade desequilibre o contrário, e a parte infeliz ou sofredora não seja maior do que o ser preferiria para obter a felicidade em vez de perdê-la.

Tampouco pode ser criado algum mal ao produzir um ser sujeito a mais miséria do que felicidade, se esse ser tiver em seu próprio poder evitar a miséria, ou a maior parte dela que possa deixar o restante da miséria não maior do que aquilo que preferiria sustentar do que perder a proporção de felicidade. O único caso, então, pelo qual o erro pode ser feito na produção de qualquer ser, é onde ele é necessário e inevitavelmente tornado infeliz sem qualquer recompensa ou equilíbrio dessa miséria; e tal caso é tão grave, tão inconcebível para toda razão, que o coração de um homem racional e ponderado pode escassamente suportar o pensamento a respeito.

Agora, sabemos muito bem que existem milhões de seres cuja dor e sofrimento superam largamente todo o seu prazer e que não foram capazes, nem por sua inocência, seus apelos e gritos, nem por qualquer poder neles para escapar de seu triste destino.

Então, como podemos absolver a justiça e a razoabilidade de um Criador de quem essas pobres criaturas dependem, e quem lhes deixa esses grandes perdedores por sua existência, se não houver um estado futuro onde as devidas reparações possam ser feitas? É razoável supor que o homem cujas mãos estão todas manchadas com sangue e torturas cruéis de alguma criatura inocente e indefesa e cujo a vida foi cheia de abundância e grandeza; na morte, será levado aos céus e admitido a uma eterna felicidade, enquanto a pobre vítima de sua tortura será apagada da existência? Supor tal caso é supor tal constituição da natureza, como nunca pode resultar de um princípio de razão e justiça.

Que o homem e os animais inferiores têm um destino comum que acreditamos será estabelecido por fatos históricos. Eles são classificados juntos em toda a Bíblia, desde Gênesis até o Apocalipse.

Animais inferiores sofreram com o homem na Queda. Eles pereceram com ele em dilúvios, em conflagrações, em fomes, em pestilência, em destruição de guerras e têm sido seu companheiro constante desde o dia da criação todos eles. Ao assistirem o homem durante toda a sua história, também o assistirão em sua libertação final

e serão restaurados quando ele for restaurado, e terão um lugar nessas regiões felizes, onde a natureza reassumirá o esplendor e a elegância da beleza primitiva, no novo mundo que Deus preparou para todas as Suas criaturas.

Os atributos de Deus indicam uma continuação dessa poderosa cadeia de seres vivos, que é a admiração de todas as mentes contemplativas. E não deve haver um enorme abismo e um vasto defeito no grande Cosmos, se toda a natureza deve ser radicalmente destruída abaixo do homem? Não deve haver, nesta hipótese, uma miríade de criaturas para testemunhar a excelência do Criador? O que pode exibir a perfeição da vida infinita, mais a comunicação de todos os graus possíveis dela; de bondade infinita, mais o dom de todo grau possível de felicidade; e de poder infinito, mais todas as variedades possíveis de seres que podem ser concebidas ou imaginadas?

Agora, não podemos olhar de maneira alguma sem encontrar os exemplos da grandeza da Deidade; e haverá menos testemunhos de Sua perfeição em um mundo melhor? Se algo é certo, é que a perfeição de Deus nunca será menos visível em Suas obras no futuro do que atualmente.

Embora os males deste mundo sejam divididos de maneira muito desigual, ainda temos o pensamento consolador de que, em meio a todas as calamidades e misérias com as quais estamos cercados, pode haver uma brilhante esperança de um mundo melhor, onde toda a dor seja excluída e as almas de todas as criaturas inocentes de Deus estarão em um estado de paz e felicidades perpétuas. Essa é, sem dúvida, a visão mais consistente que qualquer sistema de teologia pode oferecer para a triste desordem cósmica da criação, e o único sistema que pode compensar o sofrimento dos inocentes e dar ao Criador os atributos de justiça e misericórdia.

Desejo expressar claramente minhas convicções sobre esse assunto. Eu acredito, com o grande professor, São Paulo, que “a salvação é aperfeiçoada através do sofrimento” [Hebreus 5:9]. A bondade comunicativa de Deus é sempre a mesma e, como Sua benevolência é eterna, Ele continuará a transmitir Suas bênçãos além do período fugaz do tempo presente, depois de eras para sempre. Os caminhos e obras

da Divina Providência não são todos claramente revelados, e ainda assim, uma contemplação deles, embora agora estejam envoltos em nuvens e trevas, é a fonte de muito prazer e fornece muitos argumentos nobres para louvor e reverência.

Se esse é o caso agora na contemplação das obras da criação, como serão revelados todos os segredos da natureza, quando toda criatura que Deus criou se tornar uma destinatária de bênçãos, como fizeram no dia de sua criação?

Na inocência primitiva,
quando o homem, animais e pássaros, sim, todas as criaturas,
não amaldiçoam a triste Queda do homem.
Em coro, vozes se levantam,
Para cantar os louvores de seus amados Criadores”.

O fato de os animais terem um senso moral foi provado de tantas maneiras diferentes que não há mais dúvida. Alguns animais podem não atingir o ponto alto dos requisitos da teologia moderna, mas reconhecem um senso de certo e errado. Quando comparamos esse intenso amor altruísta e a orientação que um cão mostrará a seu dono, e com que confiança ele o considera um ser superior ao da adoração de um ídolo *estilo* Hotentote, vemos uma religião no cão que se aproxima mais da religião cristã do que a do selvagem [Hotentote]. O cão adora um ser vivo e inteligente, possuidor de uma alma, enquanto o selvagem adora objetos sem vida ou sensação, como madeira ou pedra. Assim, quando comparamos o senso moral dos animais mais inteligentes e gentis, como o cavalo, cachorro, elefante e outros de boa disposição, com os tipos baixos e degradados de homem, não há dúvida de que os animais inferiores praticam uma forma superior de religião. Muitas vezes vemos animais inferiores chegando a uma grandeza maior que o homem. “Ame seus inimigos” foi uma das mais

Nota do tradutor:

* Hotentotes é o termo pelo qual os colonizadores europeus chamaram alguns povos selvagens da África.

belas lições ensinadas por Cristo, e ainda assim a vemos praticada nos animais inferiores, em uma extensão nunca tentada pelo homem.

Os pássaros louvam a Deus quando “cantam entre os galhos”. E como diz São Francisco:

“Não há degradação na dignidade da natureza humana em reivindicar parentesco com criaturas tão bonitas, tão maravilhosas, que louvam a Deus na floresta, assim como os anjos O louvam no céu”.

Existem animais que antes morriam de fome que furtavam ou roubavam sob as maiores tentações; existem invariavelmente fiéis a seus apegos, que mostram afeto e professam amizade que nada além da própria morte pode dissolver.

Os animais não podiam ser domesticados sem consciência para direcioná-los em questões de certo e errado. Sem ela, um cão não poderia ser verdadeiro, fiel e responsável por seus atos. Um cão costuma resistir ao abuso de uma pessoa adulta que ele permitiria em uma criança sem qualquer tentativa de se proteger.

Um cavalo permitirá que uma criança rasteje embaixo dele e se agarre às pernas sem fazer nenhum esforço para desalojar ou machucar a criança. O enorme elefante por tratamento gentil torna-se tão gentil e fiel ao homem que restringe sua grande força, deixa-se guiar por uma criança e se afasta para protegê-la. A simpatia e o amor dos animais mostram um sentido moral. Eles se defenderão contra um inimigo. Sabe-se que os pássaros alimentam cegos, indefesos, feridos e órfãos. É lamentável ver uma pobre mãe gata passar fome a si mesma para alimentar seus bebês. Mas mesmo que os animais não tenham conhecimento do certo ou do errado, isso não muda suas chances de imortalidade, assim como o caso de uma criança, um deficiente mental ou pagão.

Nem o homem nem os animais inferiores são imortais por qualquer escolha ou conhecimento que possam ter sobre o assunto. É um presente direto do Criador para Suas criaturas, e a mentira não pode dar a um sem dar a todos, a menos que Ele seja parcial em Sua

beneficência. É certo que a vida futura dos animais não pode ser absolutamente negada sem o impeachment dos atributos de Deus. Reflete sobre Sua bondade supor que Ele tenha dado aos animais seu sistema nervoso sensível; capacidades intelectuais de amor, devoção e felicidade e, em seguida, submetê-los à dor e à tristeza sem recompensa. Reflete com base na Sua sabedoria de que Ele os deveria formar por um período miserável de um momento, sem deixar a Si mesmo o poder de prolongar sua existência ou melhorar sua condição. Isso reflete em Seu amor, que Ele os exponha aos horríveis males da natureza e ao tratamento cruel dos seres superiores, que uma disposição carinhosa estaria preocupada em remediar ou impedir. Reflete sobre Sua justiça, supor que Ele destruiria sem recompensa, criaturas que Ele havia trazido a um estado de infelicidade e capacitando-as para a felicidade eterna. Todas essas condições refletiriam sobre os atributos de Deus, se Ele não colocasse todas as Suas criaturas sob a mesma lei imutável da imortalidade.

Mas é consistente acreditar que Deus criou esse poderoso quadro de coisas, em Seu grande Cosmos, a fim de difundir Sua bondade e mostrar Sua glória. Ele conferiu vida e sensibilidade a uma variedade infinita de criaturas, com vistas à felicidade delas, e deu existência a toda incrível diversidade de formas do universo, em ordenar que Seu poder e sabedoria sejam conhecidos e estabeleceu a restituição de todas as criaturas à paz e felicidade primordiais, a fim de que Seu amor e justiça se manifestem por toda a criação. Não obstante a diversidade da criação entre homens e animais inferiores, todos terão lugares no mundo futuro que sejam mais adequados às suas respectivas naturezas e capacidades. Suas capacidades serão ampliadas *muitas vezes mais*, a fim de igualar as diferenças nesta vida. Os fracos e subdesenvolvidos serão iguais aos maiores e todos avançarão juntos em um grau uniforme para um estado mais alto de perfeição.

No homem, existe uma natureza não desenvolvida, e não importa quão grande seja sua realização, ainda existem capacidades para uma maior realização. Seu desenvolvimento completo é reservado para um estado futuro. Como cerca de um quarto da raça humana morre na infância, seus poderes devem ser desenvolvidos no estado futuro se

eles se tornarem seres racionais. Se a mente adormecida de um selvagem ou deficiente mental se tornar suficientemente desenvolvida para gozar de uma existência futura, deve passar por um crescimento espiritual na vida futura.

Portanto, é razoável concluir que todos os seres estão em uma condição embrionária e requerem outra vida para completar sua existência permanente. O fato de os animais inferiores terem capacidades subdesenvolvidas e incompletas não exige argumentos, e que suas vidas são meramente embrionárias e que esse início germinativo será desenvolvido em um estado futuro é tão verdadeiro quanto as capacidades de uma criança, um deficiente mental ou um pagão *que terão* um crescimento espiritual *também* no estado futuro. Como não há desperdício na natureza e todos os seres são dotados de certas habilidades e capacidades para a vida e a felicidade, se por alguma causa tal dom não puder ser realizado *agora*, deve haver um estado futuro para que possam ser plenamente desenvolvidos e desfrutados.

É evidente que Deus pretendia conferir a todas as Suas criaturas um grau uniforme de felicidade quando lhes deu vida e sensibilidade e as declarou todas “muito boas”.

XIV

Morada futura de animais

- Uma pluralidade de mundos -

Um novo céu e uma nova terra - deve ser um lugar e uma região - Muitos mundos à espera para serem habitados por pobres animais caídos – há moradas para todos.

Tomando como certo que os animais têm almas imortais e compartilham com o homem uma vida futura, surge naturalmente a questão: onde deve ser sua morada eterna? Existem alguns assuntos sobre os quais somos obrigados a exercer fé em conexão com as evidências. Tais são os assuntos de tempo, imensidão, espaço, pura inteligência incorpórea, infinito, matéria criada do nada, inúmeros sistemas de mundos, inúmeras ordens de seres e uma vida futura.

Pode haver causas primárias, como elas nos parecem, os efeitos de outras causas que são invisíveis. Às vezes sabemos que tal coisa terá esse efeito ou que esse efeito é produzido por uma causa, mas da maneira que podemos não saber.

As inúmeras instâncias de coisas que parecem criadas com referência a certos fins, e coisas que são propagadas e repetidas pelos mesmos métodos constantes, são suficientes para nos convencer de que existem fins propostos e regras observadas, que não vemos nem compreendemos.

A Bíblia descreve claramente um lugar real para o lar eterno de todas as Suas criaturas, e muitas vezes me pergunto por que as pessoas se esforçam tanto para tornar o céu tão etéreo e místico, quando os escritores inspirados fizeram um grande esforço para deixar claro que

é material sua natureza. A Bíblia nos diz que é uma expansão sólida, sobre a qual repousa o trono de Deus sustentado pelas montanhas como seus pilares; o que torna claro que existe um lugar ou mundo real além do firmamento estrelado onde toda a vida deve ser continuada.

A Bíblia ensina que deve haver uma ressurreição geral de todos os corpos e que os corpos e as almas serão novamente unidos para viverem eternamente juntos na eternidade, e isso não poderia ser o caso sem algum paraíso natural e material ou o Jardim do Éden original para sua morada. Não podemos conceber corpos existentes, exceto dentro de limites definidos e circunscritos, pois eles devem necessariamente ocupar uma porção definida e limitada de espaço.

Enoque e Elias entraram no mundo celestial, tanto na alma quanto no corpo. Jó diz que depois que seu corpo for destruído, “em minha carne verei a Deus” [Jó 19:26]. A natureza exterior da humanidade de Cristo deve estar localizada em alguma parte específica de um mundo visível e tangível. Quão sinceramente São Paulo, durante seu sofrimento, anseia por “partir e estar com Cristo, o que é muito melhor” [Filipenses 1:23].

Não sabemos em que parte do vasto universo o trono de Deus é construído e o templo eterno permanece, mas que é um lugar e não um estado em que as Escrituras nos levam a acreditar. É descrito como um “país melhor”, livre de todo mal, tanto da alma quanto do corpo. Cristo diz a Seus seguidores “na casa de Meu Pai há muitas mansões; se não fosse então, eu teria lhe contado. Eu vou preparar um lugar para vocês” [João 14:2]. São Paulo diz: “Mas a Jerusalém que é de cima é livre; a qual é mãe de todos nós” [Gálatas 4:26].

É representada como a “cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial”, “Monte Sião”, “a alegria de toda a terra” [Hebreus 12:22; Salmos 48]. São Paulo fala de Abraão peregrinando “na terra da promessa, como em um país estranho, morando em tabernáculos com Isaque e Jacó, os herdeiros da mesma promessa, pois procurou uma cidade que tem fundamentos, cujo construtor e criador é Deus” [Hebreus 11:10], e mais adiante ele diz: “Pois não temos na terra nenhuma cidade permanente, mas buscamos a que há de vir” [Hebreus 13:14].

No livro do Apocalipse, São João faz uma descrição minuciosa de um Céu material e diz: “Os fundamentos do muro da cidade foram enfeitados com todo tipo de pedras preciosas... E os doze portões eram de pérola; e as ruas da cidade eram de ouro puro... e tinha um rio puro de água da vida, claro como cristal... e em ambos os lados do rio havia doze tipos de frutas” [Apocalipse 21]. São Pedro diz: “Buscamos um novo céu e uma nova terra onde habita a justiça” [2ª Pedro 3:13]. São Paulo, ao falar dos salvos, diz:

“Mas agora desejam uma melhor, isto é, a celestial. Por isso também Deus não se envergonha deles, de se chamar seu Deus, porque já lhes preparou uma cidade”.

[Hebreus 11:16]

Portanto, é razoável concluir que Deus preparou um “lugar” e um “país” para a futura morada de todas as Suas criaturas.

Se o homem e os animais inferiores ocuparão o mesmo lugar, não entra na questão da imortalidade dos animais inferiores, pois esse assunto é do Criador, e não do homem. Mas a Bíblia nos ensina que os animais foram criados muito antes do homem, e desde a criação do homem eles foram inseparáveis desde o primeiro dia de sua criação ao futuro mítico mencionado por São João, quando ele viu no céu “muitos anjos ao redor do trono, e dos animais, e dos anciãos; e era o número deles milhões de milhões, e milhares de milhares” [Apocalipse 5:11].

A palavra terra significa nosso próprio mundo, o planeta em que habitamos e o espaço ao redor *significa* céus. A Bíblia nos diz que há três céus, o primeiro, o segundo e o terceiro. O primeiro é o céu atmosférico, ou a extensão; o segundo são os céus astronômicos, compreendendo estrelas e planetas; e o terceiro é o céu mais alto, o trono de Deus e o lar da hierarquia celestial e toda a vida espiritual, pois “O SENHOR tem estabelecido o seu trono nos céus, e o seu reino domina sobre tudo” [Salmo 103:19].

É evidente que o Criador usou uma gradação uniforme em todas as coisas visíveis para nós, e devemos concluir que ela se estende além da

nossa visão. A existência de um efeito infere diretamente uma causa. Toda consequência justa se baseia em alguma verdade conhecida, em virtude da qual uma coisa pode resultar da outra.

Não implica contradição ou absurdo, pelo que vemos e sabemos, dizer que provavelmente existem muitos seres invisíveis e de natureza superior a nós. Desde que foi provado por filósofos que todos os movimentos corporais procedem originalmente de algo incorpóreo, deve ser tão certo que existem substâncias incorpóreas, como há movimento.

Portanto, pode haver acima de nós seres de maior poder, intelectos mais perfeitos e capazes de coisas mais maravilhosas, que ainda podem ter veículos corporais como nós, mas mais refinados e invisíveis. O grande sistema complexo de nossos planetas, satélites e cometas terrestres, que giram em torno do sol, é apenas uma porção infinitesimal das miríades de sistemas semelhantes, compostos da mesma substância e regulados pelas mesmas leis que o Criador Onisciente fez para algum propósito. Ao olhar para cima em uma noite clara e contemplar o céu brilhante com uma galáxia tão gloriosa de estrelas, como poucos percebem que essas estrelas brilhantes são sóis quais são os centros dos sistemas solares dos mundos; satélites e cometas como o nosso sistema, varrendo majestosamente o espaço, todos criados e controlados pelas leis onipotentes de Deus.

Ao vermos essa grande extensão dos céus e estender nossa visão o máximo que pudermos com nossos olhos naturais, sabemos que ainda há mundos além, pois chamamos o mais poderoso telescópio para nossa ajuda, e, proporcionalmente ao seu poder, vemos mais miríades, até que nos resignamos à imaginação e, na confusão de nossos pensamentos e na fraqueza de nossa linguagem, falamos do espaço como preenchido e da matéria como infinita. .

Nossa concepção do número de estrelas é maravilhosamente aumentada pela consideração de que cada estrela fixa é um sol como nossa própria orbe gloriosa e cada uma é o centro de um sistema em torno do qual outros mundos giram. Em vez de apenas um sol e um mundo no universo, a ciência da astronomia nos descobriu sóis sobre sóis, sistemas sobre sistemas e mundos sobre mundos, dispersos pelo

espaço sem limites, e que nosso mundo não *se* perderia mais do que uma gota de água do oceano em meio a incontáveis milhões *de mundos* rolando no espaço etéreo.

Os astrônomos classificam as estrelas chamando as mais conspícuas de “de primeira magnitude”. Mas poucas pessoas podem ver estrelas menores que a quinta magnitude. O telescópio comum mostra estrelas fracas até a décima, enquanto os instrumentos mais poderosos revelam aquelas tão baixos quanto o vigésima.

O mesmo processo aumentado em poder demonstraria isso ainda além da visão do homem, e o telescópio mais poderoso são miríades de estrelas preenchendo o propósito para o qual Deus as criou. Mas vamos notar nosso próprio sistema solar mais minuciosamente. Temos sete planetas grandes, ou mundos, ao lado da Terra, e cerca de duzentos e trinta e cinco menores e vinte luas pertencentes ao nosso sistema. Cada planeta é um mundo em comum com o nosso e governado pelas mesmas leis.

Eles recebem luz e calor do sol e têm seus satélites ou luas que giram em torno deles. Eles giram em seu eixo e têm seus dias, noites e estações. Eles têm nuvens e umidade e consistem nos constituintes químicos adequados para suportar a vida vegetal e animal. A superfície de alguns deles foi suficientemente examinada pelos astrônomos para revelar colinas, vales, montanhas, rios, lagos e mares. Deus trabalha pelas mesmas leis em toda a Sua criação, e a conclusão é óbvia de que nosso globo é um espécime de todos os corpos de espaço colocados de forma semelhante, no que diz respeito à sua matéria constituinte e às leis físicas e químicas que o regem. Temos mais direito de tirar essas conclusões, porque não há nada de singular ou especial na situação astronômica de nossa Terra que seja diferente de muitos outros planetas.

A partir dessa hipótese, concluímos que, como outros planetas são compostos pelos mesmos elementos e governados pelas mesmas leis em ambientes semelhantes, são capazes de suportar a vida vegetal e animal. Mas não se trata tanto de saber se eles são habitados como se eles podem ser. Negar que eles podem, seria negar a onipotência de Deus. Quando Aquele que fez os céus, o céu dos céus, com todo o seu

exército, a terra e todas as coisas nela deseja mundos mais habitáveis, Ele os criará. Deus tem toda a eternidade para realizar Sua obra e dedica Seu tempo a cada processo: “Porque mil anos são aos teus olhos como o dia de ontem que passou” [Salmos 90:4]. Somos ensinados aqui que o espaço que interveio entre o tempo presente e o período em que o homem e os animais inferiores foram colocados pela primeira vez no globo é apenas uma das unidades de uma vasta série de períodos cronológicos anteriores e que estica para trás no abismo de duração incomensurável. A mesma lei da força e da matéria tem sido usada em todas as épocas passadas, elaborando os grandes planos de arranjos cósmicos, mas o processo tem sido progressivo e avançado.

As descobertas da astronomia moderna nos levam à conclusão de que certas operações progressivas estão avançando, análogas às que parecem ter sido levadas adiante em eras remotas, e muitos planetas parecem estar em estágios de progresso tornando-se mundos habitáveis. O aparecimento de novas estrelas, o desaparecimento de outras que há muito brilhavam nos céus, e a diminuição gradual da luz dos outros e a mudança que parece ocorrer ocasionalmente na superfície do sol e os vários planetas, juntamente com outros fenômenos celestes, são indicações do progresso em direção à preparação de um “novo” céu e nova terra. É razoável supor que esses mundos maiores que o nosso tenham existido para outro propósito senão ocupar um espaço inútil? Que sejam colocados no céu apenas para adornar e adular um dossel sobre nossas cabeças para meros fins ornamentais? Seria uma conclusão razoável da bondade de Deus, quando a nossa terra está cheia de Suas criaturas, gemendo e sofrendo sob intenso sofrimento, à espera de ser redimido?

O reverendo Dr. Chalmers diz:

“Por que, então, supor que esse pequeno grão, chamado Terra, seja a morada exclusiva da vida e da inteligência? Que razão pensar que aqueles globos mais poderosos que rolam em outras partes da criação, e que descobrimos serem mundos poderosos, também não são mundos em uso e dignidade? Por que deveríamos pensar que o grande arquiteto da natureza, supremo em sabedoria como ele está

no poder, chamaria a existência de mansões dignas e as deixaria desocupadas?”

Certamente não temos o direito moral de diminuir a dignidade do Criador, supondo que Ele não tenha feito uma provisão sábia para o cuidado e a felicidade futura de todas as Suas criaturas.

Cristo diz:

“Ó vós de pouca fé...

Olhai para as aves do céu, que nem semeiam, nem segam, nem ajuntam em celeiros; e vosso Pai celestial as alimenta. Não tendes vós muito mais valor do que elas?”

[Mateus 6:26]

Neemias diz:

“Só tu és Senhor; tu fizeste o céu, o céu dos céus, e todo o seu exército, a terra e tudo quanto nela há, os mares e tudo quanto neles há, e tu os guardas com vida a todos; e o exército dos céus te adora”.

[Neemias 9:6]

Ezequiel diz:

“Eis que todas as almas são minhas...”.

[Ezequiel 18:4]

E Jó conclui:

“Na sua mão está a alma de tudo quanto vive...”.

[Jó 12:10]

Essas passagens, se as palavras significam alguma coisa, são uma prova conclusiva de que Deus se importa por Suas criaturas.

O autor dos elementos materiais também é o autor da estrutura do homem e dos animais inferiores, segundo uma ideia geral e regida pela

mesma lei geral. Então, raciocinamos por analogia de todo o arranjo cósmico do universo.

Quando observamos nossa própria terra com sua grande variedade de montanhas, colinas, vales, planícies, rios, mares, árvores e plantas, e as muitas raças de homens e espécies de animais, devemos concluir que os milhões de outros mundos não são um desperdício árido suspenso no espaço sem um propósito.

Nossa Terra ocupa seu lugar na série de planetas, que é apenas um dos inúmeros de outros sistemas que formam um grupo. Portanto, não podemos supor que exista alguma peculiaridade que não pertence a multidões de outros corpos, de fato, a todos os que são análogos a ele.

Os sólidos, líquidos e fluidos aeriformes do nosso globo são redutíveis em cerca de sessenta substâncias conhecidas na química como elementos. A ciência demonstrou completamente o fato de que Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter, Saturno, Urano e Netuno são compostos de substâncias semelhantes à nossa terra, que é uma em comum com as outras.

Eles têm uma semelhança com a nossa terra de várias maneiras. Podemos saber de que sua superfície se eleva em desigualdades, que incha nas montanhas e se estende em vales. De outro, é cercado por uma atmosfera que pode suportar a respiração dos animais. De um terço, essas nuvens são formadas e suspensas sobre ele, o que pode ministrar a ele toda a floração e luxo da vegetação. E uma quarta: a cor branca se espalha por suas regiões do norte, à medida que o inverno avança e que, na aproximação do verão, sua brancura é dissipada, comprovando que há chuvas, neve, calor, frio e estações adequadas para vegetais e vida animal.

Herschel diz:

“Quando contemplamos os constituintes do sistema planetário, eles estão presos em uma cadeia, entrelaçados em uma rede de relações mútuas e acordos harmoniosos, sujeitos a uma influência penetrante que se estende do centro dos limites mais distantes daquele grande sistema, do qual todos eles, inclusive a Terra, devem ser considerados membros daqui em diante”.

Newton diz:

“Todos os planetas são compostos da mesma matéria que a terra, como terra, água, pedra etc.”.

O Rev. Dr. William Whewell, um dos maiores filósofos da Inglaterra, em seu último trabalho, ao falar dos satélites, diz:

“Então descobrimos que os pontos brilhantes que vemos espalhados na face do céu com tanta profusão parecem ser da mesma natureza que a Terra, e talvez, como a analogia sugira, ser como a Terra, as habitações dos seres organizados; para que o restante do exército celeste possa, por analogia semelhante, ser conjecturado como o centro da Terra em sistemas similares de mundos rotativos; que a visão do homem viajou adiante em uma extensão nunca antecipada, por meio de uma infinidade de sistemas, e que, enquanto uma infinidade de novos centros se inicia a cada avanço, parece não haver limite”.

Sir David Brewster diz:

“A analogia enfatiza fortemente a ideia de que todos os planetas solares, se não todos os mundos do universo, estão povoados de criaturas não muito diferentes em ser e natureza para os habitantes da terra”.

T. C. Simon, em seu trabalho, “*Scientific Certainties of Planetary Life*” [Certezas científicas da vida planetária], apoia a ideia:

“Essa mera distância dos planetas do sol central não determina a condição de luz e calor, mas que a densidade do meio etéreo entra em grande parte nem por causa do calor deficiente ou excessivo, nem pela densidade dos materiais, nem pela força da gravidade na superfície, existe o menor pretexto para supor que todos os planetas

do nosso sistema não estejam habitada por seres vivos com corpos de animais como a nossa terra”.

Richard A. Proctor, um dos matemáticos e astrônomos mais profundos dessa época, escreveu um livro em que ele dá razões para sua crença em uma pluralidade de mundos com seres vivos. Ao falar de alguns dos planetas, ele diz:

“Mas devemos reconhecer neles tudo o que torna o nosso mundo tão bem adaptado às nossas necessidades, como terra e água, montanhas e vales, nuvens e sol, chuva e neve, rios e lagos, correntes oceânicas e correntes de vento, sem acreditar na existência de formas de vida?”

Eles exibem da maneira mais clara os traços de adaptação às necessidades dos seres vivos, com os quais estamos familiarizados... Os processos estão trabalhando lá fora, no espaço, que parecem totalmente inúteis, um verdadeiro desperdício de energias da natureza, a menos que, como seus correlatos na Terra, eles atendam às necessidades dos seres organizados. Das estrelas, ele diz:

“Vemos que as estrelas são sóis, em torno dos quais giram miríades de mundos; e que os fenômenos naturais, com os quais estamos familiarizados devido ao calor solar, devem ser produzidos nesses mundos pelo calor do seu sol central; e deve existir vida vegetal e animal”.

Robert Chambers, autor de *“Vestiges of Creation”* [Vestígios da Criação], ao falar dos satélites, diz:

“Temos que supor que cada um desses globos é um teatro de seres orgânicos, ou no caminho de se tornar assim. Tal ideia está de acordo com nossa concepção geral da dignidade, para não falar do poder, do Grande Autor”.

Vemos a matéria como originalmente difundida em todo o nosso globo, conseqüentemente presumimos que a matéria esteja em toda parte igual em outros globos. Luz, calor e umidade são agentes universais e mantêm relações marcantes com a vida e as estruturas orgânicas. Vapor ou atmosfera, calor e luz, permeiam por toda parte, assim como carbono, oxigênio, hidrogênio e nitrogênio, que são os elementos da vida vegetal e animal. Agora, se os outros globos têm as mesmas partes constituintes da nossa terra, ou seja, calor, luz e umidade e têm a mesma superfície áspera, não é razoável supor que eles sejam abundantes em colinas e montanhas, vales e planícies, lagos e rios, plantas e árvores, e poderiam ser feitas casas de animais? Por outro lado, se essa é uma hipótese correta e se aplica a mais de um globo, ela pode se aplicar a todos. Se isso se aplica a todos, temos inúmeros milhões de mundos para ser um “lugar” e um “país”, além do cálculo de mentes finitas, para a futura morada de todos os animais.

Quando contemplamos a magnitude dos céus, todo o nosso sistema solar com vários planetas maiores que a nossa terra, observamos prontamente que nosso globo é infinitamente pequeno comparado à imensidão da grande extensão do “céu dos céus”.

Portanto, a questão do espaço não entra na questão da imortalidade dos animais. É verdade que quando paramos para contemplar o poderoso exército que já foi *feito* antes, ficamos surpresos com o número. Dos duzentos e cinquenta e dois bilhões de seres humanos que deveriam ter vivido na terra desde Adão, nunca mais de um bilhão já ouviu falar de Cristo, o que deixaria duzentos e cinquenta e um bilhões na mesma igualdade com os animais inferiores no que diz respeito à religião cristã. Mas não sem esperança. Eles estão nas mãos de Deus com a promessa de que “Cristo deu a Si mesmo um resgate por todos, para ser testemunhado no devido tempo” [1 Timóteo 2:6].

XV

O homem como guardião dos animais inferiores - Dever moral de ser gentil -

A Bíblia ordena a bondade - muitos casos de crueldade - os gritos e gemidos de animais pobres sofredores imploram misericórdia - o homem é responsável por sua triste condição.

Em vista do destino comum do homem e dos animais inferiores, e sua igual sensibilidade à dor, torna-se evidente que o homem, como guardião, tem a obrigação moral de ser gentil e misericordioso com os animais inferiores, bem como com sua própria espécie. Quando o homem se valer do serviço aos animais inferiores, ele deve usar esses métodos na administração deles, de acordo com sua inteligência, sensibilidade e natureza; e não recorrer sozinho à força, compulsão e violência. Se eles deveriam, de vez em quando, demonstrar inquietação e oposição, ou se recusam a fazer o que devem, os homens devem aprender a levar em consideração adequadamente essa obstinação de temperamento, refletindo sobre si mesmos como seres com inclinações próprias e conscientes de que não são dispostos a fazer na licitação de outros.

O homem deve considerar os animais inferiores como estando na mesma condição dependente que os menores sob seu governo, e não colocar em suas mãos para serem atormentados, espancados, cortados, baleados, esfaqueados e mutilados. Para um homem torturar um

animal cuja vida Deus colocou em suas mãos, é uma desgraça para sua espécie. Um homem assim deve ser excluído da sociedade decente.

É lamentável que, no momento em que o mundo possui tantas vantagens superiores, os homens de hoje em dia excedam as gerações anteriores nas realizações da ciência, e quando o próprio céu tenha se interposto para ensinar tantas lições ternas de piedade e compaixão, que sejamos compelidos a testemunhar a crueldade arbitrária praticada e que somos impotentes para impedir.

Todos os dias os animais perecem sob as mãos da barbárie, sem aviso prévio, sem piedade, famintos como se a fome não fosse má, atacados como se não sentissem dor, e se apressavam incessantemente dia após dia, como se não houvesse trabalho excessivo, praga ou cansaço extremo não era um grau de sofrimento.

Embora esteja claro que os animais inferiores têm muitas reivindicações a serem consideradas na grande economia da Divina Providência, e a mesma garantia da imortalidade, ainda que declarada no prefácio, não insisto nisso como um incentivo para que o homem seja gentil e misericordioso para os animais, pois a obrigação permanece a mesma, tenham ou não almas.

Seu status em relação a uma vida futura não aniquila o sofrimento e a dor. Dor é dor; não faz diferença se em um animal, um homem, ou como suportado pelo Filho de Deus. Os moralistas e os materialistas baseiam seu padrão de ética na luz derivada da natureza e da razão, e sob essa mesma base exortamos o tratamento amável dos animais em razão da lei moral universal da justiça e da misericórdia. Ao fazer isso, defendemos a causa dessa classe de seres para a qual a Natureza, embora ela desse capacidade à dor, negou o poder de protestar, à maneira dos homens, contra o sofrimento.

A bondade para com os animais não se limita apenas aos cristãos nem às nações cristãs. O código de ética moral, como ensinado pela primeira vez por Gautama Buda, era igual e, em alguns aspectos, superior ao de qualquer outra religião da época. Esse grande filósofo oriental ensinou gentileza, bondade, paz, harmonia, filantropia, amor e virtude e aversão ao vício, muito antes da era cristã, e foi o primeiro a repudiar e proibir a cerimônia horrível e inútil de sacrifícios de animais.

Mais tarde, sua religião se misturou ao bramanismo e, como resultado, os sacrifícios brâmanes foram abolidos. É um fato triste que, atualmente, essa religião tenha degenerado um pouco seu padrão original. No entanto, ainda é verdade que o ensino religioso nos países orientais está repleto de injunções à ternura e ao tratamento amável dos animais inferiores.

As Escrituras Budistas ensinam que a prática da religião envolve, como primeiro princípio, um coração amoroso e compassivo para todas as criaturas vivas. Por ter pena de toda criatura viva, portanto, é um homem chamado santo. Que o menor ato de caridade, mesmo na classe mais baixa de pessoas, como salvar a vida de um inseto por piedade, que esse ato traga para quem o pratica, conseqüente benefício... Todas as coisas vivas de qualquer espécie provocam compaixão e piedade quando sempre existirá no espírito.

Crua como a religião dos hindus aparece, eles ensinam um código moral de ética para com os animais inferiores, o que tornaria um capítulo adequado nos credos da igreja cristã. A seguir, é apresentado um exemplo da teologia hindu:

“Aquele que machuca animais que não são prejudiciais, pelo desejo de se dar prazer, não acrescenta nada à sua própria felicidade, viva ou morta; enquanto aquele que não dá a nenhuma criatura de boa vontade a dor do confinamento ou a morte, mas busca o bem de todos os seres sencientes, goza de felicidade sem fim”.

O homem não ocupa a posição mais alta na criação de Deus e pode reivindicar apenas uma parte de Sua atenção. A distância entre o homem e os animais inferiores é apenas um intervalo, em comparação com a diferença entre o homem e a criação celestial.

O homem faz parte apenas do reino animal, e o Salvador ordenou que ele fosse misericordioso com toda a criação, assim como Seu Pai no Céu é misericordioso. A Bíblia ensina claramente que, se esperamos misericórdia, devemos ser misericordiosos, não apenas com nossos semelhantes, mas com todos os animais inferiores. Todo ato de

crueldade contra os animais, bem como de homem para homem, é certamente ofensivo ao Criador de todos os seres. Os animais inferiores olham para o homem em busca de felicidade, assim como o homem olha para Deus. Ao defender a causa, portanto, dessas criaturas pelas quais estamos cercados, levantando nossas vozes em favor desses seres que não podem pleitear por si mesmos, certamente não estamos ultrapassando o requisito de Deus que nos ordenou o dever de abrindo nossas bocas para eles.

É um dever moral claro, e como o Rev. Dr. Norman McLeod diz:

“Eu não daria muito pela religião de qualquer homem ou mulher cujo gato e cachorro não fossem melhores para isso”.

Anna Sewell, em *Black Beauty* [Beleza Negra], ensina a bela lição de que:

“Não existe religião sem amor, e as pessoas podem falar o quanto quiserem sobre sua religião, mas se isso não as ensinar a serem boas e gentis com os animais também como ao homem, é tudo uma farsa”.

Antes de sua Queda, o homem recebia domínio ou tutela sobre todas as criaturas vivas, mas o efeito que a Queda teve sobre sua relação com os animais não pode ser determinado. Há uma coisa muito óbvia, que os animais inferiores, assim como o homem, não estão desfrutando de toda a felicidade agora que possuíam. Eles estão envolvidos em sofrimentos resultantes da Queda do homem, comprometidos com as mesmas fortunas conosco e participando conosco das privações, tristezas e perigos que trouxemos sobre nós por nossa culpa e desobediência. Devemos ter pena disso mais por esse motivo e, em vez de agravar, diminuir o máximo possível os males necessários de sua sorte.

Nossas próprias tristezas devem nos ensinar a simpatizar com a angústia dos outros. A bondade de Deus conosco em nosso estado baixo e perdido deve, da mesma maneira, induzir-nos a ter misericórdia das criaturas que, sem nenhuma culpa própria, estão envolvidas nas

consequências de nossa transgressão. O homem, por suas qualidades intelectuais superiores, assumiu a posição de “Senhor da Terra”, mas o direito de governar não é o direito de tyrannizar. A noção de que os animais foram criados apenas para o uso de um homem é um conceito fraco e injustificável. Eles foram criados muito antes do homem e teriam sido melhores se a humanidade nunca tivesse sido feita. Eles foram os objetos do amor criativo de Deus, e foram feitos para glorificá-Lo da mesma forma que o homem, e dizer que o homem recebeu domínio ou tutela sobre eles para oprimi-los e abusá-los seria para refletir sobre a bondade e a sabedoria do Criador.

O poder, como qualquer outro talento e bênção, foi dado ao homem para ser exercido em justiça e misericórdia. Embora ele reivindique o direito de tirar a vida dos animais, não se segue que seja lícito infligir-lhes dor desnecessária. É desumano e bárbaro prolongar seu sofrimento por descuido, por propósitos egoístas ou por diversão. Embora o homem reivindique o direito de destruir certos animais nocivos, ainda é devido a pena deles. Torturar não é ser mais homem; tyrannizar onde não pode haver resistência, é o extremo da baixeza.

Não existe pecado tão hediondo, ou que tenha sido tão pouco notado e condenado por pessoas boas, como a da crueldade com os animais. É verdade que as legislaturas de alguns Estados e as corporações de algumas cidades tomaram o assunto em mãos e criaram leis para proibir algumas das exposições mais proeminentes de crueldade arbitrária; e sociedades com o mesmo propósito foram organizadas e apoiadas por alguns dos maiores e melhores homens de nossa nação; todavia, esta grande e muito necessária reforma está apenas em sua infância. Podemos lembrar os nomes de muitos que deram a melhor parte de suas vidas para mitigar as crueldades praticadas nos animais. Não é uma coisa corajosa e nobre da parte deles ter estado tantos anos entre os opressores e suas vítimas trêmulas e ter suportado por tanto tempo o desprezo e o ridículo de uma grande maioria de pessoas que afirmam pertencer a um país cristão?

Toda honra a esses grandes benfeitores. Embora seja verdade que nós, como nação, fizemos um progresso lento na educação das pessoas a acreditar que a crueldade com os animais é um grande pecado, ainda

não é tão comum agora como era há trinta ou quarenta anos. Lembrome de quando jovem em matadouros e testemunhei crueldades que deixaram uma impressão em minha mente para nunca serem esquecidas.

Não acredito que qualquer homem ou mulher de nobre sentimento e natureza simpática, a menos que seja familiarizado com tais vistas, possa olhar para um matadouro e ver as agonias, ouvir os gemidos moribundos e ver a cabeça de bezerras sem tronco, porcos, gados e ovelhas, e as carcaças sangrando e parcialmente esfoladas, ou olhe para o avental manchado de sangue do açougue em sua loja, enquanto ele usa sua faca monstruosa, *e fique* sem tremor e um sentimento de auto-estima condenando este abate por atacado pelo uso da carne. Em certo sentido, parece inútil falar sobre esse trabalho assassino sendo realizado humanamente, e esses são os seus efeitos sobre a sensibilidade das pessoas que, em alguns Estados, os açougueiros não têm permissão para participar de um júri nos casos que envolvem a vida de um criminoso. O capitão Bruce, o célebre viajante, relata cenas de crueldade na Abissínia que muitas vezes não são mencionadas, tão repugnantes são para a humanidade, e ainda práticas de igual barbárie foram encontradas em nosso próprio país. Seria um trabalho tedioso para particularizar os numerosos casos e tipos de crueldade de que nosso país religioso é culpado.

Quantas vezes somos chamados a testemunhar o abuso do cavalo, o animal mais útil e disposto do mundo. Quantas vezes, reduzido à fraqueza por idade e sofrimento, depois de anos de fidelidade, ele é levado a arrastar uma existência miserável, ou é submetido a listras cruéis por causa de sua incapacidade de realizar trabalhos que em seus dias mais vigorosos ele teria realizado de bom grado. Quantos vemos em nossas rodovias feridos e sangrando, empurrados para uma velocidade em que estão desabilitados. Quantas vezes os vemos lutando em vão com encargos além de suas forças, a paciente vítima dos ultrajes mais brutais, dilacerados pelos açoites de seus senhores cruéis e instigados a renovar a luta, até que se prostrem nas ruas em agonia sem esperança. Muitas vezes, vemos o pobre e velho cavalo fiel,

depois que ele se torna fraco demais para fazer o trabalho de seu cruel mestre, era comum morrer de fome.

Plutarco ensina ao mundo cristão uma bela lição sobre esse assunto com as seguintes palavras:

“Um homem bom cuidará de seus cavalos e cães, não apenas quando eles são jovens, mas quando estão no serviço antigo e no passado. Certamente não devemos tratar seres vivos, como sapatos e utensílios domésticos, que quando desgastados pelo uso, jogamos fora”.

Não são os pássaros inocentes e indefesos, que, na bela linguagem das Escrituras, “cantam entre os galhos”, apedrejados, baleados, feridos e assassinados, para exercer a ingenuidade da juventude? Ao ler a vida do Rev. Dr. Channing, há um incidente registrado de sua juventude que impressionou mais em minha mente do que qualquer coisa relacionada a seus hábitos pessoais, e, no entanto, pode ser considerado por algumas pessoas como sendo de pouca importância a ser mencionada. Quando ele era menino, um dia a caminho da escola, encontrou em um arbusto um ninho cheio de pássaros jovens. Quando eles abriram a boca e pediram algo para comer, ele lhes deu uma parte do jantar. Então todos os dias ele preparava comida para seus pássaros. Os velhos pássaros pareciam entender e ficaram encantados com a gentileza dele. Mas, infelizmente, chegou a hora do mal. Um dia ele foi ao ninho; ali estava deitado no chão, rasgado e ensanguentado, e os passarinhos todos mortos; e o pássaro pai estava chorando em um arbusto, e a mãe pássaro estava chorando em uma árvore, como se seus pequenos corações se partissem. Então o pequeno Channing tentou dizer a eles que ele não mataria seus pobres filhinhos, que ele nunca poderia fazer uma coisa tão má e cruel como aquela, mas que era algum garoto malvado que fazia isso. Ele disse que tentou alimentá-los e ajudá-los, para que eles pudessem voar. Mas foi inútil; ele não poderia consolá-los. Eles continuaram chorando até que esse menino de bom coração não conseguiu mais conter seus sentimentos, mas sentaram-se e choraram com tanta agonia que foram encontrados e levados para

casa em um estupor inconsciente. Não é à toa que, com um impulso tão cedo de bondade, ele cresceu e se tornou um homem conhecido pela bondade de coração e um grande professor de religião.

Enquanto Abraham Lincoln era presidente, e durante as horas mais sombrias da guerra, ele caminhava em companhia de outras pessoas perto de uma cerca viva e viu um jovem pássaro flutuando na grama próxima, ele parou, pegou-o e, enquanto subia e descia o bosque para encontrar seu ninho, seus companheiros continuaram, mas o grande e bondoso homem continuou sua busca até encontrar o lugar de onde o pássaro havia caído, e então gentilmente colocou a pequena criatura em seu ninho.

Quão importante é que pessoas boas, ansiosas por que o mundo cresça melhor, honrem e exaltem esses traços nobres da natureza humana.

“Entre os mais nobres da terra,
Embora ele possa se considerar o mínimo,
Aquele homem que eu honro e reverencio
Quem, sem favor, sem medo
Na grande cidade se atreve a ficar
O amigo de todo animal sem amigos”.

Não obstante as lutas duras e difíceis na vida de Martinho Lutero, ele tinha um coração terno e amoroso acima da média da maioria dos homens. Ao observar um pássaro pousar, ele fez a seguinte observação bonita e terna:

“Aquele rapaz jantou e agora vai dormir bastante seguro e contente. Como Davi, ele permanece sob a sombra do Todo-Poderoso e deixa Deus cuidá-lo. Quão felizes são as pequenas criaturas cantando tão docemente e pulando de galho em galho. Podemos tirar nossos chapéus e dizer: meu querido Herr Doutor, não poderíamos ter aprendido a sua arte de confiança durante toda a noite, sem cuidado, em seu pequeno ninho; você se alegra de manhã e louva a Deus e depois busca sua comida diária. Por que não posso,

pobre tolo que sou, viver como esses pequenos santos na plenitude do conteúdo e da confiança”.

Quase todo mundo parece gostar, até certo ponto, da destruição da vida. Algumas crianças em tenra idade se deliciam com essa diversão. Elas pegam moscas e outros insetos e prendem-nos nas tábuas, arrancam as pernas e as asas e parecem apreciar seus dolorosos contorcimentos e vibrações. Eles costumam ensinar aos pais impensados o uso precoce de chicotes, estilingues e pistolas de ar, e logo se deliciam em atormentar e mutilar todas as criaturas com quem entram em contato.

Enquanto estava na faculdade, era frequentemente chamado a testemunhar os experimentos feitos em animais com seringas hipodérmicas, bombas de ar, eletricidade e algumas das formas mais horríveis e inúteis de vivisseção. Tal crueldade deve ser proibida por lei.

Os homens que afirmam ser professores estão perdidos para todo senso de humanidade quando praticam tais experiências inúteis e bárbaras. É uma educação miserável para os jovens contemplar criaturas pobres que sofrem com agonia do tipo mais horrível, para o propósito de fazer demonstrações fisiológicas, que podem ser feitas com a mesma precisão, sem a despesa do sofrimento. O poder que foi dado pelo Todo-Poderoso para o homem para a proteção de Suas criaturas é frequentemente e arbitrariamente usado na tortura, onde a pena deve levar a um oposto curso.

Os gritos e gemidos das pobres criaturas oprimidas defendem uma linguagem comovente demais para ser desconsiderada, exceto por aqueles que desonram o nome que levam. “As bestas do campo”, diz a voz comovente da inspiração, “clama a Ti, e Tu mais perto delas, e certamente esses sofrimentos, injustamente infligidos, devem finalmente invocar a vingança daquele Ser cujo ouvido está sempre aberto ao clamor da angústia. A voz da natureza clama em voz alta contra essa conduta dos pássaros e insetos alados do ar, dos animais e seres vivos sobre a terra, dos habitantes inofensivos das águas, há um contínuo clamor a Deus contra os erros que são feitos para suportar.

O homem que impiedosamente abusa de uma das criaturas de Deus sem causa, é uma desgraça para sua espécie, um tirano de um tipo mais ignóbil, mas não menos odioso, do que aquele que faz uso dos privilégios de um trono para molestar e ferir seus semelhantes. Ele brinca com o sofrimento que é sempre sagrado para o bem; ele oprime o indefeso, uma ação covarde, e gratifica sua malignidade, um princípio diabólico de alegria.

É impossível para qualquer um, a menos que seja insensível como uma pedra à vista do sofrimento, ou voluntariamente feche os olhos para a verdade, duvidar por um momento da terrível afirmação de que o homem, por sua crueldade, opressão e injustiça, tenha feito de si mesmo o inimigo de toda a criação animal. Por que quase toda criatura, com horror instintivo, evita a abordagem do homem? Não é porque a criatura foi feita para sentir que o homem é seu inimigo, e que ela é cruelmente tratada quando cai nas mãos do homem?

Conta-se que, quando o Prof. J. Dana, o grande naturalista, estava em uma viagem nos mares do Pacífico Sul, ele desembarcou em uma das ilhas de coral que nunca haviam sido visitadas pelo homem.

Ele desembarcou no início da manhã e viu uma cena de beleza tropical, brilhante com beleza e abundante na vida. Um bando de pássaros altos e brancos estavam na praia, e enquanto ele caminhava em direção a eles, eles olhavam para ele sem medo e com nada além de uma gentil curiosidade.

Eles nunca se assustaram com o pó e a picada mortal da bala. Eles não sabiam nada da crueldade do homem. Ele caminhou entre eles e colocou as mãos nas cabeças altas e felpudas e pescoços, e os acariciava como se fossem animais de estimação em sua própria família. Então ele planejou matar um e levá-lo para casa para seu museu; e selecionando sua vítima, ele pegou seu canivete e acariciou a cabeça do belo pássaro, pressionou o ponto agudo através da plumagem branca no pescoço até que as penas foram manchadas com uma única gota de sangue. O pássaro virou a cabeça e olhou nos olhos do grande naturalista com um olhar quase humano de admiração e apelo. A faca foi retirada. Uma fonte profunda de piedade e amor se abriu na alma

do homem bom, e ele se virou e saiu e essas criaturas inocentes de Deus e sem medo, ilesas.

Chamamos os animais inferiores de selvagens porque são inteligentes o suficiente para se manter fora do alcance do homem que é seu pior inimigo. Se eles nunca foram maltratados e têm a certeza do homem de que ele os tratará com bondade, logo aprenderão a não temê-lo.

Cervos, antílopes, búfalos, cisnes, esquilos e muitos outros animais selvagens em seu estado nativo, se colocados em um parque e tratados com gentileza, em breve serão mansos e gentis, e parecem realmente gostar da sociedade do homem.

Os peixes fogem da aproximação, ou mesmo da sombra do homem, mas podem ser domados e se tornar tão confidenciais que se aproximam da beira da água e tiram comida da mão de um homem.

Lemos na vida de Robison Crusoe que, quando ele naufragou e desembarcou em uma ilha onde nenhum ser humano havia vivido, ele logo domava todos os animais para que eles fossem seus companheiros amigáveis. Seja isso verdade ou não, ainda assim a regra de ouro funcionará com os animais, na maioria dos casos, bem como com a humanidade. Todos os domadores bem-sucedidos de animais ferozes e domésticos são homens que os tratam com perfeição e bondade.

Quase todo pecado pode dizer mais por si mesmo do que o pecado da crueldade com os animais, pois não há tentação nem boas razões para que esse pecado seja cometido. Como os animais inferiores não têm o poder da expressão e da queixa de seus erros, não devemos tirar proveito de sua condição. Quanto mais desamparado o objeto de opressão, maior a demanda por nossas simpatias. Sentimos mais profundamente quando as lesões são feitas aos pobres do que quando feitas aos ricos. Sentimo-nos mais profundamente quando a lesão é infligida à viúva e ao órfão do que àqueles que estão cercados de amigos e em meio à prosperidade. Sentimos mais quando o dano é causado a uma criança desamparada, do que a um homem em força e vigor, capaz de se defender. Agora, a humanidade era guiada por esse princípio em relação aos animais inferiores, quão cuidadosos eles seriam para não infligir crueldade e quão sensível seria seu tratamento. Quando o homem é oprimido ou ferido, por mais desamparado que seja, ele pode

dizer seus erros e apontar a pessoa que os infligiu. Os mais pobres da terra podem publicar a vergonha daqueles que moem o rosto com opressão; aqueles que recebem punição injusta podem levantar a voz contra os tiranos culpados.

Mas os animais pobres e muitas vezes sem dono não têm esse poder e esse privilégio. Embora a barbárie com que são tratados seja sempre tão cruel, eles não podem se queixar de seu uso impiedoso. Com uma sensibilidade ao sofrimento tão forte quanto a de um ser humano, estão fadados a se submeter a qualquer coisa que o homem possa infligir sem a possibilidade de torná-lo conhecido e sem o auxílio que simpatia e esperança são adequadas para inspirar.

Quando os homens são chamados a suportar torturas agonizantes, raramente eles não têm alguém para simpatizar com suas tristezas, e fazer tudo o que a ternura e a piedade podem fazer para aliviar sua angústia.

Mas os animais sem apoio, sem descanso, solitários e silenciosos devem suportar seus fardos mais pesados e suportar sua maior agonia. Não há ninguém para lhes dar uma palavra ou olhar de piedade.

É impossível estimar as obrigações sob as quais somos impostos *em relação* aos animais, pelas inúmeras maneiras pelas quais eles ministram à nossa felicidade; e o que defendo é que essas ministrações devem ser asseguradas com o menor custo possível de sofrimento. Os animais condenados ao abate devem ser mortos pelo processo de morte menos doloroso e menos prolongado; aqueles sujeitos a nós pois o trabalho deve ser tratado com gentileza e nutrido com cuidado; animais nocivos e aqueles que os homens consideraram necessário destruir devem ser destruídos sem nenhum motivo desnecessário de sofrimento; enquanto os insetos que flutuam no ar devem ser isentos de crueldade e tratados com misericórdia. Todos os seres vivos são objetos do cuidado peculiar de Deus. Se os animais inferiores não tivessem recebido uma parcela igual da bondade e compaixão de Deus, poderíamos ver o assunto sob uma luz diferente. Mas, em vez de haver condescendência por parte do homem em mostrar misericórdia, é visto apenas como seu dever cristão. Em uma ocasião, Deus poupou uma cidade culpada da destruição, porque ela continha muito gado. A

inocência do gado não foi apenas a causa da cidade ser salva, mas ajudou a impedir que Nínive fosse destruída com seis dezenas de mil pessoas. Este é um entre muitos impressionantes exemplos do cuidado de Deus tanto pelo homem como pelo animal. Deus disse:

“Porque meu é todo animal da selva, e o gado sobre milhares de montanhas”.

[Salmos 50:10]

O homem, em sua loucura e em seu orgulho, pode imaginar que os animais estão sob sua consideração, e que ele, uma criatura racional e imortal, pode tratá-los com desprezo e descuido. Mas essa não é a mente dAquele que é bom para todos, e cujas ternas misericórdias estão sobre todas as Suas obras, e que, embora Ele ouça os louvores dos anjos, não desatenta a queda de um pardal ou o grito de algum corvo.

Deus faz uma declaração clara em Sua palavra sobre a obrigação moral do homem para com os animais na passagem seguinte:

“O justo tem consideração pela vida dos seus animais...”.

[Provérbios 12:10]

Esta única passagem prova decididamente que é parte do dever de um cristão cuidar da felicidade de seus próprios animais.

Temos tanto direito de aceitar esta declaração como um teste de caráter cristão quanto qualquer outra declaração na Bíblia. Certamente não pode dar prazer a um homem bom ver animais sacrificados como vítimas da crueldade para qualquer finalidade, e a natureza do homem não é vista em nenhuma parte com uma luz mais degradante do que quando empregado em excitar e superintender os brutais combatentes na arena da guerra animal. Eu gostaria que se pudesse dizer que tais cenas eram conhecidas apenas na idade das trevas e nos países bárbaros. Nós desprezamos a ambição do conquistador que cavalga na cabeça de um exército triunfante, quando ele pretende renome, espalhando ao seu redor miséria e morte, mas quão infinitamente mais

desprezíveis são aqueles louros reunidos nos campos contestados da guerra animal, quando os ferozes antagonistas se enfrentam e um ou ambos afundam nas agonias da morte. O emprego mais cruel e covarde! O mais indigno do homem, ao qual foram fornecidas capacidades para um gozo muito maior nos campos do aperfeiçoamento mental e moral. Além disso, veja o efeito que isso tem sobre o caráter daqueles que são cruéis com os animais. Se olharmos para os anais do crime, descobrimos que algumas das piores formas de culpa tiveram origem em tais cenas. Se um homem é cruel com os animais, isso endurece seu coração e abre o caminho para a crueldade com seus semelhantes. Aquele que pode olhar sem sentido qualquer exemplo de sofrimento que sua própria mão ou conselho possa ter causado, certamente tem a capacidade de olhar com um grau correspondente de insensibilidade, nas agonias mais profundas que podem contorcer a estrutura ou o coração de seus semelhantes.

Um homem que sem escrúpulos despeja sua natureza desagradável contra os animais se tornará severo, duro e até selvagem em suas relações com seus semelhantes. Um homem que é cruel no tratamento de animais não pode ser considerado um marido seguro e bom, um pai gentil, um vizinho humano ou um amigo gentil e terno. Cruel e tirânico para os pobres animais indefesos, ele levará, necessariamente, o mesmo temperamento para as relações e transações da vida humana e será um membro ofensivo, violento e até perigoso da sociedade. Os homens não podem mudar suas disposições como seus trajes, mas qualquer disposição que incentivem se tornará habitual e natural.

A ira lançada sobre os animais ao espancar é uma ira apaixonada e sem sentido, como a que um homem irritado e impaciente mostraria para coisas inanimadas. As criaturas inferiores frequentemente não suportam apenas fazer o trabalho *imposto pelo* homem, mas suportam a má disposição e a raiva irracional. Os homens pensam que não há mal em tais ações, porque podem atacar ou maltratar um animal sem que seja capaz de tornar conhecida a crueldade, ou sem serem eles próprios responsáveis pelas leis do país. Mas se o homem cruel parece tão repugnante para todas as pessoas boas, como ele aparece na estimativa daquele Deus cujas ternas misericórdias estão sobre todas as Suas obras

e que nos deu um mandamento positivo de que devemos ser misericordiosos, *da mesma forma que* mesmo Ele é misericordioso? Um homem é apto para o Céu naquele lugar santo e feliz, onde não há nada para ferir ou destruir, mas onde o amor domina todos os ângulos e liga todos os habitantes a um grupo das relações mais afetuosas e sagradas? Ou ele não deveria ter seu lugar atribuído a ele com aqueles espíritos sombrios e malignos que se deleitam com a miséria como seu trabalho apropriado, e que são destinados a um estado de ira agradável, inimizade e desespero?

XVI

Meios de prevenção da crueldade

- Educação necessária -

Algumas das formas de crueldade - o homem deve procurar um passatempo de leitura do que ostentar o sacrifício do sofrimento - bondade é uma indicação de grandeza.

Vamos considerar alguns dos meios pelos quais o pecado da crueldade contra os animais pode ser corrigido.

Como a propensão à crueldade geralmente se manifesta muito cedo na vida, todos os que têm o treinamento precoce da mente juvenil devem fazer com que seja um objeto distinto de seus cuidados verificar essas tendências.

Nenhum pai ou professor pode ser considerado cumprindo seu dever, que não reprime essas tendências, inculcando visões melhores e mais sábias da humanidade. Marque com desagrado todo ato de negligência e crueldade; ensine as crianças a ver todos os seres vivos como objetos do âmago de Deus, e que Ele está interessado na felicidade deles e descontente com qualquer mal que lhes seja causado. Algumas visões principais e inclinações predominantes nunca deixam de se apossar dos jovens, enquanto a mente é muito flexível, e essas se tornam hábitos e são moldados em caráter, virtuoso ou cruel. A tendência natural de muitas crianças é ser cruel e fazer todo tipo de travessuras; conseqüentemente, se o negócio da educação infantil fosse

mais bem compreendido e as restrições apropriadas fossem usadas para evitar a crueldade, haveria menos criminosos com os quais lidar.

J. W. Cottrell, superintendente geral da Associação de Detetives da América, fez a seguinte declaração:

“Com vinte e cinco anos de experiência como oficial, conheço apenas alguns criminosos que foram ensinados a amar animais e procurar a causa do crime, acho que a falta de educação humana é a principal”.

George T. Angell, Presidente da Sociedade Americana de Educação Humana, diz:

“Diante de você, como defensor das raças inferiores, declaro o que acredito que não pode ser ganho, que tão cedo e até o momento em que derramarmos em toda a nossa vida educacional as canções, os poemas e a literatura de misericórdia para com essas criaturas inferiores, tão cedo e tão longe alcançaremos as raízes, não apenas da crueldade, mas também do crime. Grandes casos de crueldade podem ser evitados com palavras gentis e educação humanitária para todo aquele que pode ser impedido pela acusação”.

O rei Eduardo VII, em um discurso perante a Sociedade Royal para evitar crueldade com os animais, fez as seguintes observações:

“Os condutores de nossos estabelecimentos de ensino reconhecerão cada vez mais que é um de seus grandes deveres imbuir a mente dos jovens na consciência de que, além de mostrar bondade e gentileza com seus semelhantes, eles também devem mostrar bondade e gentileza com a criação bruta, à qual devemos muito: quanto mais isso é ensinado, mais esse sentimento é inculcado rapidamente e os objetivos desta excelente sociedade serão alcançados, e mais certamente chegará a hora, como esperamos, quando o alcance de seus deveres e ações for grandemente diminuído”.

Portanto, é dever de uma educação adequada direcionar a mente jovem para uma consideração adequada pelos direitos e felicidade de todos os seres vivos.

Instruir os jovens nas línguas e nas ciências é comparativamente de pouco benefício para o mundo, se eles não são ensinados a serem cidadãos gentis e cumpridores da lei. Quantas vezes vemos os pais, impensadamente, colocarem um chicote, uma pistola de ar, um tiro de estilingue e outros projéteis destrutivos nas mãos de seus filhos e depois incentivá-los a atormentar e punir os inocentes e confidentiais gatos, cães ou outros animais domésticos.

Quão pouco eles percebem que estão abrindo caminho para um futuro criminoso de algum tipo. Uma falta de pensamento sobre o assunto é uma causa muito mais comum de crueldade do que uma depravação positiva.

Mas um veneno não é menos mortal porque é tomado sem pensar do que se tomado intencionalmente. Um erro cruel cometido por ignorância, ilusão ou falta de consideração não faz diferença para os feridos, pois o sofrimento é o mesmo.

O caminho para tornar o mundo melhor e abolir a crueldade, o crime, a guerra e a pobreza é instituir um sistema de educação mais humano e melhor.

As várias organizações humanas mencionadas na dedicação deste livro estão realizando um trabalho grandioso e nobre publicando e enviando milhões de folhetos, panfletos, livros e periódicos, cujo objetivo é promover a bondade e evitar a crueldade. Essa literatura humana deve ser divulgada em todo o mundo, e todas as pessoas boas devem dar ao trabalho seu apoio caloroso.

Se salvarmos a estrutura da sociedade da dissolução total, mantermos invioláveis nossas liberdades civis e religiosas e nos preservarmos como nação, devemos ensinar e reforçar a humanidade a esta restrição moral que deve ser ensinada em nossos púlpitos, em nossas escolas e em nossos lares. E, principalmente, os pais devem dar o exemplo, se esperam que seus filhos aspirem uma disposição muito gentil.

“Vós, portanto, que amam a misericórdia, ensine seu fim

Para amar também. A primavera dos nossos anos
É logo desonrado e contaminado na maioria
Por doenças emergentes que pedem uma mão prudente
Para verificá-los. Mas, infelizmente! nenhum atira mais cedo
Se desenfreado, em crescimento exuberante
Que crueldade, a mais diabólica de todas”.

E acima de tudo, não aperte a humanidade tentando ridicularizar um coração terno. Vi homens ficarem zangados e ouvi-os abusar de suas esposas e filhas porque eram muito bondosos para decapitar uma galinha. Quão desumano abusar de uma pessoa por possuir a característica mais nobre de caráter que Deus deu à humanidade. Os homens podem franzir o cenho e ridicularizar, mas os anjos sorrirão e o Céu abençoará essas doces disposições.

Certa vez, eu estava sentado na casa de uma amiga quando uma garotinha doce e esperta entrou no quarto e disse:

“Papai, a cozinheira quer que você mate a galinha que está no galinheiro, porque ela não tem tempo para matar ela”.

O cavalheiro disse à garotinha que ele estava ocupado também e que ela deveria ir e matar ela mesma. Ela implorou ao papai que não a obrigasse a fazê-lo, pois disse:

“Não tenho coragem de matar a coitada”.

Seu pai não prestou atenção em seus motivos, mas a obrigou a sair para cometer o trabalho sangrento. Ela se foi, mas alguns momentos quando voltou, chorando como se seu pequeno coração se partisse, e disse:

“Oh, papai, eu não posso matar a coitada”.

O rubor apareceu em seu rosto, ele se levantou com raiva e arrastou a menina atrás dele. Eu o ouvi dar vários golpes fortes nela. Oh! como

meu coração doía. Eu não teria aquele único pecado de tentar pressionar a humanidade do coração daquela querida garotinha, repousando sobre mim, sem perdão, pela riqueza do Universo. O prazer da minha visita foi destruído e, depois de demorar o suficiente para beijar a mãozinha misericordiosa e preciosa que não tiraria vida, saí com um coração triste.

Quando entramos em contato com uma família que muito acaricia os animais, sentimos que estamos na sociedade de pessoas boas e gentis. Gostamos de ouvir uma mãe e um pai falarem gentilmente com seus filhos, como pais atenciosos e amorosos farão. Nesse mesmo princípio, ouvir uma pessoa chamar um pássaro de “doce queridinho”, um gato, um “querido bichinho de estimação”, um cavalo ou cachorro, de um “bom e querido companheiro”, etc., retrata uma disposição carinhosa e amorosa que cria um lar feliz e pacífico.

As lições peculiares ensinadas por Cristo podem, em todos os casos, ser aplicadas com o maior poder para realizar a reforma desejada. Aquela grande lei da administração Divina apontou tão claramente nas palavras “bem-aventurados os misericordiosos; pois eles obterão misericórdia” [Mateus 5:7], nunca deve, por um momento, ser esquecida por qualquer classe de homens.

Em todo o domínio moral, a regra pode ser considerada como mantendo o bem, que as qualidades que os homens demonstram em sua conduta atraem para eles uma correspondente manifestação de bênçãos na justa dispensação do Céu. Aqueles que, durante toda a sua conduta, mostre misericórdia a toda a família do Criador, terá uma garantia distinta de que eles também, em seu tempo de necessidade, obterão misericórdia.

Como nas sociedades do homem, governantes justos e benevolentes, que mantêm os direitos e garantem a felicidade de seus súditos, tornam seu poder mais permanente e extenso; portanto, todo homem que exerce seu poder sobre os animais inferiores com equidade e bondade garante melhor o benefício de seus serviços. Subjugados e apegados, e felizes pela bondade, eles se submetem facilmente à sua direção e prestam, contorcem facilidade e conforto, os serviços que lhes são exigidos. Por não serem irritados por abusos ou ferimentos, eles não

são tentados a infligir as severas retaliações que Deus, para sua proteção, lhes deu para exprimir.

Como o Criador deu ao homem, antes da Queda, uma tutela moral e intelectual sobre os animais inferiores, Ele também deu aos animais uma disposição gentil correspondente para que eles pudessem reconhecer a superioridade do homem e, nessa sábia adaptação, é encontrada a fonte de várias bênçãos mútuas. Não obstante o triste desarranjo de paz e felicidade que foi o resultado da Queda, ainda vemos muitos animais agarrados ao homem com um apego mais forte do que eles têm para com sua própria espécie. Eles buscam a sociedade dele e ficam encantados por serem notados, regozijam-se com cada sinal de sua aprovação e adoram ser empregados por ele em serviços adequados às suas capacidades.

Assim, o conforto do homem é evidentemente promovido quando esse domínio é exercido de maneira sábia e justa, de acordo com o design original do Criador. Um direito de governar não é um direito de tyrannizar; e o direito ao serviço se estende apenas aos deveres consistentes com os poderes e capacidades do servo para executar.

Todo poder é de Deus, e só pode ser exercido legalmente quando exercido de acordo com Seu desígnio. O poder, como qualquer outro talento e bênção, foi dado para ser exercido em sabedoria e bondade, e de acordo com os princípios e regras designados por Aquele que o conferia. O Criador deu a todas as Suas criaturas o poder da vida, atividade e prazer.

Ele supriu as necessidades deles e lhes proporcionou os meios de felicidade. Ele, portanto, adaptou à natureza externa para o bem deles e para o homem; e deu-lhes a sua parte nas suas bênçãos.

Como a felicidade deles depende muito do ambiente, quando estão sob o controle do homem, qual a importância de serem tratados com justiça, bondade e misericórdia. Não é a própria essência da benevolência desejar e promover a felicidade de todo ser dentro da esfera de nossa influência?

A justiça e a retidão não exigem que respeitemos os direitos de todos os seres vivos e lhes forneçamos uma competência de sustento e conforto quando os privamos dos meios de adquiri-los por si mesmos?

Todo lugar da Bíblia em que Deus revelou Sua vontade sobre esse assunto é distinguido por seu terno cuidado com os desamparados, os aflitos e os desamparados.

A Bíblia ordena bondade e compaixão a todas as criaturas colocadas sob nosso poder, em casos como o boi que trabalha, pássaros inofensivos, descanso no sábado e ajuda aos aflitos.

“Não atarás a boca ao boi que pisa o milho” [Deuteronômio 25:4], é um exemplo impressionante de atenção minuciosa aos sentimentos e confortos daqueles humildes ministros do bem. Somos ensinados assim em geral e *é nesse* espírito que devemos valorizar; somos especialmente ensinados que toda criatura que trabalha em nosso benefício deve receber uma participação liberal nas bênçãos de que desfrutamos através de seus trabalhos.

No mesmo espírito de compaixão, é ordenado:

“Quando encontrares pelo caminho um ninho de ave numa árvore, ou no chão, com passarinhos, ou ovos, e a mãe posta sobre os passarinhos, ou sobre os ovos, não tomarás a mãe com os filhotes;

Deixarás ir livremente a mãe, e os filhotes tomarás para ti; para que te vá bem e para que prolongues os teus dias”.

[Deuteronômio 22:6-7]

Era proibido unir o jumento e o boi, como eles nunca se associavam, e seus passos eram tão desiguais que era considerado um pecado obrigá-los a serem colocados no mesmo jugo - uma lição prática que é ignorada por muitos cruéis mestres no momento.

O preceito na observância do resto dos animais no sábado é uma lição bonita e impressionante que ensina ao homem seu dever moral para com os animais. A observância desse dia abençoado de descanso pertence tanto aos animais inferiores quanto ao homem.

“Seis dias trabalharás, e farás toda a tua obra.

Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus; não farás nenhuma obra, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo,

nem a tua serva, nem o teu animal, nem o teu estrangeiro, que está dentro das tuas portas”.

[Êxodo 20:9-10]

Esta instituição abençoada, designada para o homem desde o início de sua existência; universal no objeto que celebra e no bem que está destinada a promover; sendo adequada a todos os seres de todos os países e eras, é justamente denominada feriado universal para o homem e os animais inferiores.

Será suficiente, neste contexto, notar mais uma importante lição humana ensinada na Bíblia. “Se vires o jumento, daquele que te odeia, caído debaixo da sua carga, deixarás pois de ajudá-lo? Certamente o ajudarás a levantá-lo” [Êxodo 23:5].

O princípio natural da simpatia confirma a autoridade desse mandamento e mostra sua equidade a toda mente sensível. Exige que aliviemos um animal oprimido ou em perigo e, por medo de que o fato de pertencer a um inimigo poderia ser menos indutor, o comando foi esclarecido para remover essa objeção.

Todo animal que esteja em situação de opressão ou sofrimento deve ser aliviado, e isso sem considerar a quem ele pertence, embora seja para o nosso pior inimigo. Esses preceitos foram dados a ensinar a humanidade sobre as criaturas inferiores; e se esse espírito foi reconhecido sob a letra da lei naqueles primeiros dias, certamente deve ser feito de acordo com o evangelho, que é tão particularmente um sistema de amor e misericórdia sob a dispensação cristã. O tempo presente é proverbial para o avanço e para um padrão mais elevado de benevolência e caridade no que diz respeito à humanidade.

Asilos foram estabelecidos para a recepção dos miseráveis; lares e hospitais para crianças, idosos, sem amigos e aflitos; e as correntes de recompensa fluíram copiosamente por seu apoio.

Indivíduos invocaram bênçãos sobre sua memória pela investidura de alguma instituição de caridade. Que qualquer desejo aparente ou angústia da humanidade seja apresentado a uma comunidade, e alívio é prontamente obtido. Porém, a criação animal que sofre, queixosa e

sem graça, é frequentemente considerada um objeto nem apto para a compaixão nem suscetível de sentir.

Muitos homens em nome da caridade deram grandes fortunas para ajudar instituições públicas, algumas das quais praticam a vivisseção nas suas formas mais horríveis; e para cada dólar gasto, existe mais gemidos, mais choro, mais um tremor nos nervos e mais uma luta na agonia da morte. Quantas vezes os meios e o poder que um homem possui são dados para propósitos que causam sofrimento e agonia incalculáveis quando ele pode usar esses meios para tornar o mundo melhor e mais feliz. Quão óbvios e importantes são esses princípios, mas quão pouco são considerados e quão pouco são sentidos pelas multidões que professam ser cristãs.

Como outras verdades e deveres importantes, os homens os reconhecem, mas causam pouca impressão em seus corações. Tal efeito desmoralizante do costume e da familiaridade com o mal, e o abuso frequente de poder e práticas da natureza mais odiosa que, se testemunhadas pela primeira vez excitariam nosso terror, são diariamente observadas e comprometidas com a insensibilidade mais insensível.

Não há nada mais desmoralizante para qualquer povo ou país do que a prática desumana e bárbara de praticar esportes em detrimento da vida animal. O homem é o único animal na terra que mata por diversão, e a esse respeito é a criatura mais cruel que Deus já fez. Quais são as diversões como brigas de galos, brigas de cães, touradas e disparos de pombos, esportes que são vergonhosos para um povo civilizado, aptos a promover as paixões mais calamitosas e a endurecer o coração contra os apelos da humanidade?

Que esporte peculiar é ver animais assediados pelo terror perpétuo, reunidos e compelidos a lutar contra um inimigo feito pelo homem, e testemunhar a luta da morte, e o homem gritando mais alto à vista do maior sofrimento infligido. Que tipo de esporte para uma natureza sensível é soltar um pássaro após o outro e depois feri-lo, mutilá-lo e matá-lo na tentativa de buscar sua liberdade, enquanto estendem suas belas asas macias e voam em direção ao céu? Quando alguém é gravemente ferido e faz um grande esforço para ultrapassar o alcance

da arma assassina, suas contorções e lutas são zombadas por gritos e berros da multidão presente, enquanto são feitas apostas quanto aos resultados finais.

Não parece possível que qualquer homem bondoso e benevolente possa ter prazer ao contemplar cenas como essas, se ele parasse o tempo suficiente para refletir sobre os enormes males de que são produzidos e que agora se tornaram tão óbvios e palpável a ponto de suscitar protestos fortes e indignados de todos os tipos de bons homens e mulheres.

O *New York Tribune*, falando sobre esse assunto, diz:

“O negócio é detestável e deve ser financiado com desdém por pessoas humanas e proibido por lei tão absolutamente quanto qualquer um dos “esportes” cruéis e degradantes dos tempos antigos. Os conflitos da arena romana eram menos covardes, pois neles as vítimas tinham pelo menos uma chance de lutar pela vida. Desonesto, covarde e cruel em um grau indesculpável é o julgamento a ser proferido sobre essa lembrança da barbárie”.

Deve estar longe de dar prazer a um homem bom, de ver animais pobres serem sacrificados como vítimas de um amor pelo divertimento ou de gratificar a curiosidade ociosa de espectadores insensíveis. Eu me pergunto quando os homens estão torturando cruelmente pombas inofensivas, se eles pensam que foi uma pomba que saiu da arca, por ordem de Noé, e trouxe um ramo de oliveira como um sinal da libertação do homem do dilúvio, e que era o forma de uma pomba, ou uma pomba mensageira, que desceu do céu como um meio de inaugurar a dispensação cristã.

Davi faz um apelo comovente contra esses esportes nas seguintes palavras:

“Lembra-te disto: que o inimigo afrontou ao Senhor e que um povo louco blasfemou o teu nome.

Não entregues às feras a alma da tua rola; não te esqueças para sempre da vida dos teus aflitos.

Atende a tua aliança; pois os lugares tenebrosos da terra estão cheios de moradas de crueldade”.

[Salmos 74:18-20]

Que o homem que tem o hábito de fornecer pássaros para atirar fósforos leia e pondere sobre esta passagem das Escrituras, e que aqueles que negam que os animais têm almas apague essa palavra da Revelação de Deus ou admitam que estão errados.

Ao ler a história do mundo, é interessante observar a evolução da moralidade. O que antes era considerado moral agora é conhecido como imoral, e o que antes era considerado inocente agora é conhecido ser perverso.

Os ensinamentos das pessoas mais cultas dos tempos antigos, gregos e romanos, hoje seriam considerados bárbaros, tirânicos e cruéis. Em sua forma de governo, as condições dos escravos e das mulheres eram iguais; os animais eram torturados com as crueldades mais horríveis para divertir o povo.

O homem foi compelido a lutar contra o homem, e as damas do império, a aristocracia feminina, contemplaram o homem mergulhando a espada no peito de *outro* homem e a luta sangrenta e agonizante da morte com alegria triunfante.

Leões, cães e ursos famintos foram colocados na arena do teatro com ovelhas, cabras e gado, e a sangrenta luta pela vida foi testemunhada por homens, mulheres e crianças da nação. Mas a retribuição virá tanto sobre as nações quanto sobre os indivíduos por fazerem algo errado. Veja a história dos Antediluvianos, Sodoma e Gomorra, Egito, Canaã, Nínive, Babilônia e Pérsia. E depois em diante, considere a história das nações outrora orgulhosas e prósperas da Grécia e Roma, que tiveram permissão para continuar por mil anos e depois foram apagadas da face da terra.

O clamor dos oprimidos pode não ser ouvido na terra, mas é ouvido no Céu. Deus é justo; e se a justiça reinar, os injustos devem, mais cedo ou mais tarde, sofrer terríveis retribuições, pois “a vingança é minha; retribuirei, diz o Senhor”.

Ostentar o sacrifício do sofrimento é uma lembrança da barbárie, e como qualquer ser humano refinado e sensível pode se envolver em tanta diversão é mais do que eu posso compreender. O que pode ser chamado de esporte, para uma das criaturas de Deus, torna-se intenso sofrimento e morte.

O abate por atacado de pássaros para fornecer ornamentos de chapéu das mulheres é outra característica da crueldade arbitrária que merece a condenação de todas as pessoas boas.

Quando uma mulher veste a forma de um belo pássaro, com plumagem brilhante e adorável, com os pés grudados no galho de uma árvore, as asas se abrem como se estivessem prestes a voar para o céu, e a pequena boca parcialmente aberta como se sua música foi interrompida pela bala do assassino, ela percebe que aquela forma morta já foi uma criatura preciosa, feliz em sua floresta, com um coração quente e uma alma vivente? E, no entanto, isso é verdade se a Bíblia é verdadeira.

O remédio é óbvio. Não use esses ornamentos e, ao fazer isso, interrompa a demanda. Devemos corar de vergonha e tremer de remorso por ser a causa da morte dos doces pássaros que animam nossos lares por suas vidas felizes.

Suas doces canções nos acordam de madrugada, nos acompanham durante o dia e, no crepúsculo suave, suas canções de ninar melancólicas de louvor e gratidão a Deus que os criou para nossa felicidade, suavizam e harmonizam nossas melhores naturezas. O Criador beneficente parece não poupar esforços ao fornecer tais meios para alegrar os corações da humanidade e diminuir suas tristezas. Quão docemente, no retorno da primavera, as notas do sapinho marrom, do pisco de peito vermelho e da cotovia do pasto ecoam em nossos ouvidos, como um lembrete de nossos dias de infância. Nenhum incentivo deve nos levar a cortar a preciosa vida de uma dessas pequenas criaturas.

Enquanto muitos de nós as assombrações dos prados verdejantes e das florestas de bordo, como um sonho, desapareceram com o passar do tempo, ainda temos nossas casas, nossos gramados e parques, e

podemos cuidar e amar os pássaros muito mais para sociedades anteriores.

A caça às focas é outra crueldade que não deve ser esquecida ou aprovada sem censura. Esses animais inofensivos são abatidos em março, quando as focas bebês são muito jovens e desamparadas para sair do caminho dos caçadores e quando dependem do leite de sua mãe para obter apoio.

Enquanto um grande número de focas jovens são mortos na ausência de suas mães, milhares de focas são abatidas anualmente na ausência de seus filhotes, que são deixados a sofrer e morrer de fome. As estatísticas mostram que houve cerca de duas *vezes* cem mil mortos anualmente, e é temido por aqueles que lucram com esse abate, que as espécies logo se exterminem.

Ao contemplar esse massacre cruel por atacado, e o fato de o nosso governo o encorajar e receber anualmente uma grande quantia de dinheiro por esse privilégio gracioso, só posso desejar que Deus, em Seu infinito amor e misericórdia, considere conveniente chamar a Si mesmo a alma do último. O extermínio tem sido o destino de alguns dos animais mais nobres que antes vagavam pelas colinas e pradarias ocidentais de nossa terra, e de algumas espécies de pássaros da mais bela plumagem, que animavam as florestas com seus cantos mais doces. “O Senhor é muito bom e de terna misericórdia”, e quando qualquer espécie de Suas criaturas é tão torturada que toda a vida se torna uma miséria sem fim, Ele as chama para si.

A moda, como o esporte, é plantada profundamente na natureza humana e é frequentemente produtora de grandes males. A moda é responsável pela maneira como os cavalos são maltratados por meio-fio, bit duplo, controle aéreo, e encaixe. Qualquer pessoa que respeite a lei moral concordará que um cavalo tem o direito de ser protegido de tormentos cruéis. A verificação em excesso não tem um único argumento a seu favor. Faz um cavalo carregar a cabeça em uma posição não natural, que não é graciosa, confortável nem benéfica. Ele está mais apto a tropeçar, pois não consegue ver as patas e, quando necessário, puxa uma carga pesada que *trás* dificuldade de levantar a cabeça e os ombros, exatamente o oposto de uma posição natural para

um calado pesado. Isso interfere na aparência graciosa de um cavalo e diminui seus movimentos naturais e fáceis. Ele obstrui a respiração e, em uma longa jornada, causa intenso sofrimento, mantendo a cabeça em uma posição. O fato de causar sofrimento em um cavalo é evidente pela maneira como ele se preocupa, jogando a cabeça de um lado para o outro, espumando e sangrando com a pressão constante nas partes sensíveis da boca e língua. Torna a boca crua e dolorida, cria angústia e, conseqüentemente, o cavalo se torna irritável, menos gentil e útil, e sua vida é encurtada. O melhor argumento é a comparação de cavalos com cavalos da mesma idade.

Quando dois bits são usados na boca, as objeções à verificação em excesso são ainda maiores. A boca é distorcida e afastada; acumula poeira na boca e na garganta e a respiração é seriamente interferida. Os meio-fio são igualmente censuráveis. Eles são uma miséria constante na boca de um cavalo, enquanto pressionam o queixo e a língua e as partes sensíveis da boca. As alavancas longas não estão na posição correta para guiar ou controlar um cavalo e um pouco assim nunca deve ser usado sob nenhuma circunstância.

Um cavalo é um animal gentil, *muito* gentil e obediente e está disposto a fazer o que entende que lhe é exigido, mas, como uma criança, ele deve ser ensinado. Existem três coisas importantes no governo e controle de todos os animais, a saber, o senso comum, a paciência e bondade, cada uma das quais é indispensável.

A moda de atracar cavalos é proibida em vários estados e deve estar em todos. É uma operação agonizante e inútil, e inflige ao pobre cavalo uma cruel mutilação pela vida. Quando uma parte da cauda é amputada, destrói os movimentos graciosos e a aparência nobre que o Criador deu a um cavalo perfeito, para não falar de sua incapacidade de retirar moscas e poeira de seu corpo. O “Rural Stockman”, de Nova Orleans, declara:

“Quando os homens cometem uma crueldade como atracar cavalos, eles dão boas evidências de que o posto de chicoteamento foi abolido muito cedo”.

O Dr. George Fleming, ex-cirurgião veterinário chefe da Inglaterra, diz:

“Nada pode ser mais nojento do que essa moda bárbara e detestável. Aqueles que a sancionam não são verdadeiros cavaleiros, mas são promotores de uma grande crueldade que diminui a utilidade e o valor dos cavalos”.

O Dr. S. K. Johnson, Cirurgião Chefe do Hospital Veterinário de Nova York, dá sua opinião a seguir palavras:

“Nenhuma língua pode ser muito forte na condenação da operação dolorosa e cruel chamada docking”.

Estamos felizes em saber que esse hábito pecaminoso está diminuindo. Nas planícies ocidentais, cavalos, ovelhas e gado são criados em grande número, e o sofrimento que sofrem, especialmente durante os invernos, é horrível. Como regra, os grandes rebanhos não são protegidos contra tempestades de neve e milhares morrem de fome e de frio todos os anos. Quando jovens, eles são marcados com ferros em brasa, e muitos deles são renomeados muitas vezes. Quando são finalmente embarcados, sofrem um grande sofrimento por estarem superlotados e expostos ao calor e ao frio e, além disso, muitas vezes passam fome, são espancados e mutilados pelos tropeiros. Como a escravidão humana de antigamente, o sofrimento dos seres vivos não é levado em consideração quando há perspectiva de ganho financeiro.

XVII

Alguns males importantes

- A necessidade de uma
futura recompensa -

Deveres do povo cristão - não há desculpa para a crueldade arbitrária - leis devem ser feitas e aplicadas contra eles - os animais têm direitos - Deus finalmente redimirá todas as Suas criaturas.

A característica mais lamentável da natureza humana é a disposição do homem de sacrificar o senso de direito sobre o altar da crueldade, a fim de promover seu interesse pessoal. A moda a ser chamada de “científica” às custas da crueldade, tornou-se moda no século passado. É o renascimento das piores formas de barbárie pagã e está colocando em risco o bom nome, a paz e a felicidade de nossos países.

A lei moral da justiça, do amor e da misericórdia está sendo suplantada pela injustiça e crueldade. O homem fica tão endurecido pelo egoísmo que, se a vida de um animal inferior ou de um ser humano permanece em seu suposto caminho para a notoriedade, ele os considera meros, coisas a serem destruídas. Essa crescente propensão deve despertar todas as pessoas boas e cumpridoras da lei para fazer um esforço conjunto para proibir todas as formas de crueldade arbitrária. Parece uma grande desgraça que, nesta era de reforma, quando o mundo cristão esteja se tornando esperançoso e a humanidade como regra geral, cada vez melhor, que alguns fisiologistas desumanos insistam em chocar, não apenas o mundo cristão, mas o mundo pagão, usando as torturas mais repugnantes, que a natureza

diabólica do homem pode inventar nos corpos vivos de seres sensíveis. As pessoas boas não têm poder para ajudar, mas se desviam e choram com as misérias e horrores indescritíveis infligidos em animais.

A vivisseção foi divulgada ao público nos últimos anos pelas contínuas e persistentes experiências bárbaras, sob o disfarce da ciência fisiológica, feitas em nossos animais mais gentis e amorosos pelas mãos de homens cruéis. Como muitos outros males que mancharam as páginas da história do homem com crime e sangue, isso está destinado a continuar até que as pessoas se levantem em massa e clamem, é o suficiente. Quanto tempo esses pobres animais indefesos poderão sofrer antes que esse tempo chegue é um problema de partir o coração para homens e mulheres muitos bons resolverem.

Estamos constantemente conversando e escrevendo sobre as crueldades de outras nações, enquanto permitimos coisas piores com frequência em nosso próprio país.

Existe até uma tendência entre o povo cristão de ignorar o assunto da crueldade com os animais e considerá-lo apenas uma mera fantasia de sentimentalismo. Não esperamos reformar essa classe tanto quanto educar a nova geração para um sentimento mais alto e mais nobre. É a mente jovem, agora em processo de cultivo e disciplina, que esperamos influenciar para o bem. Quando olhamos as páginas da história e vendo a vasta quantidade de tempo, dinheiro e sofrimento necessários para realizar qualquer grande reforma, nossos corações são levados a sofrer pela natureza pecaminosa do homem. Os esforços que estão sendo feitos hoje por muitas das melhores pessoas do mundo civilizado para proibir a vivisseção devem ter o apoio de todo o povo cristão de todas as nações, e acredito que a causa tem seu apoio. Certo aqui é onde a linha deve ser desenhada; se um homem ou uma mulher se recusar a ajudar a apoiar essa grande causa humana, ele ou ela não poderá ser cristão de acordo com os ensinamentos da Bíblia, a qual diz: “Abra a boca para o burro ... seja misericordioso como seu Pai é misericordioso (...) o que o Senhor exige de você, senão que faça com justiça, ame a misericórdia e ande humildemente com teu Deus ... um homem justo considera a vida de seu animal, mas as ternas misericórdias dos iníquos são cruéis... bem-aventurados os misericordiosos... sede bondosos e de

bom coração... sede inofensivos como pombas... o correto é sempre misericordioso... ele será julgado sem piedade, quem não mostrar piedade”.

As pessoas geralmente não são informadas sobre esse assunto. Vários ministros reconheceram francamente que não conheciam a verdadeira importância da palavra vivisecção e não estavam cientes da extensão de sua prática. Pode-se dizer que essas coisas são muito horríveis de ler, mas deve ser lembrado que elas não são horríveis demais para serem feitos por mãos assassinas, e não tão horríveis, mas que os pobres animais são compelidos a suportar o sofrimento.

As reformas são trazidas sustentando os opressores ao olhar do mundo em sua verdadeira luz. A opressão e crueldade praticadas pela Inquisição e pela escravidão foram suprimidas quando as massas tornaram-se esclarecidas sobre o assunto e uniram-se em ações concertadas para apagá-las da existência. Deus ouvirá o clamor dos oprimidos. Não foi a Sua vontade, mas a desobediência do homem que trouxe pecado e sofrimento ao mundo. Suponha que Deus, na criação dos animais, deu a eles um sistema de nervos sensoriais para serem usados para fins experimentais pelo homem seria a maior blasfêmia que poderia ser atribuída a um Criador beneficente.

Deus nunca tornou necessário vivissecionar Suas criaturas inocentes e indefesas, a fim de encontrar os segredos da ciência da biologia, da fisiologia ou da anatomia. Vergonha para qualquer homem mortal que ousaria afirmar que um método de investigação tão horrível e repulsivo se tornou necessário. Como a ciência da anatomia e da fisiologia é reduzida a um sistema perfeito e completo, torna-se totalmente desnecessário recorrer aos métodos cruéis e doentios praticados por alguns anatomistas e fisiologistas.

A maneira mais rápida e melhor de estudar anatomia e fisiologia é através do uso de livros, gráficos, mapas, modelos, esqueletos, manequins e várias ilustrações, tudo isso a um pequeno custo. Todas as escolas e faculdades bem regulamentadas são fornecidas com os meios necessários para ensinar tudo o que pode ser aprendido, e a prática da vivisecção não pode adicionar algo novo ou útil. Se um aluno deseja estudar para a prática da medicina e da cirurgia, pode ser

necessário fazer um curso prático na sala de dissecação, mas em nenhum caso há vivisseccção de qualquer valor prático.

Sou portador de um diploma de uma das maiores e melhores faculdades de medicina dos Estados Unidos e nunca soube nem ouvi falar de um único caso de vivisseccção praticado dentro de seus grandes e antigos muros.

A prática da vivisseccção não é feita para o bem da humanidade, mas simplesmente para acompanhar uma moda inútil que foi recentemente introduzida no currículo do trabalho de laboratório da faculdade. O desejo de ter o curso mais extenso está no fundo de tudo, e ainda assim, existem muito poucos de nossos talentosos e úteis professores e médicos que aprovam esse curso.

Com todos os nossos pecados nacionais, tantos e tão variados, a negligência em proteger os animais contra o sofrimento e a crueldade arbitrária é a pior e a menos desculpável.

Buscamos influências morais e uma educação esclarecida para superar preconceitos e erros prevalecentes. De longe, o maior número de opiniões sobre as quais agimos na vida é adotado sob a autoridade de outras pessoas e, dessa maneira, pode ser formado um sistema de educação que se opõe à verdade moral. A educação é valiosa apenas na proporção em que torna o mundo melhor e mais feliz, e há nenhum guia seguro para liderar a multidão, exceto uma educação moral e esclarecida. Os principais erros que encontramos podem ser atribuídos a motivos originados no orgulho e na disposição perversa do coração humano, motivados por um mero entusiasmo intelectual. Os erros gerados dessa maneira possuem, geralmente, algum aspecto da beleza, da grandeza ou da simplicidade filosófica, para recomendá-los; pois, como foram enquadrados em meio a uma excitação prazerosa da mente, terão o poder de transmitir um prazer afim a outros. Mas as travessuras costumam ser mais ativas e conspícuas em segunda mão do que na de seu autor. Os imitadores tornam-se mais indiscretos e radicais do que os autores.

Mas quem, de qualquer maneira, se afasta das simpatias comuns de nossa melhor natureza, exercitando as energias da ação moral, rebatendo toda ideia que não ministra gratificação, seja por fantasia ou

por gosto, e recorrendo a um jargão de sofistas, ou a evasões triviais, quando outros homens agem de acordo com as intuições do bom senso e dos motivos corretos -, para que um homem se torne perigoso ao bem-estar de qualquer comunidade. A restrição moral serve diretamente para dissipar os erros de opinião, apresentando o senso de justiça e misericórdia como um verdadeiro guia.

O cristianismo, diferentemente da ciência humana, foi dado à humanidade de uma forma acabada, e não pode ser aprimorado, mas simplesmente aprendido pela orientação de uma consciência iluminada. Amor e misericórdia formam os principais atributos de todas as virtudes, portanto devemos “ter pena das tristezas de um pobre cachorro velho, que abana o rabo implorando por sua necessidade; desprezar nem mesmo as tristezas de um sapo, que são criaturas de Deus também, e isso é suficiente para suplicar; bichano, que confia em nós, ronronando em nossa lareira; coelho de reposição, uma vez tão brincalhão e tão livre; poupe todos os inquilinos inofensivos da terra; poupe e seja poupado - ou quem te implorará?”

A lei e os ensinamentos divinos são um padrão muito seguro de direito e dever, e formam uma regra apropriada da ética humana. Isso entronizado no coração e na vida garantirá a felicidade do indivíduo, e melhor promover o bem maior da sociedade e a felicidade do mundo.

Os esforços do homem para utilizar algo para seu propósito egoísta, independentemente da lei moral que rege essa utilidade, formaram o lado sombrio da raça humana durante todas as épocas. Usar uma coisa, sem considerar o uso adequado da lei moral pretendida, está subvertendo seu propósito e degradando o poder onisciente e bondade do Criador. O certo, mal interpretado sobre o que pode parecer útil, tem sido a desculpa paliativa para as mais abomináveis crueldades e erros já praticados pelo homem. Boas pessoas que conscientemente diferem dos outros já foram consideradas hereges e prejudiciais para o mais alto bem-estar do país; e, sob a ideia de utilidade, foram mortos aos milhares.

Há muitos séculos, os escravos foram comprados com o objetivo de experimentar a vivisseção e, como era para a utilidade da ciência, o direito de fazê-lo foi concedido. Agora que os escravos não estão no

mercado, animais pobres, indefesos e inocentes são vítimas da suposta utilidade da investigação científica com todos os horrores recorrentes da idade das trevas.

O homem não tem mais direito moral a um do que a outro, pois ambos são uma usurpação de um poder dos fortes sobre os fracos, para fins egoístas e maus.

H. S. Salt, em *“Animals’ Rights”* [Direitos dos Animais], faz esta afirmação ousada:

“A condição atual dos animais domésticos mais altamente organizados é, de muitas maneiras, muito análoga à dos escravos de cem anos atrás. Olhe para trás e, no caso deles, você encontrará exatamente a mesma exclusão; e, como consequência, a mesma teimosa negação deliberada de seus direitos sociais. Olhe para trás, pois é bom fazê-lo; e então esperamos, e a moral dificilmente pode ser equivocada”.

Toda a estrutura da sociedade é baseada no fato da responsabilidade humana. Se os homens não são responsáveis por suas ações, então não pode haver justiça, lei ou garantia dos direitos dos oprimidos e do sofrimento. Daí a necessidade de leis punirem aqueles que não podem ser persuadidos por meios gentis. Sem a prevalência de leis para restringir o governo cruel, não poderia existir.

Algumas pessoas podem tentar fugir da responsabilidade moral retratada neste volume desprezioso; mas uma consciência culpada não lhes permitirá fazê-lo. Ninguém pode ver intenso sofrimento com o poder para aliviá-lo, e não fazê-lo, a menos que sua consciência seja queimada com o mais negro dos crimes e as crueldades mais dissolutas.

Em conclusão, e com referência direta ao tema deste livro, deixe-me insistir em que um dos principais argumentos para a imortalidade do homem é que a justiça nem sempre é recompensada neste mundo, e o pecado nem sempre é punido. O pecador pode ser próspero e feliz, no que diz respeito a este mundo, e os justos podem estar sujeitos a desejos e misérias perpétuas. Os inocentes podem ser cruelmente torturados até a morte, como os mártires cristãos e os animais

inferiores, e os demônios perversos que cometem tais atos desfrutam da felicidade e do luxo de um lar palaciano.

Alega-se que deve haver uma vida futura para igualar essas diferenças, o que parece razoável. Se esse é o plano de Deus para ajustar as diferenças em uma espécie de Suas criaturas, com que justiça Ele poderia excluir outra espécie que possui um sistema nervoso semelhante e suscetível a uma tristeza mental e sofrimento físico?

Está de acordo com as leis da natureza e o que sabemos do Criador Onisciente fazer uma quebra em uma lei geral que dê ao homem uma recompensa da felicidade eterna pela inocência e sofrimento, e aniquile outra espécie de Suas criaturas para o mesmo motivo?

Que todos os seres vivos são imortais e continuarão a viver em outro mundo, é a única maneira possível de as mentes finitas resolverem a questão de por que os inocentes e os bons são frequentemente compelidos a suportar um sofrimento maior do que os iníquos. As diferenças de características, raças, espécies, poderes do intelecto, se as criaturas andam, pulam, nadam ou voam, com duas ou quatro pernas, nunca resolverão a questão, pois Deus fez todos os ossos, músculos e tendões, e amarrou cada corpo com um sistema de nervos sensores e deu a cada um sua própria identidade e individualidade, sem consultar o desejo ou a escolha da criatura. Se existe um Deus que governa o universo e distribui imparcialmente a justiça e a misericórdia, que deu ao homem e aos animais inferiores os cinco sentidos, e os tornou capazes de prazer e dor, e permite tanta desigualdade evidente na terra, não é razoável acreditar que Ele corrigirá esse triste defeito em um mundo melhor por vir, onde

“Podemos desfrutar nos reinos acima
As bênçãos do amor eterno:
Quando o homem, liberado da dor e dos cuidados,
Com pássaros e animais os céus compartilharão?”

- Moor.

Outros e-books sobre a imortalidade dos animais



De acordo com a interpretação pobre de muitos teólogos, os animais têm um destino muito cruel, pois passam nesta vida tendo consciência deste mundo, se apegam aos seus donos e depois acaba tudo em nada na morte.

Em contrapartida, o Senhor Jesus deixou bem claro que os animais também recebem o cuidado especial e amoroso da parte Deus. Se a vida dos animais limita-se apenas a esta vida, não tendo transcendência, eles realmente são tão miseráveis quanto os homens perdidos, pois o destino deles é um castigo semelhante ao inferno pregado pelas Testemunhas de Jeová - embora os bichinhos sejam inocentes.

Por outro lado, a ciência vem dizendo que os animais têm consciência, emoções e inteligência muito mais do que se poderia pensar antigamente. É necessário que a teologia se desenvolva nessa área também, pois, afinal, não devemos deixar para a ciência materialista toda a definição a respeito dos animais. A Bíblia também mostra que os animais têm muito mais do que pensamos.

Alguns dos teólogos mais perspicazes, como Hank Hanegraaff, C. S. Lewis e Peter Kreeft, não apenas estão convencidos de que os animais em geral, mas os animais de estimação em particular, serão restaurados na ressurreição.

Neste e-book, o autor analisa o conceito de vida, consciência e transcendência dos animais baseado na Bíblia, bem como as implicações jurídicas e as consequências de nossas crenças no tratamento dos animais.

O autor analisa também a imanência e transcendência de Deus em toda a Sua criação e como o Cosmos misteriosamente reflete a Face do Criador.

Leitura profunda e inédita!

Link:

www.revistacrista.org/literatura_os_animais_ressuscitarao_para_a_vida_eterna.html



.Os animais têm almas e espíritos, assim como os humanos?

Neste e-book, o autor examina a intenção original de Deus e Suas condições de criação para o homem e os animais, conforme nos são apresentados na Bíblia. Também há um exame do que outros teólogos disseram sobre o assunto e suas interpretações das Escrituras.

Além da parte espiritual dos animais, o autor também analisa a intenção original de Deus em relação ao consumo de carne. É falado também da posição dos seres humanos e a dos animais no plano de Deus sobre todos. As mudanças que a Queda no pecado trouxe para nós hoje e os tempos antes e depois do dilúvio, são examinadas profundamente em suas causas.

Mas o mais importante de tudo é que o autor destaca o relacionamento de Deus com os animais, principalmente quando analisa o caso de Balaão e a Jumenta, caso este que é o mais documentado na Bíblia sobre o relacionamento de um animal com Deus.

O conteúdo deste e-book, bem como as conclusões a que o autor chegou, são todos baseados na santa palavra de Deus, a Bíblia.

Leitura profunda e inédita!

Link:

www.revistacrista.org/literatura_todas_as_criaturas_inferiores_a_parte_espiritual_dos_animais.html



A Libertação Geral da Natureza

John Wesley

—Revista Cristã—
Última Chamada

O teólogo John Wesley em seu famoso sermão intitulado "A libertação Geral" (Sermão 60), pregado em 30 de novembro de 1781, nos dá um vislumbre de como Deus restaurará todas as criaturas inferiores que por aqui viveram e sofreram injustamente por causa do pecado humano.

Os animais em geral que tão severamente sofreram por causa da maldade humana (animais de carga em particular), poderão ter sua retribuição após a morte, sendo libertados desse cativeiro da corrupção, do qual "toda a criação geme e está juntamente com dores de parto até agora" (Romanos 8:22).

Link:

www.revistacrista.org/literatura_A_Libertacao_Geral_da_Natureza.html

Obras importantes sobre Escatologia



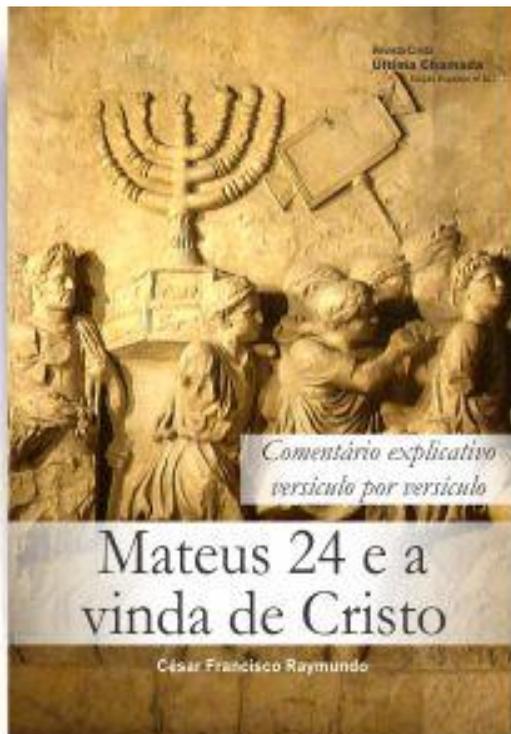
Imagine um guia simples, prático e objetivo sobre o qual um leigo possa ser iniciado no Preterismo? Esta é a proposta do e-book "Guia para iniciantes do Preterismo" escrito por Gary DeMar.

Neste e-book, o leitor encontrará um texto altamente elucidativo, notas explicativas, ilustrações e um entendimento geral sobre o que é a profecia bíblica e o Apocalipse. Também possui uma lista de grandes obras para consulta para aprofundamento no Preterismo.

Este e-book é altamente recomendado e é leitura obrigatória para aqueles que desejam iniciar seus conhecimentos para entender o Preterismo.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_guia_para-iniciantes_do_preterismo.html



.A maioria de todo o discurso atual sobre o fim do mundo e a vinda de Cristo é retirado de Mateus capítulo 24. É neste capítulo que Cristo falou dos oito sinais de sua "vinda", tais como guerras, rumores de guerras, fomes, pestes, terremotos, evangelho sendo pregado em todas as nações e o amor se esfriando.

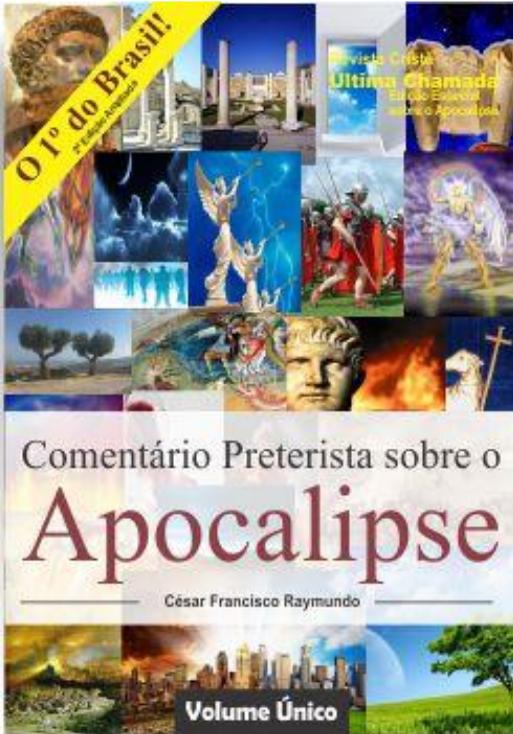
O problema é que nem sempre os cristãos acreditaram que Mateus 24 seja uma referência ao fim do mundo e a vinda de Cristo.

Pelo contrário, Mateus 24 fala não sobre o fim do mundo físico, mas sobre o fim da era judaica e a destruição do templo e Jerusalém e sobre a vinda de Jesus em julgamento contra Israel, eventos estes que ocorreram no ano 70 d.C. quando muitos discípulos ainda estavam vivos.

Nesse e-book o leitor terá um estudo detalhado e um comentário versículo por versículo sobre o que Jesus de fato ensinou em Mateus 24.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_Revista023.html



É com satisfação que apresentamos o primeiro e mais completo Comentário Preterista sobre o Apocalipse nunca antes publicado no Brasil. Nunca antes na história do país tivemos um comentário completo sobre o Apocalipse do ponto de vista preterista. Nele são comentados todos os 404 versículos do Apocalipse.

Este comentário é composto de Introdução, Evidências Internas e Externas sobre a data do Apocalipse, além de que é comentado minuciosa, exegética, histórica e gramaticalmente cada capítulo do Apocalipse. São mais de 500 páginas com conteúdo espiritualmente enriquecedor.

É um fato inédito que pela primeira vez vamos ter uma literatura que combata o que erroneamente tem sido ensinado sobre o Apocalipse nos últimos dois séculos. Sem ficção, sem fantasia e com muita base firmada em Cristo é que preparamos essa obra.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_Comentario_Preterista_sobre_o_Apocalipse_Volume_Unico.html